

CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ
Província Nossa Senhora do Rocio

UM ANO COM O SERVO DE DEUS

JOSÉ CALVI

Subsídios para divulgação do Servo de Deus
nas celebrações,
em concontros de formação e reuniões.

Pe. José Antonio Bertolin, OSJ - Vice Postulador

PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DO ROCIO
Rua João Bettega, 796 Portão
cep 81070-000 Curitiba PR
Tel. (41) 3229.1181 Fax. (41) 3229.1017
www.osj.org.br provincia@bagozzi.edu.br
provincia@osj.org.br

2015

Oração pela Canonização de Pe. José Calvi.

Ó nosso querido Pe. José Calvi, que fostes para todos límpido espelho de pureza, modelo inigualável de obediência e exemplo luminoso de caridade para com Deus e o próximo, dignai-vos impetrar também para nós essas santas virtudes, tão necessárias para nossa vida espiritual, a fim de que possamos, como vós, levar uma vida autenticamente religiosa e cristã e atrair ao caminho do céu, com o nosso exemplo, os irmãos distantes de Deus. Obtende-nos de modo particular, com a vossa intercessão junto de Deus, a graça que vos pedimos... *(especificar a graça)*.

Com aprovação eclesiástica
Dom Pedro Antonio Marchetti Fedalto
Arcebispo Emérito da Arquidiocese de Curitiba - PR - Brasil

Comunicar a graça recebida:

CENTRO DE ESPIRITUALIDADE JOSEFINO-MARELLIANA
CONGREGAÇÃO DOS OBLATOS DE SÃO JOSÉ
Rua Arlhur Bernardes, 600 - Caixa Postal 720
CEP 86808-970 - Apucarana (PR) Tel.Fax: (43) 3033-7111

www.osj.org.br – E-mail: provincia@bagozzi.edu.br
pebertolin@sjose.com.br

Introdução

No dia 9 de novembro de 2007, deu-se em Curitiba, a abertura oficial do Processo de Canonização do nosso confrade Pe. José Calvi e hoje nós o temos como **Servo de Deus**, o primeiro passo na longa caminhada desse Processo. No transcurso desses anos de empenho que a nossa Congregação assumiu, com a responsabilidade de nossa Província, pois foi nela que o Servo de Deus viveu os últimos 15 anos mais intensos de sua vida dentre os seus 32 anos transcorridos nesse mundo, e também foi nela que ele morreu, várias atividades já foram realizadas desde o ano de 2003, quando se deu-se início à coleta de materiais sobre sua vida no arquivo geral da Congregação, em Roma, e na sequência aqui no Brasil, com todo trabalho de transcrição, de tradução dos seus escritos e dos demais escritos sobre ele produzidos ao longo dos anos passados, assim como na busca das testemunhas de *visu* e de *audicto*, na constituição do Tribunal Diocesano para o seu Processo e por fim, nas várias sessões do Processo realizadas em Curitiba.

Tudo o que foi realizado até agora nos faz vislumbrar o encerramento do Processo diocesano que não aconteceu até agora devido a inesperada morte do arcebispo de Curitiba, Dom Moacyr José Vitti, ocorrida no ano passado (2014), fato esse que levou a interrupção dos trabalhos do Tribunal Diocesano. Com o novo arcebispo de Curitiba, diocese onde transcorre o Processo, recebemos a confirmação da continuidade do mesmo, o qual praticamente demanda ainda a identificação dos restos mortais do Servo de Deus que se encontram sepultados no cemitério da Água Verde, em Curitiba, e depois disso, a sessão de cláusula com o encerramento final e na sequência, o encaminhamento do Processo para a fase romana.

Na Assembleia Provincial de julho de 2015, realizada em Apucarana, assumimos o compromisso de tornar mais conhecido ao nosso povo o Servo de Deus com uma série de iniciativas, dentre as quais a de colocar um banner dele em todas as nossas obras e de celebrar todos os dias **26 de cada mês** a missa em sua

memória, pedindo a Deus a graça de sua canonização, pois todos temos ciência de que a Igreja nos ensina que a única força motriz do Processo é a fama de santidade do candidato, e que sem essa, nada se realiza, e que são as pessoas, os fiéis a quem damos a conhecer o Servo de Deus, que irão indicar à Igreja a exemplaridade de sua pessoa, que irão demonstrar como o nosso Servo de Deus influenciou suas vidas e alimentou sua fé a ponto de dirigirem a Deus suas preces, pedindo que ele seja elevado à glória dos altares.

Para facilitar essas iniciativas que visam tornar o nosso candidato elevado aos altares, propomos uma série de subsídios extraídos do material de seu Processo; trata-se de doze temas repartidos em capítulos, apenas para ajudar na escolha para cada mês. Muita coisa poderá se apresentar como redundância, contudo, colocada em seu devido contexto, somente ajudará para fortificar a ideia que devemos transmitir a respeito desse nosso santo.

Vale dizer que esses subsídios foram analisados pelos Sensores teólogos, os quais declararam na sessão do dia 21 de maio de 2008, que os mesmos não apresentavam nada que atentava contra a doutrina da Igreja ou contra a fé e a moral dos bons costumes e que o Servo de Deus estava em profunda sintonia com a Igreja e demonstrava possuir um verdadeiro amor a Deus e ao próximo. Declararam que ele era um exemplo de vida pelas suas virtudes praticadas. Salientaram também que embora o Servo de Deus tivesse saúde frágil, era uma pessoa determinada, com grande fidelidade missionária e intensa vida de oração e que era um homem simples, sociável, respeitado e querido por todos. Um verdadeiro testemunho de santidade. Homem dócil, austero, generoso e consciente de sua doença, a qual aceitou com serenidade. “Não há dúvida de que o Pe. José Calvi é um ‘homem santo’, e por isso os Examinadores declararam que eram “inteiramente favoráveis à continuidade do Processo para a Beatificação do Servo de Deus Pe. José Calvi”.

Pe. José Antonio Bertolin- Vice Postulador

Apucarana- Agosto de 2015

Sugestões para divulgação do Servo de Deus, Pe. José Calvi nas celebrações, reuniões e encontros

- 1) Celebrar uma missa todos os dias **26 de cada mês** em todas as nossas paróquias e comunidades, fazendo memória ao Servo de Deus (apresentando aos fiéis alguns episódios de sua vida, algumas graças alcançadas pela sua intercessão, etc.), e pedindo a graça para sua canonização.
- 2) Distribuir a todos os nossos leigos a oração diária pela sua canonização e incentivá-los a rezar.
- 3) Confeccionar milhares de seus santinhos e distribuí-los em nossas paróquias, nas paróquias que conhecemos nos hospitais, comércios, etc.
- 4) Nas visitas aos doentes nas casas ou nos hospitais, entregar sempre um santinho do Servo de Deus e pedir para que rezem suplicando as graças de Deus para a recuperação e também pela sua canonização.
- 5) Pedir aos que recebem graças de Deus mediante sua intercessão, que as escrevam detalhadamente, assinem e nos enviem.
- 6) Colocar em nossas paróquias, capelas, escolas, seminários, etc, em lugar de destaque, um banner do Servo de Deus.
- 7) Acostumar em nossas paróquias e capelas a rezar a oração pela sua canonização todos os dias após as missas, ou durante elas.
- 8) Distribuir as biografias do Servo de Deus às pessoas interessadas para que o conheçam (essas biografias se encontram na Província e também comigo).
- 9) Promover entre os catequizandos uma gincana de conhecimento do Servo de Deus.
- 10) Promover no dia 26 de setembro (aniversário de sua morte), uma missa “especial”, para ressaltar o Servo de Deus.
- 11) Divulgar o Servo de Deus em boletins paroquiais, sites ou blogs das paróquias...
- 12) Encontrar oportunidades para falar do Servo de Deus nos grupos de jovens, aos membros de movimentos e grupos pastorais, assim como no Conselho Pastoral Paroquial de cada paróquia.

I

O Servo de Deus, Padre José Calvi e seus exemplos.

- 1- Família humilde era a do Servo de Deus Pe. José Calvi; seu pai Giovanni, um simples carroceiro que ganhava a vida extraindo areia do leito do rio Bórmida e carregando-a para as construções do lugarejo onde morava; sua mãe, Madalena, uma dona de casa que passava seus dias no cuidado e educação dos filhos. José, uma criança tímida por natureza, calma, dócil, sorridente e caridosa; seus irmãos (Valentina, Natalino e Teresio, mais outros quatro dos quais não temos referência de seus nomes), eram pessoas simples e pobres que não despertavam nenhuma curiosidade na pacata e escondida aldeia de nome Cortemilia, do norte da Itália.
- 2- Nasceu no dia 1/05/1901 em Cortemilia e já desde criança aprendeu os rudimentos da fé. Aos 13 anos, no mês de agosto, foi recebido pelo irmão Cuffini em Asti; trazia apenas uma trouxa debaixo do braço; parecia um mendigo a pedir esmola, testemunha o irmão. No seminário se distinguia pela sua humildade, caridade e afabilidade e muita espiritualidade. Parecia um santo, dirá seu amigo Giovetto, e também dirão outros seus colegas e superiores.
- 3- Pela sua humildade até os seus professores do seminário respondiam suas perguntas na sala de aula com doçura e respeito, dirá seu colega Giuseppe Binello, coisa que não faziam com os demais seminaristas.
- 4- Era parâmetro de exemplo para os colegas e apresentado pelos superiores como um modelo a ser imitado, como dirá Pe. Cortona aos seus seminaristas: “Observem vosso confrade Giuseppe Calvi: não tem saúde, é fraco, mas com a sua dedicação consegue sempre fazer tudo, tem um comportamento edificante e é suficiente uma olhadela para perceber que é um santo”. O mesmo dirá dele seu colega Stefano Besozzi: “Ninguém pode duvidar de sua gentileza. Por causa de sua grande humildade, apresentam-se como

extraordinárias nele as virtudes da caridade e da paciência. Eu nunca o ouvi falar mal de alguém ou criticar o próximo”.

- 5- Dirá dele também, futuro superior geral, Pe. Garberoglio: “Sempre admirei nele uma misericórdia profunda, uma humildade sincera, uma modéstia angelical, uma caridade indulgente pelos colegas...”
- 6- Seu desejo era servir os irmãos como missionário, por isso, mesmo com a precariedade de saúde, partiu para o Brasil no dia 16 de setembro de 1926; tinha apenas 25 anos e no dia 02 de outubro chegava a Paranaguá para nunca mais voltar à Itália, pois permaneceria o restante de sua vida, mais 17 anos, dedicando-se até o fim ao ministério sacerdotal. Já no dia 04 de outubro estaria no Abrigo dos menores, onde, do meio dos abandonados, logo em seguida escreverá que vivia contente no meio deles e não reclamava de nada a não ser de sua pouca capacidade para desenvolver melhor o seu trabalho. Neste lugar logo começou a se manifestar os sintomas de sua doença, sobretudo a febre e a tosse, por isso, o médico o encaminhou para o Sanatório da Lapa para onde se dirigiu nos primeiros dias de janeiro de 1928; tinha se passados pouco menos de dois anos de atividade missionária no Brasil. Do Sanatório sairá depois de 5 meses de tratamento, mas voltará a ele depois de 6 meses, por mais por quase 8 meses.
- 7- Parecia que tinha se recuperado, por isso, ao deixar o Sanatório em 22/03/1929, irá passar uma semana na igreja da Água Verde e depois foi para Paranaguá onde assumiu os cuidados da igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em Paranaguá se dedicará, sobretudo à confissão; “todos querem se confessar com o santo”, escreverá Pe. Alfeu Piccardi no início do ano de 1931. Em abril de 1933 será nomeado pároco da paróquia Sagrado Coração de Água Verde, mas em novembro desse mesmo ano seus pulmões estavam irremediavelmente comprometidos e sabemos de uma sua carta de dezembro desse ano que dirá: “Ofereço a Deus as minhas dores e minha jovem vida em verdadeiro espírito de penitência”.

- 8- Mesmo com toda a fragilidade da saúde trabalhará na paróquia de Água Verde por quase três anos, mas em novembro de 1935 teve novamente uma recaída, pois seus pulmões estavam irremediavelmente comprometidos por causa de sua vontade exagerada de pregar, confessar e de ensinar o catecismo às crianças, diziam os confrades. Entretanto, conseguiu se recuperar sem ter que se internar; uma graça atribuída à intercessão de Santa Inês, diziam as Filhas de Maria da paróquia, a quem tinham mandado rezar uma missa pedindo sua intercessão.
- 9- Mas logo em seguida o Sanatório seria definitivamente seu campo missionário, pois iria internar-se definitivamente nele e passar os últimos anos de sua vida nesse lugar, onde ficará estampado na mente dos funcionários e dos doentes desse estabelecimento seu grande exemplo de humilde, sua caridade dinâmica (se privará dos seus próprios alimentos para dá-los aos mais doentes e pobres), sua disponibilidade heroica para atender a todos, sua paixão pelas almas, não deixando de assistir aos doentes até em altas horas da noite, seu profundo espírito de oração e de amor à eucaristia, etc.
- 10- Ao morrer no dia 26 de setembro de 1943, às 14h30min, os doentes do Sanatório começaram a gritar “Morreu o padre, José, o santo”. Essa constatação era unânime entre todos do Sanatório, como dirá a irmã Petra, que o assistiu nos seus últimos dias: “Tive a graça de servi-lo pessoalmente nos seus últimos quinze dias de vida, e estes foram para mim de grande graça, tanto que estava convencida de estar servindo um santo”.
- 11- Concluindo, gostaria de fazer duas considerações; a primeira diz respeito à santidade do nosso Servo de Deus constatada pelos censores do tribunal diocesano do processo de sua beatificação que disseram: “Padre José Calvi era uma pessoa que estava em profunda sintonia com a Igreja, demonstra possuir um verdadeiro amor a Deus e ao próximo; um verdadeiro exemplo de vida por suas virtudes praticadas e embora tivesse saúde frágil, era uma pessoa determinada, com grande fidelidade missionária e intensa vida de oração. Um verdadeiro testemunho de santidade. Homem dócil, austero,

generoso e consciente de sua doença, a qual aceitou com serenidade...”, por isso, os censores se posicionaram completamente a favor do prosseguimento de seu processo. A segunda é mais um questionamento que diz respeito ao nosso posicionamento frente a essa figura maravilhosa que é patrimônio de nossa família Oblata e que dentre os seus 42 anos de vida vividos, repartiu 17 deles com o Brasil. Somos privilegiados por termos a santa figura do Servo de Deus Pe. José Calvi, mas somos também responsáveis por ela, porque se ele, com sua santidade incidiu de maneira visível na vida de milhares de pessoas por onde passou, não deveria também incidir na nossa? Será que não precisamos de exemplos tão edificantes como os dele em nossa província, em nosso ministério, em nossa vida e na vida dos nossos leigos? Podemos ou não podemos fazer alguma coisa para que sua eminente figura possa perpetuar em nossas vidas e na vida da nossa Congregação? O que fizemos para que isso possa ser verdade entre nós depois que passamos a conhecê-lo com a abertura do Processo para a sua canonização, desde o dia 9 de novembro de 2007?

- 12- Auguro que o desejo do nosso então Superior Geral, Pe. Lugi Garberoglio, expresso por ocasião da morte de Pe. Calvi seja também o nosso: “Pe. José Calvi deixou a terra para ir ao céu e esperamos que como ele foi para nós aqui na terra um exemplo, seja lá no céu nosso intercessor junto a Deus, do qual conservou-se sempre afeiçoado e um apóstolo infatigável, sem contudo fazer barulho ou colocar-se em evidencia...”. Esse seu desejo implica que nós nos esforcemos para que ele seja reconhecido oficialmente pela Igreja como aquele santo que foi objeto de atenção e admiração pelos seus colegas de seminário e de vida religiosa, pelos seus educandos e paroquianos, pelos seus amigos do Sanatório São Sebastião da Lapa e pelos seus queridos colegas de infortúnio na doença.

II

Padre José Calvi é canonizável?

1- Testemunhos de quem o conheceu

Qualquer santo para ser canonizado, precisa ter a fama de santidade; contudo, mesmo com fama de santidade, nem todos os santos são canonizados. A canonização supõe a santidade, mas depende de muitas outras condições. Quando a Igreja eleva um dos seus membros às honras do altar, não somente lhe confere o título oficial de Intercessor, mas o propõe como modelo de vida cristã.

Um santo é certamente sempre apresentável como exemplo de virtudes praticadas em grau superior, mas é também verdade que cada época tem suas particulares exigências sociais, morais e religiosas, que requerem especiais tipos de santidade. E nós devemos enxergar em toda a canonização um sinal dos tempos, uma maneira eficaz e fascinante do magistério infalível da Igreja.

O povo cristão, com uma espécie de instinto sobrenatural, intui a maravilhosa atualidade dos Santos, que Deus suscita em tempos oportunos para a sua glória e para a salvação das almas.

O procedimento ordinário das canonizações abre-se com uma sanção da Igreja ao julgamento popular, que Deus antes e depois ratifica com milagres.

Podemos nos perguntar: o padre José Calvi é canonizável? Houve durante a sua vida, e persistiu depois da sua morte, esta fama de santidade sobre o seu nome?

Os muitos testemunhos locais e os escritos que até agora recolhemos autoriza-nos a afirmá-lo plenamente. Nenhuma voz é discordante; pelo contrário, uma avaliação das graças concedidas ao padre José, na opinião de algumas pessoas que o vendo demasiadamente virtuoso, supõe que fosse ele privado de tantas misérias humanas comuns.

Sentimos, portanto, o dever de completar, e onde seja necessário corrigir, o esboço da figura de padre José que traçamos sobre este periódico (Joseph),

publicando preciosas documentações as quais não somente nos confirmam a convicção de que padre José Calvi foi um autêntico santo, mas aumentam a nossa esperança de vê-lo, o mais cedo possível, encaminhado à competente Autoridade Eclesiástica para as honras dos altares.

Pe. Ermanno Capettini

2- Não lembro nenhum defeito nele

Padre José Calvi eu o conheci na idade de onze anos e não me lembro nenhum defeito nele. Era sempre dócil, calmo e sorridente. Na aula de catequese era assíduo, atento e estudioso. Apenas uma vez não preparou a lição. O arcipreste Coraglia de San Martino tinha lhe dado para estudar o Sacramento do Matrimônio. Perguntado sobre o estudo respondeu que não tinha estudado. Por quê? Perguntou o arcipreste. E ele, suscitando a hilaridade da turma, timidamente respondeu em bom dialeto cortemilese: “Perché um veu i nete marieme” (porque não quero casar-me); manteve o propósito e... como!..

Durante o tempo em que eu pude aproximar-me dele, (até às suas férias de clérigo) não recorro de tê-lo ouvido falar dos defeitos alheios: parece-me, antes, de recordar que ouvindo outros falar disso, se calasse com um leve rubor no rosto.

Pelo fato de que com bem pouca coisa ou incômodo pude fazê-lo ser aceito na família dos Padres Josefinos de Asti, ele demonstrou-me sempre uma profunda gratidão, escrevendo-me sempre, mesmo do Brasil por ocasião das festas do onomástico e do aniversário que coincidiam com aquelas da sua cara mãe (treze de maio): dia do sorriso da Imaculada à Santa Terezinha do Menino Jesus (1883), dia da primeira aparição de Fátima (1917), repetindo-me ele estas felizes coincidências e recordando-me ao Senhor, a Nossa Senhora, a São José e a Santa Tereza.

Não me lembro de outros particulares, mas tendo já passado muitos anos, permanece em mim uma salutar impressão da sua querida memória. Tenho a firme esperança que ele, lá do paraíso, preocupa-se deste pobre velho.

Pezzolo Valle Uzzone, 6 de setembro de 1947.

Giuseppe Vacchetto - Pároco

3- Previa-se nele algo de sobrenatural

Na minha longa carreira foram diversos os alunos que enveredaram o caminho do sacerdócio, dentre esses, padre Calvi, que pude, como professor do primário, citar sempre como exemplo aos seus colegas por sua boa conduta, obediência, respeito e vontade de estudar. Sobretudo pelo seu bom caráter, ele foi sempre bem querido por seu professor e seus companheiros.

Pelas suas distintas virtudes intuía-se nele algo de sobrenatural que teria levado à admiração de todos os que se aproximavam dele.

Conservo dele alguns escritos que me enviou da sua missão no Brasil: escritos cheios de gratidão, de lembranças, de orações para o seu Mestre.

É para mim uma grande satisfação poder citar essas poucas palavras em favor do saudoso meu aluno.

Cortemilia, 9 de setembro de 1947.

F. Serra – Professor

4- Comparei-o logo a São Luiz Gonzaga

Conheço Padre José Calvi desde quando era clérigo. Encontrei-o pela primeira vez na igreja paroquial, onde me dirigira para a visita ao Santíssimo Sacramento. Padre José estava ajoelhado com uma tão devota atitude, que me deixou uma extraordinária impressão: comparei-o logo a São Luz Gonzaga e interessei-me para saber quem ele era.

Cortemilia, outubro de 1947.

Anselmina Gallo

5- Era um menino muito diferente dos outros

Na minha infância eu era amigo íntimo do saudoso padre José.

Recordo-me, como se fosse agora, que nos encontrávamos juntos muitas vezes a apascentar as ovelhas. Sua brincadeira era construir um altar com pedras;

tirava a blusa colocava-a no avesso e fazia as vezes do sacerdote enquanto eu o servia.

Quando íamos buscar lenha procurava preparar o seu feixe com pequenos ramos por medo de dar prejuízo ao dono e antes de voltar para casa precisava sempre contentá-lo rezando as orações.

Se estávamos em diversos companheiros e alguém iniciasse uma conversa, ele procurava, com boas maneiras, de não falar assim, porque estaríamos pecando. Parecia impossível que da boca de um menino da nossa idade pudessem sair palavras tão boas e tão sérias.

Às vezes, apascentando as ovelhas, participavam também meninas, mas ele não queria que as meninas brincassem conosco e se nós brincávamos de marido e mulher, ele não tomava parte e dizia: “quando crescer eu me tornarei sacerdote”.

Era um menino muito diferente dos outros e mostrava-se já um sacerdote.

Cortemilia, 17 de outubro de 1950

Savina Agostino

6- Naquele instituto crescem Santos

A primeira vez que Padre José Calvi chegou a Levice, era um estudante de teologia, suscitou grande edificação nas pessoas que dele se aproximaram.

Um pai definiu-o um São Luiz vivo acrescentando: “oh, naquele instituto se formam verdadeiros santos!” (Este homem fora visitar Santa Chiara de Asti e tinha ficado muito entusiasmado pelo culto ao grande Patriarca São José que lá se cultivava). Tendo a oportunidade de conhecer pessoalmente o nosso Padre José, intuía nele a sua santidade.

Savona, setembro 1950.

Giovanni Cocino

7- Um verdadeiro apóstolo

Conheci muito bem padre José Calvi.

Fui eu mesmo a recebê-lo na nossa casa de Alba, numa manhã de agosto de 1914. Chegava da sua cidade, Cortemilia, trazia embaixo do braço um pacote e

pensei que se tratasse de alguém que pedia esmola. Fiquei com ele alguns dias e depois foi enviado para Asti com os Caríssimos (seminaristas menores).

Depois de poucos meses da sua ordenação sacerdotal, em 1946, foi para o Brasil onde me encontrava há cinco anos, com os padres Afonso Rivelino e Carlos Ferrero. Conhecendo-o como uma pessoa de pouca saúde, fiquei muito admirado com ele; mas o Superior, padre Adamo, disse-me: “ele fará um grande bem”.

Foi destinado ao Abrigo dos Menores para ajudar o Padre Emilio Martineto, e naquela casa de recuperação de Curitiba não usava de rigor, mas agia com doçura e paciência. Lá, pelo demasiado trabalho, adoentou-se e precisou internar-se no Sanatório da Lapa. Apenas se restabeleceu, voltou, - com muita tristeza por deixar os doentes, as irmãs e os médicos, - junto aos confrades e passou alguns anos em Paranaguá e na Água Verde.

São merecimentos dele os restauros da Igreja do Sagrado Coração de Água Verde. Em Paranaguá fundou a Congregação Mariana e ainda hoje o recordam com lágrimas nos olhos e dizem “aquele era um verdadeiro santo, era um padre que fazia o bem mesmo apenas com seu exemplo”.

Os operários do Porto o estimavam mais do que aos outros padres. Todos o queriam como confessor. Uma vez uma senhora perguntou pelo padre enquanto Pe. José Calvi estava saindo para celebrar; ele tirou os paramentos sagrados e foi para o confessionário; enquanto estava para sair apresentou-se uma velha que o parou ainda por meia hora. Perdi a paciência, mas quando ele voltou à sacristia disse-lhe: “atrasou-se, e não se pode fazer o povo esperar assim”. Padre Calvi calmamente sorriu-me. Fui reprovar a velha que há pouco entrara no confessionário, e tinha visto fazer a Comunhão, dizendo-lhe a “culpa é sua, pois se não era por causa da Comunhão poderia deixar de confessar-se”. E aquela senhora me respondeu: “ele me dá tantos bons conselhos”!

Pregava muito, não ousava olhar no rosto as pessoas. As suas pregações eram claras, persuasivas, penetrantes e agradáveis. Nunca se recusava e quando tinha que fazer alguma pregação improvisada ele era o encarregado.

No Sanatório, foi o conforto de todos, a salvação de muitos; as irmãs o veneravam como um santo, os mais endurecidos no pecado não recusavam a sua visita e mais de uma vez senti com meus ouvidos os doentes que diziam: “Padre José é um santo”.

Fui visitá-lo, pela ultima vez, em 13 de setembro de 1943. Estava presente o Padre Natal Brusasco, alma bela, cheio de caridade, que esquecia a si mesmo para servir aos outros. Apenas me viu, Padre José me disse: “pensava justamente no senhor, porque desejava vê-lo”.

Ficamos umas horas juntos. Antes de viajar pedi sua benção que ele me deu em voz baixa, tendo os olhos voltados para o céu; depois com voz trêmula, disse-me: “Não sei se nós nos veremos novamente, sinto-me muito fraco”. Abracei-o pela última vez entre lágrimas. Padre Natal ficou no Sanatório alguns dias e depois voltou para a Água Verde; foi chamado telegraficamente e pode assistir a agonia do confrade. O mesmo Padre Natal contou-me que quando já parecia morto, padre José fez-lhe um sinal como que lhe pedindo a última benção, e que depois de ter recebido esta benção deu um sorriso.

Morreu à tarde e seu corpo foi logo transportado para a Água Verde, onde chegou às duas horas da madrugada. Apenas avisados, os paroquianos encheram a Igreja e com os olhos banhados de lágrimas todos passaram a beijar aquele rosto angélico e quase competiam para tocar aquele corpo com o lenço ou com outro pano para guardá-lo como relíquia.

Às cinco horas da tarde, seu corpo foi levado solenemente para o cemitério. Estava presente sua Excelência o Arcebispo D. Attílio Eusébio da Rocha, o Clero secular e regular da cidade, todas as autoridades e um mar de pessoas emocionadas.

Daquele dia não cessaram mais de acender velas e de levar flores ao seu túmulo. Encontrava-me um dia, faz poucos anos, perto do seu túmulo, uma senhora tinha acendido várias velas e colocava flores frescas. Perguntei-lhe por que tinha feito isso e ela respondeu-me: “recebi uma graça importante. Para mim Padre José

é um santo, e não somente pelas suas virtudes, mas também pela sua devoção extraordinária a Nossa Senhora”.

Quando ia visitá-lo, no Sanatório, se não o encontrava em casa, apontavam-no na gruta de Lourdes; lá passava grande parte do seu dia rezando para si e pelos doentes.

As pessoas que o conheceram o recordam com veneração e tiram o chapéu quando falam dele.

Frei Pietro Cuffini, OSJ

III

8 - Humildade heroica

Recordo que o nosso Superior Geral, Padre Cortona, um dia disse-nos o seguinte: “olhem o vosso confrade José Calvi; não tem saúde, é fraco, e, todavia com a sua diligência chega a todos, edifica a todos e todos olham para ele como um santo”.

Um seu colega confiou-me: “O confrade Calvi estava para partir para as Missões. Pedi-lhe um abraço e ele abraçou-me e beijou-me. Não sei como expressar o que experimentei naquele momento. Senti-me como que espiritualizado, como que extasiado, e senti que o seu abraço não era de um colega, mas de um santo. Em suma, experimentei algo semelhante aos mesmos sentimentos que devem ter experimentado os discípulos de Emaús estando em companhia de Jesus”.

Durante os exames de teologia apresentava-se com as teses decoradas. Durante um desses exames aconteceu que teve um branco total. Encontrou-se como aqueles pregadores novinhos que embora tivessem decorado palavra por palavra a sua pregação, chegam a púlpito, talvez pela emoção ou pelo receio de encontrar-se diante de um numeroso auditório esquecem tudo e não conseguem

iniciar a sua pregação. Assim aconteceu com ele: nem sequer uma palavra, nenhum conceito, amnésia completa. Os examinadores ficaram mudos e mudo ficou também ele. Passados alguns minutos ele foi dispensado. Não tinha nem sequer saído que toda a tese, de início até o fim por inteira assim como nós vemos num espelho o nosso rosto, tinha voltado à sua mente.

Sua primeira vontade teria sido de voltar ao exame, e teria poderia ter feito isso, mas tomou aquele acontecimento não sob o aspecto escolar, mas sob o aspecto religioso e pensou que teria sido melhor para sua alma, e que teria tido mais proveito na humildade calando-se, e calou-se.

Todos viam nele um exemplar de religioso e de sacerdote. No leito de morte ele podia dizer com toda sinceridade como São João Berchmans: desde o momento que entrei na Congregação não recorro de ter transgredido voluntariamente a menor das prescrições dos nossos Regulamentos.

Padre Giovanni Nota, OSJ

9- No Sanatório era considerado por todos como um Santo

Pe. José Calvi foi o meu primeiro confessor e depois que eu o conheci se tornou um dos meus melhores amigos. Dava-me bons conselhos e instruiu-me na religião. Tinha muita caridade para com o próximo. Possuía um coração bem formado e um espírito justo.

No Sanatório era um verdadeiro apóstolo, de tal forma que granjeara de todos aqueles que o conheciam a reputação de santo e de escolhido de Deus, fama que ainda hoje continua no Sanatório.

Lapa, 16 de Setembro 1946.

Mario Bardelli

10- Até a noite tinha o sabor da Comunhão

Frequentava o quarto ano do ginásio no ano 1925-26 e devido a mudança de voz não podia participar das execuções musicais da nossa Schola Cantorum, em Santa Chiara; tive então o privilégio de atuar como acólito durante as solenes liturgias e tive a sorte de encontrar-me com o padre José, que era então, o Irmão cerimoniário.

Nunca esquecerei as maneiras boas e delicadas que ele usava enquanto nos instruía nas cerimônias; sempre paciente e sorrindo diante dos nossos erros coreográficos, repetia até quando tivéssemos aprendido discretamente o movimento. Todos recordarão a sua compostura elegante, sua precisão nas ordens no decorrer das celebrações, mesmo complicadas.

Mais de uma vez com algum bom “Caríssimo” (seminarista menor) tinha ouvido pareceres muito favoráveis sobre Frei Calvi. O comportamento humilde, correto, delicadamente afável quando precisava falar com os “Caríssimos” (Seminaristas) durante o recreio, e ao mesmo tempo exatíssimo observante das regras de separação das várias famílias da casa, impressionara-me. Pela minha preparação e formação ascética daqueles anos admirava mais virtudes nele que em qualquer outro confrade. Ouvi afirmação de que ele até a noite conservava a sensação da Comunhão recebida de manhã: sentia o dia todo o sabor das espécies eucarísticas.

Tenho ainda gravadas na mente as belas e sinceras expressões pronunciadas a seu respeito, depois da sua ida para as Missões; uma das quais espelha a sua candura de alma: era um São Luiz!

Pe. Pietro Rigon, OSJ

11- Parecia isento do pecado original

Parece-me que em 1924, José Calvi, então clérigo, vinha durante as férias de verão transcorrer um pouco de tempo em nossa casa de campo de Casabianca.

Posso atestar que a sua companhia era desejada e que seu aspecto jovial e sereno, o seu sorriso angélico suscitava pensamentos santos, tanto que dizíamos: “Que bom Irmão é José Calvi”! “Calvi parece um São Luiz!”.

Em mim nasceu até o pensamento que fosse isento do pecado original, tão grande era a sua compostura em todos os atos e a modéstia que transparecia da sua pessoa.

No meu modo de pensar, ele é um Santo.

Ir. Lino Dal Castagné, OSJ

12 - Tinha aprendido a sua santidade de seu venerado Pároco

Atesto ter sido companheira de infância do padre José Calvi, como também meu irmão que já morreu há mais ou menos vinte anos. Brincávamos juntos com prazer e ele nos contava lindas historinhas, acontecimentos e brincadeiras de adivinhar juntamente com outros companheiros mais ou menos da mesma idade; mas nas suas conversas, como nas suas brincadeiras, imitava o padre.

Um dia senti medo. Fomos ao rio Uzzone, ele para apascentar cabritos, eu para cuidar da roupa que minha mãe tinha estendido. Sem aperceber-me ele desapareceu. Não conseguindo mais enxergá-lo comecei a chamá-lo e depois de um pouco de tempo consegui vê-lo sair de um capão de mato onde tinha tirado uns ramos para fazer um belíssimo altar e uma cruz.

Nunca esquecia o rosário e levava-nos a rezar e cantar os louvores como se fazia na Igreja.

A primeira, vez que o encontrei como clérigo emocionou-me. Estava nos degraus da Igreja de São Pantaleão ajoelhado para saudar e beijar a mão do nosso saudoso pároco, Pe. Coraglia. Posso afirmar que tinha aprendido dele a bondade, a doçura e a sua santidade. Quando faleceu Pe. Coraglia, era uma unânime a voz: morreu um Santo. E assim também se diz do padre José Calvi.

Recortei da Revista Joseph sua fotografia e coloquei na cozinha para tê-lo bem perto durante as orações.

Rita Marengo in Mollea – Cortemilia

13 - Como diante de Nosso Senhor

Uma vez, encontrando-me de joelhos diante dele para receber a absolvição senti a viva e profunda impressão de encontrar-me, não diante de um jovem sacerdote, meu súdito em muitas coisas, mas diante da mesma pessoa de Nosso Senhor, pelas admoestações – poucas palavras – que calaram bem quentes na minha alma, produzindo em mim viva comoção e forte desejo de emenda e de conversão.

Coisa semelhante penso nunca ter experimentado diante de outros confessores.

Padre Fidelis Rota, OSJ

14 - Apascentando as ovelhas fazia-nos rezar

Sempre conservei uma bela recordação do padre José Calvi. Durante a infância nos encontramos muitas vezes perto do rio Uzzone, onde íamos apascentar as ovelhas. Às vezes éramos muitos e ele contava-nos historinhas edificantes e fazia-nos rezar.

Quando brincávamos de escolher a profissão ele dizia: “Eu me tornarei sacerdote”. Sua brincadeira preferida era imitar o sacerdote que rezava missa, e ele pretendia que nós participássemos em silêncio e oração. Nem todos eram da sua mesma ideia e fazíamos desfeitas porque desejávamos pular e cantar.

Eu era preferida porque tenho nome de Nossa Senhora e porque concordava na reza do rosário. Quando aparecia alguma nuvem carregada, ameaçando temporal, pedia que nos ajoelhássemos sobre o pedregulho para fazer penitência e pedir para que Deus nos livrasse da tempestade.

Agora o recorde nas minhas orações para que do céu proteja e bendiga a sua companheira daqueles tempos.

Maria Obertino in Verra – Cortemilia

15 - Perfeito no limite do possível

Conheci Pe. José Calvi durante o seu curso de Filosofia e Teologia em Santa Chiara, onde fui – se bem me lembro – seu assistente por três anos, seu prefeito por um ano, seu professor de Grego e de História durante o curso Filosófico e de História Eclesiástica durante o curso Teológico.

Durante todo esse período, tenho a afirmar que nunca pude notar nele algum defeito que pudéssemos chamar de voluntário. Era de caráter particularmente tímido, mas sabia tornar-se corajoso quando era o momento certo. Não tinha nada de extraordinário exteriormente, mas fazia tudo com toda precisão e exatidão, e esta precisão era-lhe tão habitual que parecia nele conatural.

Não preciso elencar as virtudes das quais ele dava prova: digo somente que não lembro de nunca ter tido a ocasião de fazer-lhe uma observação ou uma

admoestação, nem também lembro que o mesmo tenham feito outros superiores. Aliás, era tão dócil e obediente que podíamos estar certos de que qualquer desejo teria sido por ele acolhido com plena docilidade. Aquele juízo emitido por um seu superior daquele tempo e escrito no seu necrológio, no livro dos nossos falecidos que não se saberia dizer o que ele deveria ter a mais, pelo menos no exterior: um São João Berchmans e um São Gabriel das Dores, eu compartilho isso plenamente.

Era de saúde precária, sobretudo em relação às vias respiratórias, porém não era doente, tanto que ao doutor Capra expressava a minha admiração que, frágil como ele era, o tivessem admitido ao serviço militar; o doutor disse para mim que não havia motivos para descartá-lo.

Quase todas as noites ele tinha dois ou três sonhos, os quais depois os relatava com seus pormenores e às vezes contava aos seus colegas; muitas vezes eram justamente estes mesmos colegas que o convidavam a relatar os sonhos sonhados naquela noite, e ele com simplicidade, para contentar aos colegas, os narrava.

Todos tinham grande respeito por ele e nunca se poderia imaginá-lo dirigindo uma palavra desagradável e ofensiva a alguém; sua doçura e mansidão atraíam as pessoas: *beati mites, quoniam ipsi possdebunt terram!* (Bem aventurados os mansos, porque possuirão a terra).

Não recordo episódios particulares dignos de relevo; somente posso dizer que era, por quanto é possível, perfeito ou quase perfeito em todas as coisas, e se a heroicidade das virtudes consiste no exercício contínuo delas em todas as circunstâncias, podemos dizer que teve sempre uma virtude heroica e que – como se lê justamente de São João Berchmans – foi extraordinário nas coisas ordinárias.

Padre Luigi Mori, OSJ

IV

1- Em Memória de Padre José Calvi

No dia 26 de setembro do ano de 1943, morria em Curitiba, no Estado do Paraná, no Brasil, o nosso confrade Pe. José Calvi. Tendo as tristes circunstâncias da guerra impedido que pudéssemos fazer sua memória, passados três anos, empenhamo-nos agora em dar a conhecer aos nossos leitores esta admirável figura de religioso e de missionário, pois seria um grave erro esquecê-la.

Padre José Calvi não foi somente um bom sacerdote no sentido comum da palavra; todos quantos o conheceram recordam-no como uma alma excepcional, uma daquelas flores raras que o Senhor faz nascer, de vez em quando, entre os espinhos do mundo, para que representem um raio da bondade e beleza divinas.

Nascido em Cortemilia, (Cuneo) em 1901, e vindo entre nós ainda menino, realizou todos os estudos fazendo-se ser notado, não pela grandeza de talento, mas pela santidade da vida.

Especialmente nos anos do Liceu e da Teologia, pareceu aos companheiros um jovem excepcional: piedade singular, observância perfeita, paciência inalterável, e amor encantador; o seu porte e especialmente o seu sorriso manso tinham algo de angélico.

Todos o olhavam com admiração; e, mais de uma pessoa chegou a afirmar que a nossa Congregação tinha o seu São Luís.

Ter-se-ia dito que nasceu sem pecado original: ao invés, os seus confidentes sabem bem que a sua virtude tinha triunfado sobre uma natureza não sem vivacidade.

Durante o recreio, sem dar-nos nenhuma importância, narrava, às vezes, ingenuamente, certos sonhos maravilhosos que nos deixavam pensativos.

Logo que foi ordenado sacerdote, pediu para ser missionário, se bem que tinha a saúde delicadíssima e sempre em perigo.

“Padre Calvi, disse-lhe alguém, morrerás pelo caminho!”

“E parece-te pouca felicidade - respondeu- morrer na viagem enquanto vai-se para salvar as almas?”

No ano de 1926 partiu para o Brasil onde logo no início, ocupou-se na educação dos menores abandonados de um orfanato, então confiado aos nossos cuidados e logo, aqueles garotos, até então indomáveis, foram vencidos pela sua bondade.

Como era previsível, dado a sua frágil saúde, depois de alguns anos, adoeceu com problemas nos pulmões e teve que ser levado ao Sanatório da Lapa, cujo lugar se tornou logo para ele um novo campo de apostolado.

Parecia que um anjo tivesse chegado àquela casa de dor, tornou-se, logo o amigo indispensável de todos os doentes e um grande número daqueles pobrezinhos reencontraram nele, não só o conforto, mas, sobretudo, Deus.

Quando, depois de alguns anos, parecia, enfim, curado, os superiores o chamaram novamente. Foi um protesto geral dos doentes, das Irmãs e dos médicos. Até as autoridades do Estado intervieram para fazê-lo permanecer ali.

Tendo retornado mais tarde à Curitiba, não verdadeiramente curado, aí morreu em 1943, deixando atrás de si uma indelével recordação e a persuasão de que a nossa missão tinha tido o seu Santo.

É de se desejar que os nossos confrades do Brasil tenham recolhido as suas memórias, unidas com aquelas dos seus companheiros da Itália. Poderão servir para uma biografia que será, sem dúvida, edificante, e ensinará, sobretudo aos nossos clérigos, com qual ânimo é preciso preparar-se ao sacerdócio, e com qual dedicação viver e morrer. “Conservo ainda algumas das suas cartas. Que santinho aquele padre”!

2 - Pe. Ermanno Capettini sabe tratar um tesouro e não o desperdiça

Pe. Ermanno Capettini ao escrever a biografia de Pe. Calvi (dela vimos os esboços); não se deparou com abundantes notícias. A jornada de Pe. Calvi na terra foi breve. Nestes casos tentou-se quase fazer um pouco como os abstracionistas, que agora apinham a Quadrienal de Roma, os quais, ao invés de pintar as coisas na

sua objetividade, delas nos oferecem, antes, a visão subjetiva, extraída das sensações suscitadas pelas emoções despertadas.

Mas o autor, respeitando o material que tinha entre as mãos, deu-nos um quadro de Pe. Calvi que não podia ser melhor: agradável e persuasivo.

Deste modo trouxe-o a nós redivivo (somos-lhe gratos por isto), gentil e fino como era, no jardim das suas muitas e humildes virtudes. Passou sem molestar, sem incomodar a ninguém. Não teve a ambição de coisas grandes e as pequenas que fez como religioso e sacerdote foram tantas obras-primas de graça.

Sorriu para nós todos em sua viagem terrena, na Itália e no Brasil, com o seu sorriso cândido, espiritualizado pela virgindade. E, assim, voou angelicamente lá para cima.

Quase já para morrer pediu que lhe arrumassem a cama, para que o seu definitivo encontro com Deus fosse decoroso e pediu para que não houvesse escândalo por causa dos espasmos da sua agonia.

Ao invés, morreu repentinamente reclinando a cabeça pálida como um lírio derrotado pela vida terrena, mas que ganha, num salto, a celeste.

Foi um grande senhor da virtude, também da virtude marelliana, que recebeu dele a capacidade de fazer santos.

Já faz um longo tempo que ele se esforçava para iluminar a figura de Pe. José Calvi. Sobre ele escreveu, há alguns anos, alguns artigos no Joseph, que repensados e enriquecidos, desdobraram-se no presente trabalho.

Desejamos muito sucesso à sua fátiga aqui na terra juntamente com frutos a recolher de muitos devotos admiradores em relação ao seu e nosso confrade e que também no céu, Pe. Calvi o fecunde, apressando os tempos de sua elevação aos altares.

Pe. José Binello, OSJ

1- Publicamos para os nossos leitores a carta prefácio do Reitor Maior à biografia de Pe. Calvi.

É um convite a conhecer e fazer conhecer este nosso santo Confrade

“Caríssimo Pe. Capettini: A leitura das páginas que o senhor escreveu sobre Pe. José Calvi trouxe-me uma alegre surpresa: não sabia que tivéssemos tido na Congregação um autêntico santo.

Sou-lhe muito grato por esta revelação e, como eu, lhe deverão ser gratos quase todos os confrades, porque bem poucos são, agora, aqueles que tiveram a ventura de conhecê-lo pessoalmente.

É verdade que, desde o tempo de estudantes, ouviu-se falar deste padre como de um santinho; mas as notícias eram poucas e ele vivia tão longe que aquilo que se dizia dele não nos impressionava muito: um Missionário doentio que, num ângulo do Brasil, gastava a sua vida silenciosamente a assistir outros doentes como ele, não era um fato que tocasse muito a nossa fantasia de jovens estudantes.

Também no Brasil, onde cheguei poucos anos depois da sua morte, fiquei sempre longe dos lugares onde ele tinha vivido.

Porém, pensando bem, havia algo que deveria fazer-me refletir: cada vez que eu ia a Curitiba fazia naturalmente uma visita ao cemitério de Água Verde, onde repousam todos os nossos padres mortos no Brasil. Sobre o túmulo de Pe. Calvi encontrava quase sempre flores frescas.

Ao menos duas vezes, viajando nos trens do Paraná, aconteceu de encontrar pessoas que, tendo conhecido o Pe. José, ao saber que eu era um padre josefino, recordavam-no como um santo.

Lendo, agora, estas páginas, senti viva pena de nunca ter ido ao Sanatório da Lapa, onde o nosso santo confrade imolou a sua vida. Lá teria podido colher o sentimento genuíno de quem tinha vivido e tinha sofrido com ele.

De qualquer modo, se tiver a sorte de voltar ao Brasil, certamente não faltarei de fazer esta visita; antes, estou seguro que, antes de mim, lá irão os nossos confrades que se encontram no Brasil, logo que lerem estas páginas.

Como o senhor vê, caro Padre, o seu breve trabalho tem, sem dúvida, o mérito de suscitar interesse em torno do nome e da vida de Pe. Calvi. Porém, o senhor deve prometer uma coisa: completar este trabalho; o leitor muitas vezes encontra-se insatisfeito no seu desejo de saber algo mais, de saborear, com maior calma, certos aspectos da vida do seu herói. Mas, o senhor parece querer tê-la cioso para si, e corre, corre em direção do fim, até que pode dizer-nos com o bom Pe. Natal: “Pe. José está aqui fora: é preciso levá-lo à Igreja”.

Pe. Pedro Magnone - Roma, 20/2/60.

2- Como o meu Fundador

(Padre José Calvi, verdadeiro discípulo e imitador de Dom Marelli)

Dá muito prazer, a quem ama e admira um belíssimo modelo, vê-lo fielmente reproduzido em perfeitos exemplares, que de certo modo dele estendem e multiplicam as qualidades e atrativos.

Assim, eu penso que serão muitos que se alegram com íntima e suave alegria ao ler a breve biografia do nosso missionário, Pe. José Calvi, que o seu confrade e companheiro de escola, Pe. Ermanno Capettini compilou “com verdadeiro intelecto de amor” (Ermanno Capettini – Pe. José Calvi – Edições ‘Joseph’, Asti).

Escrevi intencionalmente a breve biografia, porque, como observa justamente o nosso Superior Geral na carta de apresentação dirigida ao autor, “O leitor muitas vezes se encontra insatisfeito em seu desejo de saber algo a mais, de saborear com maior calma certos aspectos da vida do seu herói”.

E isto é bom sinal: é sinal de que a vida do jovem confrade interessa, atrai, estimula; é sinal de que o autor soube apresentá-la e expô-la bem, como um hábil cozinheiro que sabe preparar os alimentos de modo a não cansar e nausear desde o princípio, mas sim de conservar e estimular o apetite até o fim do banquete, que no nosso caso é altamente espiritual, matéria e estímulo a ruminar, meditar, assimilar aquilo que com tanto gosto foi lido e saboreado.

Nós viremos aqui (prossequindo na imagem acenada) assinalar alguns destes alimentos, escolhendo-os entre os melhores e mais saborosos. E, antes de tudo, eis aquilo que, no nosso parecer, deve constituir para todo religioso aquele pão quotidiano que está na base de toda sã alimentação: a imitação do próprio Fundador.

Lemos, de fato, na página 28 desta breve, mas tão preciosa biografia, estas palavras tiradas da oração de Pe. José por ocasião da sua Primeira Missa: “Ó Jesus, fazei-me operoso no silêncio, amantíssimo no escondimento, sedento de humilhações, ardente de justiça como o meu Fundador. Ó Jesus, não vos peço consolações e sucessos, que possam fazer-me crer em ser alguma coisa. Que eu goze em ver-me pobre, um bom para nada... Livrai-me de todo interesse nos meus ministérios: que eu busque só Vós, meu único eterno bem... De agora em diante, que não haja um minuto que não seja para Vós”.

Enquanto o nosso jovem sacerdote pede e se propõe de ser como o seu Fundador, dele fixa e caracteriza em poucas expressões toda a complexa fisionomia, o espírito mais profundo e autêntico, o ideal mais simples e genuíno. Ele recorda e evoca a si mesmo as palavras saídas da caneta e do coração de Dom Marelló ao traçar o programa da sua nova Fundação. “A quem deseje seguir de perto o Divino Mestre com a observância dos Conselhos Evangélicos, está aberta a Casa de São José, onde, retirando-se com o propósito de aí permanecer escondida e silenciosamente operoso na imitação daquele grande modelo de vida pobre e obscura, poderá fazer-se verdadeiro discípulo de Jesus Cristo... O Irmão de São José não é religioso professo, mas simplesmente Oblato, que se oferece continuamente a Deus para tender à perfeição, desapegado de todo gozo terreno de corpo e de espírito”.

Padre José Calvi encarnou em si mesmo este ideal. A biografia dele, que nos vem agora apresentada, mostra como ele manteve fielmente os propósitos da sua Primeira Missa, enquanto o Senhor dignava-se escutar a sua oração, tão sincera e fervorosa. Lemos, de fato, na página 43: Pe. José colocou-se completamente à disposição dos confrades, que tiveram nele, mais do que um colaborador cheio de

boa vontade, um devoto servidor. “Ele possuía aquela humildade muito rara que reconhece lealmente os méritos dos outros, ignorando os próprios, e aquela caridade ainda mais rara que se oferece sem reservas de segundos fins ao sucesso dos outros”.

Essas palavras dizem muito, dizem tudo; porque quando há a verdadeira humildade, há todo o resto, já que, na vida espiritual, a humildade é como a raiz na árvore, através da qual é absorvida a linfa que a fecunda e faz-lhe produzir flores e frutos; é como os fundamentos no edifício, sobre os quais se baseia e eleva-se toda a construção, que quanto mais os fundamentos forem amplos e profundos, tanto mais poderá elevar-se.

A humildade verdadeira vai inseparavelmente unida com a submissão e a obediência, com a modéstia e a pureza ilibada, aquela pureza da qual diz Dom Marelli, que é “um esplendor, um raio da divindade refletido na alma”.

Lemos na página 43: “A obediência de Pe. José tinha a delicadeza da sua castidade virginal, dir-se-ia a mesma trepidação que sentia pela bela virtude”. Com esta pincelada magistral o biógrafo nos abre os mais vastos horizontes sobre a vida do nosso jovem confrade, e visuais e panoramas de uma beleza e amplitude sem confins.

Pe. Ângelo Rainero, OSJ

3- O Pároco de padre José Calvi

O “Boletim Diocesano Albese”, no seu número de agosto-setembro de 1960, dedica três páginas e meia ao Pe. José Calvi, proposto aos sacerdotes pela “Pia União Adoração Quotidiana”, como sujeito de meditação eucarística.

Com todo direito, a Diocese de Alba pode contar Pe. José Calvi entre as mais dignas figuras do seu clero, porque, da educação cristã dele, da sua vocação sacerdotal religiosa, é dever dar disto grande mérito ao pároco de São Pantaleão de Cortemilia, Pe. Michele Coraglia, e ao vigário paroquial, Pe. José Vacchetto. Quanta veneração e gratidão para com estes dois sacerdotes conservou sempre Pe. José! Admirava neles, sobretudo o zelo e a caridade.

Também Pe. Vacchetto tinha desejado tornar-se missionário, antes, tinha sido aceito pelo Instituto da Consolata, mas não pôde jamais, por dificuldades externas, efetuar o seu propósito. Convidando-o para assistir à sua Ordenação Sacerdotal, Pe. José manifestou-lhe a própria esperança de podê-lo ter como companheiro de apostolado no Brasil. Não possuímos a carta de Pe. José, mas temos aquela de resposta de Pe. Vacchetto, que nos desvenda a santa amizade dos seus corações.

Ei-la: “Cortemilia, 14 de outubro de 1925.

Caríssimo irmão José,

Hoje, a sua irmã me entregou a sua gratíssima carta.

Você tem todas as razões de queixar-se comigo, mas que quer sou assim feito com todos. A caneta parece-me tão pesada que, para decidir a tomá-la nas mãos, leva tempo!

Quanto me dá prazer a bela notícia da sua não distante Ordenação Sacerdotal! A esperança de assistir a sua Missa consola-me um pouco da retardada minha partida para as Missões na África equatorial. Fui aceito pelo Instituto das Missões Estrangeiras da Consolata de Turim, e no fim deste mês ou no princípio do próximo, teria partido se o meu Bispo não me tivesse imposto de esperar ainda um ano para poder-me substituir.

Deu-me tanto prazer e lhe agradeço pela sua confiança. Compartilho o seu desejo e ficaria muito feliz de caminhar ao seu lado, mas deixemos que tudo seja feito pela Divina Providência, que do nosso desapego e da renúncia dos nossos desejos saberá servir-se para um bem das almas talvez muito maior. Fôssemos mesmo aos antípodas, poderemos sempre estar unidos em espírito no Coração Santíssimo de Jesus.

Ainda não perdi toda a esperança de poder partir na próxima expedição, neste caso, contaria de ir, antes, saudá-lo.

Oremos muito, um pelo outro, para que se cumpra em nós, perfeitamente, a vontade de Deus. Abraçando-o em Jesus Cristo, retribuo cordialmente as

saudações a você, aos Reverendíssimos Superiores e Confrades, também da parte do Reverendo Clero de Cortemilia.

Sempre seu afeiçoadíssimo em Jesus, Maria e José.

Sac. Vacchetto José

NB- Pe. Vacchetto foi sucessivamente pároco de Todocco e de Pozzolo Valle Uzzone e, morreu em Cortemilia, seu lugar de origem, em 24 de março de 1955, com 83 anos de idade.

Era amigo de família na casa Calvi, confessor da mãe de padre José, Maria Madalena Lustrini, que tinha consagrado a Nossa Senhora este seu filho, antes que nascesse, e o tinha educado na religião com os seus exemplos de fé vivida.

Quando Pe. Vacchetto foi solicitado para testemunhar sobre Pe. José, escreveu: “Conheci-o na idade de 11 anos. Dele, não recordo nenhum defeito.

Sempre doce, calmo, sorridente. No Catecismo sempre assíduo, atento, estudioso. Só uma vez não estudou o Catecismo. O arcepreste Coraglia, de santa memória, determinara que se estudasse o Sacramento do Matrimônio. Interrogado, por sua vez, respondeu que não o tinha estudado. Por quê? Perguntou o arcepreste. E ele, despertando a hilaridade da classe, timidamente respondeu em bom dialeto cortemiliense: Parchè mi veuj nent marieme. (não quero me casar). Ele manteve o propósito e... como!

No tempo em que pude conhecê-lo, não me lembro jamais tê-lo escutado falar dos defeitos dos outros, aliás, ele ao escutar falar de alguém, se calava e ficava com o rosto levemente vermelho. Já que, com bem pouco esforço e preocupação tinha-me ocupado para que fosse aceito junto aos Padres Josefinos de Asti, ele demonstrou-me sempre um reconhecimento, escrevendo-me sempre, também do Brasil, por ocasião de festas, de onomástico e de aniversário que coincidia com aquele da sua cara mãe (13 de maio), dia comemorativo do sorriso da Imaculada a Santa Teresa do Menino Jesus, seguido pela cura milagrosa da santa (13-5-1883), dia da primeira aparição de Fátima (13-5-1917): felizes coincidências pelas quais eu era recordado em suas orações ao Senhor, a Nossa Senhora, a São José e a Santa Teresa.

Tenho uma forte esperança que ele, do paraíso, ocupe-se deste pobre velho”. O pobre velho sentia ainda uma salutar impressão recordando, depois de tantos anos, o Pe. José sempre doce, calmo, sorridente, que se calava escutando falar dos defeitos dos outros com o rosto levemente corado.

Pe. Ermanno Capettini, OSJ.

V

1- Uma vida rica de interioridade

(Postulação Geral dos Oblatos de São José - Roma)

“Roma, 10 de outubro de 1960.

Reverendíssimo e caríssimo Padre, li com tanto prazer e gosto espiritual a breve Vida do sempre tão saudoso Pe. José Calvi, que o senhor nos quis presentear também em bela veste tipográfica. Disto sou-lhe grato e reconhecido não só pela devida exaltação de um confrade nosso, vivido sempre no escondimento, mas também porque os nossos jovens sacerdotes, clérigos, noviços e seminaristas menores poderão ainda uma vez compreender que a espiritualidade Marelliana é feita de silencioso apostolado, bem unido com a riqueza da vida interior e que é sempre válido, porque sempre de atualidade para nós, o programa do venerado Fundador: “Cartuxos em casa e apóstolos fora de casa”.

A vida do Pe. José Calvi, pelo senhor apresentada a nós como expressão do grande afeto e da grande estima que nós todos que o conhecemos sempre tivemos por ele, é vida tão escassa de fatos exteriores que se narram, como o senhor faz, em poucas linhas, mas tão rica de interioridade que ficará, por certo, como testemunho luzente e magnânimo de como se possa servir um ideal, também quando as forças

físicas não nos ajudam, quando, porém, há um vivo desejo que nos sabe levar até a grandeza do sacrifício heroico.

Obrigado, portanto, caríssimo Pe. Capettini, obrigado.

“Recomendo-me à caridade das suas orações, enquanto o saúdo cordialmente.”

Devotíssimo

Pe. Mário Piazzano, OSJ.

2- No XX Aniversário da morte de Pe. José Calvi

Há vinte anos, em 26 de setembro de 1943, no Sanatório da Lapa, no Paraná, morria o Pe. José Calvi. Tinha 42 anos de idade, 17 de sacerdócio e de vida missionária no Brasil.

Quantos o conheceram recordam-no sempre com profunda veneração. Na comunidade edificava os confrades com a sua conduta de verdadeiro religioso, observante das regras e dos votos em toda a sua extensão, sem concessões e adaptações evasivas. Escreveu nos seus propósitos: “Vim para a Congregação unicamente para fazer-me santo. Devo também estudar para ser sacerdote, mas se não puder ser sacerdote, o Senhor não me deixará faltar abundantes meios para fazer-me santo”.

Tinha recebido da natureza aqueles dons da alma que facilitam o exercício das virtudes só quando são desenvolvidos e aperfeiçoados por uma forte vontade. Contrariamente às aparências, Pe. José foi um caráter volitivo e tenaz. Dizia um seu propósito: “Desterro ao respeito humano, seja em casa, quer fora, e envergonhar-me de não me mostrar como devo ser”. Sabia controlar-se e dominar-se de modo a não ser percebido e parecer imperturbável. Um padre ancião, que tinha conhecido muito bem Dom Marelllo, conversando um dia com alguns confrades do Brasil, não hesitou em afirmar que a cópia mais fiel do Fundador era Pe. José Calvi.

A sua saúde tinha sempre sido precária. Um companheiro de escola, procurando dissuadi-lo de partir para o Brasil, de maneira brincalhona disse-lhe

que teria morrido durante a viagem. O Pe. José respondeu-lhe: “Não é uma pequena ventura morrer enquanto vai-se para salvar as almas”.

De fato, depois de poucos anos, o apostolado de Pe. José Calvi restringiu-se dentro dos confins de um Sanatório. Responsável em parte pela grave doença foi o seu zelo missionário que o submetia a fadigas desproporcionais às suas forças. Destas “imprudências” queixava-se, pela doença, agradecia. Escrevia ao Superior Geral: “O Senhor permitiu tudo para o meu bem. Ofereço-lhe as dores e a vida jovem em verdadeiro espírito de penitência, pedindo a graça de ter os meus sentimentos até o fim para oferecer-me a Ele”.

Os superiores, acolhendo o pedido dos familiares do Pe. José, tinham-lhe concedido a licença de voltar à pátria. Decidiu permanecer “com os seus caros doentes”. E, com Pe. José, no Sanatório as práticas religiosas refloresceram. Instituiu um centro local do Apostolado da Oração, fundou a associação “Apostolado do Sofrimento” que teve uma notável difusão e, publicava um folheto mensal redigido pelo próprio Pe. José; as primeiras sextas-feiras, o mês de maio, as principais festas litúrgicas eram celebradas com a participação de quase todos os internados não impedidos.

A Superiora das Irmãs testemunhou: “Estive no Sanatório da Lapa nos últimos dois anos da vida de Pe. José, e pude notar e observar de perto que verdadeiramente possuía várias virtudes em grau muito elevado. Transpareciam nele, sobretudo, o amor a Deus e o zelo pela salvação das almas, a humildade, a simplicidade, a inalterável paciência... Na capela dava-nos o exemplo da mais viva fé e ardente piedade para com o Santíssimo Sacramento.

Com indizíveis sacrifícios, nos últimos dois meses, celebrava a Santa Missa todos os dias, para não privar-se da Comunhão quotidiana... Não deixou nunca de assistir os moribundos, apesar do seu estado de extremo abatimento... Durante os últimos 15 dias tive a ventura de podê-lo servir pessoalmente. Foram, para mim, dias de grande graça, porque estava convicta de que estava servindo um santo”.

Como tinha desejado, Pe. José morreu com plena lucidez de mente, abraçando e beijando o crucifixo. Escrevia numa carta aos familiares: “O primeiro

nome com o qual foi chamada a terra que nos hospeda foi ‘Terra da Cruz’, porque este continente foi descoberto no dia comemorativo da Exaltação da Cruz. Foi chamada, mais tarde, de Brasil, pelo comércio que se fazia em larga escala, de uma madeira cor de brasa. Para nós é mais belo o nome ‘Terra de Santa Cruz’, terra onde devemos levar a nossa cruz para triunfar com a Cruz”.

Pe. Ermanno Capettini, OSJ.

3- Pe. José Calvi na recordação dos coetâneos

“Como nos sentimos pequenos diante de tanta virtude”.

Durante o verão passado foi-me enviado, não sei de onde e nem por quem, um pequeno livro do Pe. Ermanno Capettini; primeira tentativa, que eu saiba, de delinear a vida exemplar do inesquecível José.

Com interesse e comoção fiz a sua leitura, que em breve tempo terminei. O autor merece, sem dúvida, o nosso respeito e a nossa gratidão, mas, considero que, a sua obra teria se desenvolvido com uma maior riqueza de particulares, uma mais larga parte às cartas e, por eventuais escritos do seu herói.

As fotografias, em particular aquela na qual é retratada a família, levaram-me aos longínquos tempos da infância e ao pequeno mundo, nitidíssimo na minha nostálgica lembrança, da casa de vovó Rossello.

Queria difundir-me sobre as impressões trazidas, seguindo passo a passo a pura e muito breve vicissitude terrena do nosso santo, mas me detém o temor de não saber traduzir-lhes a intensidade e a multiplicidade.

A sua imagem está ancorada no meu espírito.

Como nos sentimos pequenos diante de tanta virtude!

Quem teria suposto que o frágil companheiro de escola e de brincadeiras devesse, com o auxílio da graça, subir tão alto e dar tanto brilho à família e ao local que se gloria de ser o seu berço?

A sua vida de missionário, mesmo tão uniforme que parece, às vezes, monótona, deixa-nos admirados e, ao mesmo tempo pensativos, talvez porque, para além das aparências, deixa entrever algo de arcano, de inefável.

Particularmente significativas são as cartas endereçadas ao senhor em resposta às solicitações da família para que viesse a recuperar-se na pátria a sua saúde, que estava ruim; e aquela outra ao Pe. Garberoglio, depois do anúncio da morte dos pais. Numa e noutra está manifesto o desapego das coisas terrenas, não excluídos os afetos mais caros, próprio de quem não é tocado pela dúvida que Deus, e Ele somente, seja o sentido e o fim de todo o destino humano. Não está escrito: “Ama o Senhor Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente?” E ele, o nosso José, adequou-se ao mandamento evangélico com o natural ímpeto de quem é voltado à santidade. Nisto está, no meu ponto de vista, o seguro sinal, mesmo antes dos inumeráveis testemunhos da sua admirável caridade, de uma vocação sobre-humana.

Honremos este espírito eleito, maximamente nós, que tivemos o privilégio de conhecê-lo e, queira Deus que, seja-nos reservada a alegria de vê-lo elevado à honra dos altares.

Desejaria saber a quem devo o envio do livro, ao menos para poder agradecê-lo.

Cláudio Florini (Turim – Strada G. Volante 51/3)

4- A vinda de um missionário do Brasil renova a recordação da santa figura de Padre Calvi, OSJ

Há aproximadamente 27 anos, em 26 de setembro de 1943, no sanatório de Lapa, cidadezinha do Paraná (Brasil), morria o Pe. José Calvi. Tinha apenas 42 anos, 17 de sacerdócio e de vida missionária.

Ele não tinha se limitado em dar uma pequena contribuição, mas tinha imerso no Brasil toda a sua vida, sem conjecturas e sem poupar-se. A essa altura não tinha uma saúde de ferro, por isso, os seus companheiros e os superiores procuravam dissuadi-lo de partir. “Morrerás durante a viagem”, diziam-lhe um

pouco jocosamente: *“Não é uma pequena ventura, respondia Pe. José, morrer enquanto vai-se para salvar as almas!”*.

De fato, depois de poucos anos de apostolado, no qual se submeteu a uma vida de dificuldades e de fadigas desproporcionais às suas forças, teve que internar-se em um hospital.

Queriam trazê-lo de volta à pátria.

Os seus superiores queriam enviá-lo novamente à Itália, mas o Pe. José quis ficar *“com os seus caros doentes”*. Foram longos anos de doença aceitos incrivelmente com alegria e gastos, momento por momento, ao serviço fatigante dos outros doentes.

Com indizíveis sacrifícios, nos últimos dois meses de vida celebrava a Santa Missa todos os dias para não privar-se da Comunhão quotidiana e para ter de Deus a força para assistir os moribundos, apesar do seu estado de extrema prostração.

Assim morreu o Pe. José Calvi, nosso concidadão, consumando até o último respiro a sua total dedicação a Deus e às almas.

A Superiora das Irmãs do Sanatório de Lapa disse, ao relatar sobre Pe. José: *“Vi morrer um santo!”*.

Pe. Vicente – Pároco de Cortemilia

5- Um Personagem que Honra Cortemilia

Há 34 anos de sua morte é sempre viva a memória do nosso missionário, Pe. José Calvi, recordado em Cortemilia (Cn), sua terra natal.

Pe. José Calvi, dos Oblatos de São José, missionário no Brasil, nasceu em Cortemilia (Paróquia de São Miguel), em 01 de maio de 1901.

Com 13 anos entrou na Congregação dos Oblatos de São José, fundada em Asti, pelo Santo Sacerdote Dom Marelllo.

Em 29 de maio de 1926 foi ordenado Sacerdote e 4 meses depois partia como missionário para o Brasil.

Dando-se todo para o bem das almas sem olhar para si, adoeceu e foi internado no Sanatório de Lapa, onde morreu em 26 de setembro de 1943.

As suas virtudes e o seu zelo refulgiram particularmente nos nove anos da sua hospitalização no Sanatório. Doente entre os doentes, ele foi o anjo, o apóstolo, o pai, o irmão, o amigo dos enfermos, aos quais deu exemplos de bondade sem confins, de caridade inflamada, de fortaleza e de resignação heroica.

Pouquíssimos rejeitaram dele os Sacramentos, porque era quase impossível resistir à sua doçura e mansidão.

Quantos o conheceram – menino, clérigo, sacerdote, missionário (notáveis os testemunhos de Mons. José Castella) – são unânimes em proclamar que ele era um santo.

A sua glória começou a partir do dia da sua morte.

O seu túmulo, no cemitério de Curitiba (Brasil), está ainda hoje sempre recoberto de flores que testemunham a gratidão de gente que, não em vão, se recomenda à sua intercessão.

Alguns dos seus pensamentos, tirados das cartas de familiares e aos amigos, publicadas no livro de Ermanno Capetini, “Pe. José Calvi” (Asti – Tipografia Michelerio, 1960):

Se os nossos pais sabem ser tão bons, que será do coração de Deus? Nós temos a consolação de poder sempre rezar. Nossa Senhora não abandona os seus, mesmo aqueles que lhe têm sido filhos indignos. Esperar é bem, resignar-se a tudo é dever e paz. Com o tempo tudo se acalma e se aclara.

Um pouco de penitência não faz mal.

Os padecimentos desta vida vos poupam daqueles mais longos e mais dolorosos do Purgatório.

O mundo e as pessoas digam aquilo que querem, mas não serão eles que nos consolarão no momento da morte, não seremos julgados por eles, não serão eles a dar-nos o Paraíso.

“La squilla parrocchiale” de Cortemilia, Setembro/Outubro de 1977

6- Eco Das Nossas Casas

Em 27 de julho, festa do mártir São Pantaleão, cantava a sua primeira Missa na localidade onde nasceu, o nosso confrade, *Pe. José Calvi*. Para as duas paróquias do lugar, onde este dia era vivamente esperado, foi uma bela festa de família. Pela manhã, Pe. Calvi distribuiu muitíssimas Comunhões. Depois cantou a Missa, depois, pela tarde, as Vésperas. O mal tempo impediu uma bela recitação sacra que tinha sido preparada em sua honra, mas os jovens quiseram suprir num outro dia.

Gostaríamos de recordar aqui a alegria da família e, especialmente da boa mãe que, quando veio a Asti para a Ordenação Sacerdotal do filho, tinha adoecido pela excessiva consolação.

Pe. Calvi decidiu presentear às Missões do Brasil as primícias do seu sacerdócio: partirá com outros no dia 16 do corrente mês, se estiverem prontos os documentos necessários.

7- Padre José Calvi, Missionário do Paraná

“Quero chamar-me missionário de Maria, porque foi Nossa Senhora a conceder-me a graça de partir para o Brasil”.

Assim escrevia o Pe. José Calvi pouco antes de partir para a missão josefina do Brasil. Ele, que era de delicada e fraca saúde, queria oferecer a sua vida pelo Evangelho e pelo povo de Deus.

Nasceu em 01 de maio de 1901 em Cortemilia (CN) e, com 13 anos entrou no seminário dos Oblatos de São José, em Asti. Já durante o noviciado, o padre mestre o propunha como “modelo de obediência, de piedade e de simplicidade na vida comum, sempre sereno e contente”. O primeiro sucessor de São José Marelló na guia da Congregação, Pe. Cortona, assim falava dele aos seus colegas clérigos: “Olhai o vosso confrade José Calvi: não tem saúde, é fraco, e, mesmo assim, com a sua diligência chega a tudo, edifica a todos e todos o olham como a um santo”.

Em maio de 1926 era ordenado sacerdote. Naquela ocasião, Pe. José Calvi compôs esta oração: “Ó Jesus, fazei-me operoso no silêncio, amantíssimo do escondimento, sedento de humilhações, ardente de justiça como o meu Fundador. Ó Jesus, não te peço consolações e sucessos, que possam fazer-me crer de ser alguma coisa. Que eu goze de ver-me pobre, um bom para nada... Liberta-me de todo interesse nos meus ministérios: que eu busque somente a Ti, meu único eterno bem... De agora em diante não mais um minuto que não seja para Ti”.

Só depois de quatro meses pôde coroar o seu sonho e partiu para o Brasil com outros quatro missionários josefinos. Padre José era o mais jovem e escondia os seus 25 anos sob as aparências de um adolescente. Na missão colocou-se à completa disposição dos confrades, que tiveram nele bem mais do que um colaborador cheio de boa vontade. Ele “possuía aquela humildade muito rara que reconhece lealmente os méritos dos outros ignorando os próprios e, aquela caridade ainda mais rara que se oferece, sem reservas de segundos fins, ao sucesso dos outros”.

Seu primeiro campo de trabalho foi a casa de acolhimento para meninos de rua “Abrigo dos Menores”, na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Para os jovens foi pai e amigo, dando-lhes afeto e calor humano. E o pouco tempo que lhe restava livre o empregava no confessionário e na pregação.

Depois de ano sua saúde começou a se tornar muito frágil, sensivelmente sob o peso das fadigas quotidianas, mas ele continuou cumprir ao próprio dever até quando pôde manter-se em pé. Em janeiro de 1928 Pe. Calvi era internado no sanatório de São Sebastião. Pensava em permanecer ali pouco tempo, para retornar depois entre os seus rapazes. Mas Deus queria dele outro apostolado, mais difícil e mais frutuoso: aquele do sofrimento.

Fez as vezes de capelão do sanatório sem ter este título. Sempre sereno, sempre calmo, sempre com o sorriso sobre os lábios: a sua pessoa era uma “pregação” vivente para os outros doentes. Nos mais de nove anos de permanência, doente entre os doentes, foi o anjo, o pai, o irmão e o amigo de todos. Com eles compartilhava os sofrimentos físicos e morais, dando exemplos heroicos de

bondade, zelo sacerdotal, adesão completa ao amor de Deus por ele. Naqueles anos, naquele lugar de dores, viveu com intensidade o seu sacerdócio: instituiu a associação do Apostolado da oração e aquela do Apostolado do sofrimento; fundou um jornalzinho mensal, para manter unidos e informados os doentes, também os externos ao sanatório. Ele assinava assim: um sacerdote tuberculoso. É preciso ler as suas cartas para compreender como se concentrava sempre mais em Deus para obter as graças e para depois derramá-las sobre os doentes com uma dedicação contínua ao apostolado, feito de amor generoso, de sacrifícios contínuos e de todo o tipo de sofrimentos oferecidos pela salvação das almas.

Eis alguns pensamentos tomados das suas cartas: “Se os nossos pais sabem ser tão bons, que será do coração de Deus? Nós temos a consolação de poder sempre rezar. Nossa Senhora não abandona os seus, mesmo aqueles que lhe foram filhos indignos. É bom esperar, resignar-se a tudo é dever e paz. Com o tempo tudo se acalma e se clareia”.

“Um pouco de penitência não faz mal. Os padecimentos desta vida vos poupam aqueles mais longos e mais dolorosos do Purgatório”.

“O mundo e as pessoas digam aquilo que quiserem, mas não serão eles que nos consolarão no momento da morte, não seremos julgados por eles, não serão eles a dar-nos o Paraíso”.

Agravando-se o seu mal, transcorria dia e noite em oração: queria acolher a morte com o amor de Deus no coração. Um colapso o desapegou desta vida terrena e o levou à vida eterna. Era o dia 26 de setembro de 1943. As crianças do Sanatório espalharam logo a notícia em todas as repartições gritando: “Morreu o santo”. Uma multidão impressionante participou dos funerais. Logo se começou a recorrer à sua intercessão junto a Deus, tanto no Brasil como na Itália, onde, junto com a notícia da sua santa morte, chegou logo também o eco das virtudes heroicas por ele exercitadas na sua missão. Quantos o conheceram como menino, clérigo, sacerdote e missionário são unânimes em proclamar que Pe. José Calvi era um santo.

Os testemunhos sobre a sua santidade são muitos e, por mais de dez anos, começando em 1946, a revista Joseph divulgou-os quase em cada número,

relatando também muitas graças obtidas por sua intercessão. E muito daquele material foi narrado em um pequeno volume intitulado Padre Calvi, o sacerdote tuberculoso. O missionário de Maria foi fiel ao propósito feito antes da sua ordenação sacerdotal: “Ser santo como o meu fundador”.

Hoje, com certeza, podemos dizer que foi um dos Oblatos que mais seguiu de perto as pegadas de São José Marelló.

Pe. Miguel Piscopo, OSJ

VI

Corações que agradecem ao Pe. José Calvi

1- “Revmos. Oblatos de São José –Asti

Cumpro uma promessa feita há muito tempo durante uma longa doença que tive. Encontrava-me de cama por aproximadamente quatro meses e não sentia nenhum melhora, aliás, estava quase perdendo esperança de ficar curada. Um dia recebi a revista Joseph e numa de suas páginas deparei-me com a figura oval de padre José Calvi, missionário do Paraná. Contemplei com insistência aquela imagem, que me tocou profundamente, e levada, como quem inspirada a pedir-lhe que, por sua proximidade com Deus, pedisse para mim a graça da cura.

Aquele rosto me infundia confiança e me sentia como que com certeza de que seria curada. Aquele seu sorriso ingênuo e alegre tinha a expressão da promessa, e quanto mais eu o contemplava, mais me encorajava de rezar a ele com absoluta confiança. De fato, depois daquela ocasião, comecei a melhorar, até que chegue à cura que tanto desejava.

Em reconhecimento, envio 5000 libras para ajudar nas despesas de sua canonização. Permanecerei fiel a invocar a sua intercessão e a convidar a outras pessoas que conheço de rezarem também.

Rezo ainda ao venerável Padre que me dê forças e fé ainda mais vivas, para combater e vencer os inimigos da minha alma quando chegar a minha última hora.

“Este é um atestado da graça que recebi”

Solofra (Avelino), 11-11-1953

Ost.Genoveffa D'amore (Cooperadora de São José)

(Joseph 11 de novembro de 1953 – pg 69)

NB- Agradecem também ao Pe. Calvi e enviam ofertas pela sua beatificação: N.N Teggiano (600 liras), Falco Maria(200 liras),Sasso Angela (100 liras).

2- Sobre o Pe. Calvi, recebemos esta carta, a qual a publicamos

tal qual, com a assinatura de quem a enviou:

“Sou uma devota dos falecidos, e com a morte de padre José Calvi, coetâneo e conhecido de família, sufraguei-o.

Há dois anos recomendei a ele um meu irmão gravemente doente, e tinha contra, todas as previsões de ser curado.

Agora sabendo que padre José é um grande protetor junto a Deus, recomendo-me sempre a ele e rezo através de sua intercessão pelos Missionários, especialmente por aqueles que estão na Congregação”.

Cortemilia (Cuneo), 1947

Abalon Lidia

(Joseph 11 de novembro de 1953 – pg 69)

3- “Revmos Padres Josefinos,

Sou agradecida ao Servo de Deus, padre José Calvi, por ter-me obtido com bom êxito uma graça para um meu querido parente, mediante uma novena de orações que fiz a ele; ofereço em sua honra 500 liras”.

Cortemilia outubro de 1953

Seretti Severina

(Joseph 11 de novembro de 1953 – pg 70)

4- “Revmos Padres Josefinos,

Encontrando-me, no ano passado, entre grandes sofrimentos que duraram por três meses, por causa de uma gravidez perigosa que ameaçava levar-me à morte, por causa de uma intoxicação, e uma piedosa pessoa que me assistia sugeriu-me que fizesse uma novena a Nossa Senhora do SS Rosário de Pompei, inserindo a intercessão a padre José Calvi, do qual trago comigo uma fotografia e que foi grande devoto de Nossa Senhora.

Não tinha ainda chegado ao final da novena, quando numa manhã pareceu-me ouvir uma voz suave que me sussurrava aos ouvidos: ‘Ficarás curada esta semana’. Que prodígio! Senti-me melhor e comecei a digerir alguma coisa, e logo me recuperei completamente. Neste ínterim dei à luz, felizmente, a um menino saudável. Se ele, quando for grande, quiser tornar-se sacerdote, não me oporei à sua piedosa vocação. Nossa Senhora e padre Calvi protejam-me sempre juntamente com os demais. Envio de coração uma modesta oferta.

Cortemilia,19 de Novembro de 1953.

Maria Crema

(Joseph 19 de novembro de 1953 – pg 69)

5- “O referido cheque (1000 libras) é em agradecimento pela graça recebida de padre Calvi em uma das minhas necessidades”.

Montegrino, 10 de Dezembro de 1953.

Angela Pontevia

(Joseph 10 de dezembro de 1953 – pg 70)

6- “Revmº Padre,

Agradecemos ao nosso Padre Missionário José, por termos recorrido à sua intercessão junto à SS. Trindade e por termos sido atendidos.

Pedíamos que o nosso querido Valentino fosse favorecido, entre os muitos que tinham feito o pedido, para entrar no ‘Corpo delle Guardie di finanza.’

A madrinha e seus pais oferecem 500 libras, implorando sempre a sua proteção.

Castino, Novembro de 1953.

Fam. Reggio Luigi

(Joseph 10 de novembro de 1953 – pg 70)

7- “Em mérito ao padre José Calvi,

Missionário no Brasil, meu venerável concidadão Cortemiliese, atesto este fato que me foi contado por uma piedosa senhora que o testemunhou, e que por agora quer manter-se no anonimato.

Essa senhora, à qual eu tinha dado um folheto com traços biográficos e orações para obter a intercessão do Padre junto ao bom Deus, o levou consigo quando dirigia-se ao hospital de Alba para visitar a sua filha doente. E eis que próxima de sua filha se encontrava outra pessoa doente com um tumor, pelo qual sofria atrozmente e estava reduzida a um extremo sofrimento, não tendo descanso nem de dia e nem de noite. A essa senhora veio-lhe na mente a ideia de colocar sobre o seu peito o folheto de padre Calvi, pedindo-lhe também que rezasse, e ela mesma por conta sua rezou assim: ‘Ó padre Calvi, que intercedeis tantas graças

junto ao bom Deus, tende compaixão desta pobre sofredora, reanimai-a física e moralmente. Cedo a ela a precedência das graças, embora também eu seja tão necessitada’.

Pareceu-lhe ver um padre alto e magro, de batina e estola e com um livro na mão que rezava ao lado da doente.

Pouco depois esta se dirigiu junto da mulher doente, a qual apenas vendo-a, disse aos que estavam presentes: ‘Eis a senhora da fotografia do padre Calvi o qual me fez uma graça: desapareceram as dores e me sinto aliviada’.

Depois de alguns dias essa senhora pôde transferir-se para junto de sua filha, e soube que ali morreu serena, resignada e sem dores.

Assim é a narração desta piedosa senhora que eu muito bem conheço e que merece plena fé.”

Bolaclava Marcella.

(Joseph 10 de setembro de 1953 – pg 69)

8- Em mérito ao Padre Calvi,

(Publicamos integralmente uma carta que nos foi enviada por Cossano Belbo)

“Revmº Padre,

Quero dizer-lhe o motivo pelo qual me recomendei ao missionário, padre José Calvi. Aqui em Cossano moram alguns primos do referido missionário os quais me falaram da sua bonita vida desde quando ele era ainda uma criança, depois me deram para ler um boletim onde uma senhora de Cortemilia tinha recebido algumas graças ao rezar por ele, e assim eu também me recomendei ao padre José Calvi para obter diversas graças. Sou uma viúva há três anos e tinha um filho desempregado o qual desejava entrar nelle Guardie di Finanza, mas não era uma coisa muito fácil entrar nesta referida organização; então me dirigi ao missionário e todos os dias rezava Pater, Ave e Glória a fim de que ele pedisse ao

Senhor para a sistematização do meu filho. De fato, para minha grande consolação, o meu filho já está há um ano nella Guardie di Finanza, e por isto enviei a primeira oferta. A segunda oferta foi para agradecer um feliz acontecimento de minha filha, ao tornar-se mãe pela terceira vez. Para mim o padre José Calvi é um pequeno Santo, tanto é verdade que não posso rezar para ele com as orações dirigidas aos falecidos... as orações pelas quais me dirijo a ele são sempre: Pater, Ave e Glória.

Devotadíssima: Clara Fiorina
Cossano Belbo
(Joseph 10 de julho de 1953 – pg 69)

9 - Cortemilia, 2 de fevereiro de 1954

“Revmº Padre,

No mês de outubro passado caí inesperadamente doente e passei por perigo de vida por um gravíssimo infarto. Além do capacitado e dedicado médico de família, foi chamado também o especialista, mas os meus familiares estavam sofrendo muito pelo meu estado.

Recorremos então para os meios sobrenaturais, isto é, para a intercessão dos santos, e rezei ao padre José Calvi, que foi o meu colega de infância, e ao qual sempre me dirijo a fim de que interceda por mim junto ao bom Deus, e constatei a sua intercessão em várias circunstâncias.

A minha oração foi atendida: recuperei a saúde e fiquei boa.

Sou reconhecida ao querido Padre e continuarei a rezar para ele sempre com maior confiança”.

Mollea Rita in Marengo
(Joseph 02 de fevereiro de 1954 – pg 72)

10- De uma cidade da Província de Milão,

(uma assinante que deseja permanecer anônima nos escreve)

“Encontrava-me em dificuldades financeiras e há muito tempo que esperava um crédito devido à minha irmã, por causa de um acidente com um caminhão, acontecido há cinco anos, no qual ela ficou manca e sem esperança de cura. O culpado não queria assumir a responsabilidade, mas o Tribunal o condenou. Infelizmente, neste ínterim, este senhor veio em falência e a quantia endereçada nos foi muito reduzida. Mas nem mesmo aquele pouco chegava, e um dia eu estava quase desesperada.

Lendo o ‘Joseph’, a minha atenção se voltou para o padre José Calvi, e dirigindo-me a ele com fé, prometi que se recebesse aquela pouca quantia de dinheiro, faria uma oferta para a casa de assistência aos doentes do seu Instituto. Deve-se notar que naquele dia o correio já tinha distribuído as correspondências. Contudo, às 20h, eis que me chega uma carta nas mãos contendo um cheque! Fiquei assim tão surpreendida que não sei o que dizer. Depois de esperar tanto, isto era um começo de salvação”.

Anônima

Província de Novara

(Joseph 2 de fevereiro de 1954 – pg 72)

11- “Revmos Padres Josefinos de Asti,

Tivemos a nossa querida mãe gravemente enferma por muitos meses devido a problemas cardíacos; uma recaída a levou ao extremo, não obstante a assídua assistência do bom médico de família e das repetidas intervenções de um Especialista. Todos, infelizmente, faziam um prognóstico pessimista e todos nós da família estávamos desconsolados.

Algumas pessoas nos aconselharam de recomendar-nos ao padre José Calvi, que tinha sido muito devoto de Nossa Senhora, a fim de que ele suplicasse por nós

junto a Deus e a Maria Santíssima. Colocamos sobre o coração de nossa mãe uma fotografia sua e uma peça de roupa, que ele tinha usado, e suplicamos de todo coração que nos atendesse.

As nossas orações não foram em vão: nossa mãe teve uma rápida melhora, e ainda agora nós temos o conforto de tê-la caminhando pela casa, para a grande alegria de todos.

Damos infinitos agradecimentos ao padre José Calvi, por termos sido atendidos mediante sua intercessão junto de Deus e de Maria Santíssima. Em agradecimento mandamos celebrar uma santa missa, e implorando sempre a sua proteção.”

Cortemilia, 20 de janeiro de 1955

Tereza Brandone

(Joseph 20 de janeiro de 1954 – pg 74)

12- Pelas graças recebidas de padre José Calvi,

(mandam celebrar santas missas de agradecimento Nuccia Cauda e a família Dotta, de Cortemilia. Também agradecem ao padre Calvi e doam ofertas para as obras josefinas, Ragionieri Amalia de Sesto Fiorentino e Canale Giuseppina de Alba, as quais pedem orações pela irmã doente.

(Joseph 20 de janeiro de 1955 – pg 74)

13- “Devendo hospitalizar-me,

levei comigo a fotografia do padre missionário, José Calvi, meu primo, e rezei de coração a ele para que intercedesse por mim junto ao bom Deus e as minhas esperanças e não foram em vão.

Não apenas tive que submeter-me a uma cirurgia, mas a duas, e tudo andou muito bem.

Não deixarei de agradecer muito e muito ao querido padre por ter atendido as minhas orações. Em reconhecimento ofereço a importância de uma santa missa”.

Vesime(Asti), 18 de fevereiro de 1953.

Cavalleris Ida in Balsino

(Joseph 18 de janeiro de 1953 – pg 71)

15- Agradecem ao padre José Calvi

(Brunengo Irene in Barberis e Abaton Lidia.)

(Joseph 7 de janeiro de 1956 – pg 79)

16- Encontram-se em orações confiantes e pedem a nossa ajuda:

Ao Pe. Calvi por uma importantíssima graça - Cortona Luigia ved. Ricagno, Maestro Giuseppe Ugo Romana Sacco e Família Scamuzzi,

Por uma graça muito esperada- Pizzi Annita, Maria Rinone, Maria Gasparini,

(Joseph 13 de março de 1953 – pg 76)

17- “Revmos. Padres Josefinos,

Já faz muito tempo que eu devia relatar uma graça obtida mediante intercessão do venerado padre José Calvi.

Fui levada para um hospital, em Alba, no mês de setembro de 1954, e ali permaneci um mês. Levei confiantemente comigo a fotografia de padre Calvi. Devia ser submetida a uma dolorosa cirurgia para a extração de dois fibromas já em estado avançado; porém o perigo que vinha do coração, que, tendo padecido no ano precedente um infarto, já não se sustentava mais. Tendo percebido muito bem que me encontrava em um grande perigo, supliquei ao padre Calvi para interceder por mim junto a Maria Santíssima e fui atendida: como se fosse um prodígio, e para minha imensa consolação e dos meus caros, o coração resistiu e a cirurgia teve um bom êxito.

Tanto o Dr. Borra, como Vecci e o nosso médico de família, Dr. Giannelli estiveram de acordo em dizer-me: ‘a senhora certamente é protegida por um grande santo’. Tudo isto eu atribuo à intercessão de padre Calvi, que foi um grande devoto de Maria Santíssima.

Vieram visitar-me vários sacerdotes, entre os quais o vigário geral da diocese, Mons. Gianollo; este apenas viu sobre a mesa a fotografia do Padre, imediatamente o reconheceu e me disse: ‘Este é o Padre dos josefinos de Asti, com cuja vocação contribuiu muito o nosso Pe. Vaschetto (um venerável sacerdote de Cortemilia, morto há pouco), e que no Brasil o chamavam de Padre Santo’.

Agora me encontro discretamente bem, e tenho sempre muita confiança no padre José. Em reconhecimento, ofereço 1200 liras pela bolsa de estudo em seu nome”.

Cortemilia, 13 de março de 1956

Mollea Mgo Rita.

(Joseph 13 de março de 1953 – pg 75)

18- Cavalleris Secondina recebeu uma graça de padre Calvi

e envia uma oferta para a bolsa de estudos.

(Joseph 13 de março de 1953 – pg 75)

VII

1- Padre Fidelis Rota, para missionário do Paraná,

No dia 4 de junho de 1950, enviou o seguinte relatório de uma cura, que tem algo de prodigioso, atribuída à intercessão de padre José Calvi.

“Esta manhã celebrei uma missa de agradecimento ao padre José, a pedido de um meu paroquiano, filho de italianos”.

Trata-se do seguinte fato: Os esposos Idelbrando e Diomira Dorigo têm um menino de aproximadamente cinco anos que adoeceu com a difteria. Para poder salvá-lo procuraram todos meios possíveis, utilizaram todos os remédios, mas os resultados foram negativos. O médico deu o caso do pequeno doente por perdido. Seus pais, sem mais esperanças humanamente, dirigindo-se ao padre José, prometeram mandar celebrar uma missa se obtivessem a cura do seu filho. Foram atendidos plenamente.

Depois de invocarem a graça ao padre José, o pequeno doente, que parecia um moribundo, e que não podia mais respirar, deu imediatamente sinais de melhora.

No dia seguinte, os pais, fora de si de tanta alegria, viram o seu filho vivo; eles que tinham o prognóstico dos médicos de que morreria.

Nesta noite eu sugeri os mesmos cuidados a uma mãe que tinha o seu filho com uma forte tosse, sem êxito de cura com os remédios.

Espero que o padre José interceda também neste caso”.

Portão (Curitiba), 4 de junho de 1950 - Pe. Fidelis Rota, OSJ

(Vita di Pe. Giuseppe Calvi, Ermano Capettini –

Edição Joseph Abril 1960- p 113)

2- Com grande alegria anuncio a graça recebida de padre José Calvi.

Recebi uma carta muito dolorosa de minha irmã que se encontra na França, a qual com o coração cheio de angústia me comunicava que o seu pequeno Valter, o sexto filho depois de cinco filhas, o qual por causa de uma indigestão de frutas e por febre alta, ocorreu-lhe graves conseqüências tendo as pernas paralisadas. Os médicos e os especialistas do hospital de Cannes tinham diagnosticado poliomielite.

O pensamento de que o seu filho estivesse condenado por toda sua vida, partia o coração da mãe. Ela tinha rezado muito a Maria Santíssima Assunta e me pedia de rezar também.

Os meus vizinhos me deram uma fotografia do Missionário padre José Calvi, que foi muito devoto de Nossa Senhora. Eu me dirigia a ele confiantemente que intercedesse junto a Maria Santíssima. Comecei uma novena, no dia 10 de julho, e no dia 18, recebi notícias de que o menino movimentava as pernas. Iniciei imediatamente uma outra; neste ínterim soube que os médicos queriam levá-lo à Paris para um outro internamento, e que as dores dos pais eram grandes. Mas ao término da segunda novena me escreveram que o menino tinha melhorado e que o tinham levado para casa.

Continuei sempre rezando ao padre José, e depois de um tempo, soube que ao levar de novo menino para uma outra consulta, os médicos tinham constatado que a poliomielite tinha desaparecido como por um milagre. Agora ele caminha sozinho e está sempre melhorando.

Sejam dadas graças a Jesus, a Maria e honras ao padre Calvi. Esperamos pela perfeita cura, para a grande alegria dos pais.

Em honra ao padre José Calvi envio uma oferta de 1000 liras”.

Cortemilia, 11 de novembro de 1952

Lungo Caterina

(Joseph 11 de novembro de 1952 – pg 67-68)

3- Pedi ao padre José Calvi

“Para que intercedesse ao bom Deus para libertar-me de um temor que há muito tempo me oprimia. Fui atendida completamente, para a minha tranquilidade e bem-estar. Agora intercedo a ele por uma pessoa que me é cara e que se encontra muito angustiada”.

Cortemilia, maio de 1951.

Ida Bolzino

(Joseph 23 de maio de 1951 – pg 58)

4 - Uma piedosa senhora que mora na Província de Novara,

Uma pessoa recebeu uma graça, mas que quer manter-se no anonimato, fez uma oferta de 5000 liras em honra de padre José Calvi, porque, através de sua intercessão, recebeu consideráveis graças materiais e morais, seja para si, seja para a estruturação da sua família.

(Joseph 23 de maio de 1951 – pg 58)

5 - “Visitando uma ótima senhora

que se encontrava com muito sofrimento, porque temia ter os intestinos paralisados, dei-lhe uma fotografia do padre José Calvi, meu colega de infância; coloquei-a num lugar de destaque, acendi diante dela uma vela e rezamos fervorosamente.

As orações de padre Calvi foram aceitas pela Santíssima Trindade. Improvisamente chegou o marido desta senhora, o qual é médico e encontrava-se ausente por questões de compromissos, mas que não devia ainda ter voltado; este tinha sentido em seu coração que devia voltar para a sua casa. Em casa, procurou realizar as oportunas práticas de cura para a sua senhora e esta se sentiu imediatamente serena e logo restabelecida.

Agradeço ao padre Calvi.

Finalmente recomendo sempre com forte confiança, às suas orações, para mim e para os outros. Na minha pobre cozinha, sobre um armário, tenho a sua fotografia, mantendo sempre diante dela uma vela acesa e flores. Leio com prazer o periódico Joseph.guardo outra graça de padre Calvi e espero que também esta não me seja negada”.

Cortemilia, 6 de novembro de 1952.

Rita Marengo

(Joseph 06 de novembro de 1952 – pg 68)

6- Cada dia, pode-se dizer, ele me faz sentir a sua ajuda

“No inverno passado, Valentina, a bondosa irmã de padre Calvi, deu-me para ler os números de Joseph, os quais falavam de seu irmão. Li-os com prazer, li e reli de noite enquanto estava na cama, pois por motivo de ânsia ou de preocupações não conseguia dormir, e assim o meu coração se abriu para esperança de ter no céu um válido protetor. Estou feliz em poder afirmar que a minha esperança não me deixou desiludida”.

Comecei a rezar alguns Pater, dirigindo-me com confiança a padre Calvi, com o pensamento de que se diante de Deus pouquíssimo ele pudesse ter somente a sombra de uma imperfeição, os Pater seriam dirigidos para o seu sufrágio, caso contrário, seriam para a sua honra. Em ambos os casos eu estava confiante de que isso me ajudaria.

Não falo de graças estrondosas, que certamente não as mereço, mas posso assegurar que em padre Calvi eu encontrei o apoio, a ajuda contínua em todas as dificuldades morais e materiais da vida, seja nas pequenas coisas como naquelas mais importantes. Dirijo-me a ele com confiança e quase sempre com solicitude e sou atendida.

Em certas dificuldades da minha família ele fez desaparecer obstáculos que pareciam intransponíveis, tornou-me as dificuldades mais fáceis, afastou coisas desagradáveis, trouxe-me um conforto improvisamente em certos momentos de dores agudas e de grande tristeza. Todos os dias, pode-se dizer, ele me faz sentir a

sua ajuda, também em coisas que para outros poderiam parecer acontecimentos insignificantes, mas para quem os viveu, têm grande importância e valor.

Eu desejo de todo o meu coração poder ter, antes de minha morte - tenho 71 anos - a graça de ver padre Calvi ser elevado às honras dos altares por causa de sua vida de virtudes e de sacrifício, como pela sua santa morte, para a glória de Deus, para o triunfo da religião e por um santo o orgulho da nossa cidade.

Eu tenho atualmente necessidade de muitas graças para mim e para minha família: continuarei a dirigir-me ao padre Calvi”.

Cortemilia, Festa da Assunção da Virgem Maria, 1951

Irene Molinari Bistri

(Joseph 15 de agosto de 1951 – pg 55)

7- “Lendo a biografia do querido Padre Calvi

e vendo que as pessoas que a ele tinham recorrido com confiança foram atendidas, recorri também eu. Rezei de coração que intercedesse junto ao bom Deus, à Maria Santíssima e a São José, de conceder-nos a graça de nos colocarmos aqui na França, onde já nos encontramos há anos”.

Devido a nossa idade já bastante avançada, era difícil nos colocarmos, mas para minha grande satisfação fui atendida.

Encontramos uma ótima família com pessoas bondosas, retas e religiosas: Parece-nos que nos encontramos em nossa própria casa, e podemos viver com tranquilidade as nossas práticas religiosas.

Agora eu estou rezando ao padre Calvi por uma pessoa necessitada de saúde e de tranquilidade. Ofereço uma bolsa de estudos e para a assinatura do Joseph, 1000 liras e, me esforço para tornam conhecidas a suas virtudes, ensejando que logo seja introduzida a causa de sua beatificação”.

Somos provenientes de Cossano Belbo.

Erminia Cugnasco e esposo.

(Joseph 07 de janeiro de 1952 – pg 62)

8- “Devido a minha frágil saúde,

no decorrer desta primavera tive bronquite; o médico afirmou-me que era perigosa. Já havia passados alguns dias e a febre, embora não alta, era persistente. Dirigi-me com fé ao padre Calvi, pedindo-lhe que obtivesse para mim a saúde como tinha antes, prometendo publicar a graça.

À noite, o médico não me encontrou mais com a febre e comecei a melhorar. Depois de uma convalescença um pouco demorada, agora, depois de quatro meses, devo dizer que, se não tenho a mesma saúde que tinha há um ano e meio atrás, sinto mais forças do que antes de me adoecer com a bronquite.

Agora cumpro a minha promessa em reconhecimento”.

Alba, outubro 1952 . C.E

(Joseph 26 de outubro de 1952 – pg 66)

9- “Meu filho, para ser admitido em um curso,

teve que ser submetido em junho do mês passado, a um exame de 17 matérias que compreendia o programa escolástico de três anos. As provas eram muito difíceis para se obter resultados satisfatórios na primeira sessão dos exames. Então pedi ao falecido missionário, o padre José Calvi, do qual tinha sua vida na revista Joseph, e coloquei a sua fotografia no bolso interno do paletó do meu filho a fim de que o ajudasse.

O resultado foi superior às nossas expectativas. Meu filho repetiu em setembro, somente três matérias, e as mais fáceis. Agradecida pela graça obtida mediante intercessão de padre José Calvi, mantenho a promessa de publicar a graça”.

Asti, Agosto de 1952

Giovanna Gabri.

(Joseph 26 de agosto de 1952 – pg 66)

10- Uma cooperadora, Agatina Previtera de Riposto,

procurava uma boa e piedosa empregada. Suplicou ao padre José Calvi com uma novena de orações e encontrou o que desejava. Em reconhecimento oferece 1000 liras para bolsas de estudos padre José Calvi.

(Joseph 26 de agosto de 1952 – pg 66)

11- “A nossa menina Graziella, de dois anos de idade,

depois de um trauma no joelho direito, teve artrosinovite causando inchaço e dores no próprio joelho. Especialistas e médicos a consultaram, sendo submetida a tratamentos em casa e no hospital, como também a terapias, tomando cálcios e vitaminas. Por fim, ficou engessada sete meses e depois de tirar o gesso, sua perna ficou rígida devido a uma ancilose no joelho.

Desesperada por ver a nossa filha sempre daquele jeito e tendo cada vez mais diminuída as possibilidades de cura, dirigimo-nos com fé ao padre José Calvi, pedindo obter de junto de Deus e de Maria Santíssima a graça desejada.

O nosso santo concidadão não foi insensível às nossas dores e orações. A nossa filha, que agora tem cinco anos, pode caminhar livremente, enquanto antes era preciso tê-la nos braços; dobra o joelho que tinha tido por muito tempo rígido, caminha com as duas pernas, corre e salta.

Um obrigado a padre José, com o desejo de vê-lo, o mais rápido possível, elevado às honras dos altares”.

Cortemilia, 9 de março de 1952

Maria e Secondo Previotti

(Joseph 09 de março de 1952 – pg 62)

12- “Somente quem experimentou sabe o que quer dizer encontrar um emprego nos dias de hoje.

Depois de muitos meses de ansiedade, transcorridos com o temor, não deixei nunca de rezar todas as noites ao querido padre José, meu primo, para que viesse em minha ajuda. Estava desencorajado moral e fisicamente.

As suas orações foram aceitas ao bom Deus, que iluminou a um outro meu parente, o qual me recomendou a um senhor de Vesime (Asti) que reside em Turim e que goza de máxima confiança junto a uma grande empresa Turinense.

Na ocasião da festa de todos Santos e na comemoração de todos os defuntos, participei da missa e comunguei em honra de padre José Calvi. No dia 2 de novembro ao meio-dia, recebi um comunicado de apresentar-me perante a Direção para que eu fosse contratado por três meses de prova. A alegria que eu provei é indescritível. Esta graça eu a atribuo ao padre José, e a ele rezarei para que proteja a minha família finalmente reunida.

Prometo empenhar-me em tornar conhecida a sua intercessão junto ao bom Deus e a São José, e faço votos de que o quanto antes possa ser introduzida a sua causa de beatificação”.

Turim, 11 de março de 1952

Luigi Cavalleris

(Joseph 11 de março de 1952 – pg 62)

13- Revmos Padres Josefinos,

“Várias vezes recorri ao venerável Padre José Calvi, e sempre fui atendido pela sua poderosa intercessão junto ao bom Deus.

Em reconhecimento, mandava celebrar uma santa missa aqui na paróquia de São Pantaleão, como lembrança de sua primeira missa aqui na cidade.

E agora, com o coração cheio de dor, rezo a ele para que interceda por alguns dos meus familiares muito doentes, e peço também as orações dos padres Josefinos e para todos os leitores do “Joseph”.

Confiante de que serei atendido, ofereço 1000 libras para a bolsa de estudos em nome do Padre, e agradeço”.

Devmº Cavalleris Teresio Conto

Cortemilia, novembro de 1957

(Joseph 03 de setembro de 1957 – pg 77)

14 - “Uma pessoa que me é muito querida,

tendo experimentado a eficácia das orações dirigidas ao Pe. José Calvi, pediu também na sua intercessão. Eu tinha uma grave indisposição e obtive uma ótima melhora. Agora também rezo a ele com muita confiança, a fim de que com a minha saúde, volte também a suspirada serenidade na família”.

Nice (França), fevereiro de 1952

Michelina Rolando

(Joseph 11 de fevereiro de 1955 – pg 62)

15 - O senhor Carboneris Felice,

No dia 26 de outubro de 1950, foi operado com urgência, no hospital civil de Asti, de uma úlcera gástrica perfurada e peritonite. A sua situação parecia humanamente sem esperanças.

Uma sua piedosa parente invocou a intercessão de Pe. José Calvi para ele, e por maravilha e para satisfação dos médicos e de todos, no dia 11 de novembro o doente deixou o hospital perfeitamente curado e até hoje continua a gozar de ótima saúde.

(Joseph 11 de setembro de 1957 – pg 77)

16 - Eu, Ir Geraldo Batista dos Santos, OSJ,

nascido a 19 de junho de 1953 em Minas Novas, Estado de Minas Gerais, Brasil, entrei na Congregação dos Oblatos de São José em 25 de junho de 1982 e fiz os votos perpétuos em 26 de setembro de 1999. Venho através desta relatar e

dar testemunho de uma graça recebida por interseção de padre José Calvi, OSJ, falecido no ano de 1943, deixando fama de santidade

No dia 23 de junho de 1992 fui internado no hospital Nossa Senhora das Graças em Curitiba, PR – Brasil, para submeter-me a uma cirurgia de apendicite aguda. Após os cirurgiões terem realizado a cirurgia com sucesso e já ter recebido alta para voltar para casa, comecei a me sentir mal e me deparei diante de uma nova situação: estafa de sono, ou seja, não conseguia dormir e assim passei por vários dias, mesmo com a intervenção de muitos medicamentos. Por esse motivo entrei em convulsão a qual estava me levando para a morte. Praticamente tinha chegado ao fim da minha vida e os médicos, já não sabendo mais o que fazer e não encontrando uma solução para o ataque convulsivo, se desanimaram e me deixaram para que eu viesse a falecer.

A partir deste momento comecei a ser acompanhado por médicos neurologistas e estes não sabendo o que ocorria comigo, resolveram chamar o meu médico particular: Dr. Paulo Jacques e nem mesmo ele que já tinha conhecimento de outras estafas de sono sofridas por mim, conseguiu ajudar-me e a partir daquele momento eu já estava entregue à morte. As enfermeiras me deram um banho e ali mesmo no leito eu fui deixado à espera dos meus últimos momentos com poucos minutos de vida previstos pelos médicos e pelas enfermeiras. Minha única esperança era uma graça. Tinha consciência que estava para morrer e ao meu redor ainda podia ouvir comentários desanimadores. A minha respiração já estava praticamente parando e nem conseguia respirar mais; foi então que, em uma última inspiração, senti a presença do padre José Calvi e ali o invoquei mentalmente pedindo pela sua intercessão e em questão de pouco tempo ou de segundos a convulsão cessou e minha respiração voltou a funcionar regularmente; então eu pude abrir meus olhos e com tranquilidade sentar-me à beira do meu leito e sentir-me vivo, surpreendendo a todos pela minha recuperação instantânea.

Eu estava tranquilo e aceitava confiante na graça de Deus o fim da minha vida aqui neste mundo, mas ao mesmo tempo confiei na intercessão de padre José

Calvi e por esta graça continuo a viver e sou muito grato a Deus por este seu servo que está no reino dos céus.

A minha devoção por padre José Calvi se iniciou quando comecei a ouvir comentários dos confrades e ler artigos escritos a respeito de sua pessoa em revistas publicadas pela Província brasileira da Congregação dos Oblatos de São José. Logo percebi que se tratava de um santo. Os exemplos e traços de sua vida me como vinham e me inspiravam a viver com mais intensidade o entusiasmo da minha vida religiosa. E todas as vezes que tenho oportunidade eu vou ao cemitério de Água Verde em Curitiba, onde o seu corpo está sepultado, para agradecer e rezar e ali, sobre o seu túmulo, posso ver bilhetes, cartas e flores de pessoas que vêm para agradecê-lo.

Agradeço a Deus e a seu servo por esta graça, e com este testemunho rezo para que o padre José Calvi seja reconhecido e conhecido como santo em toda a igreja.

Curitiba, 18 de fevereiro de 2001

Ir. Geraldo Batista dos Santos

17- Eu, Teodoro Brand,

nascido o aos 3 de março de 1972 , em Orleães, SC, - Brasil, sou agricultor, profissão esta que exerci toda a vida. Estado civil, casado e tenho onze filhos, sendo que dez são vivos. Venho através desta, relatar e dar testemunho de uma graça recebida por intercessão do padre José Calvi, OSJ, falecido no ano de 1943, deixando fama de santidade.

No dia 30 de março de 2004 foi internado no hospital municipal de Três Barras do Paraná - Estado do Paraná – Brasil. Eu estava passando muito mal, pois no dia 30 de março de 2004, fui vítima de um infarto. Permaneci em Três Barras até o dia 2 de abril quando fui levado para Cascavel, uma cidade situada a 100 quilômetros de Três Barras, para intensificar o tratamento, uma vez que lá é um centro maior e existem mais clínicas especializadas.

Já desacordado e muito mal, foi internado no hospital São Lucas, situado à rua Rebouças, nº 2.219 – CEP 85802-590. Permaneci neste hospital até o dia 24 de abril quando a médica cardiologista que cuidava de mim, Dra Maria Aparecida, permitiu que meus filhos me levassem de volta ao hospital de Três Barras para eles ficarem mais próximos de mim até o fim dos meus dias, uma vez que em meu coração havia um rombo causado pelo infarto.

Fiquei no hospital de Três Barras até o dia 2 de maio sendo assistido pelo Dr. Wallace Garcia e pelo Dr. Osmar A Filus. Durante esse período recebia a visita do Irmão Geraldo Batista dos Santos, OSJ, o qual trouxe um santinho com a oração do padre José Calvi e pediu para a minha família rezar para esse padre. Eles, digo, os meus familiares, dizem que rezaram muito e invocaram a intercessão de padre Calvi Milagrosamente a febre que eu tinha começou a se acalmar, e, surpreendendo a todos, os meus batimentos cardíacos também foram se normalizando e aos poucos fui recuperando os movimentos do corpo, a fala e a lucidez.

No dia 2 de maio saí do hospital e fui para casa da minha filha, Salete de Fátima Brand, a qual é enfermeira e fiquei lá sendo acompanhado pelo Dr. Wallace por mais 15 dias. Foi um período de muito sofrimento, tanto para mim quanto para os meus familiares, que diuturnamente ficaram ao meu lado.

Hoje estou bem recuperado e atribuo a minha cura ao padre José Calvi, pois pela sua graça continuo a viver até hoje. Agradeço a Deus e ao seu servo que está no reino dos céus e com esse testemunho rezo para que ele seja reconhecido como um santo em toda a Igreja .

Três Barras do Paraná, 20 de dezembro de 2004

Teodoro Brand

18 - “Chamo-me Maria Olinda Henning,

sou paroquiana do Santuário São José de Apucarana-Pr, o qual é dirigido pelos Religiosos Oblatos de São José. Nunca tinha ouvido falar sobre o Pe. José Calvi até que no final do ano de 2003, numa das missas de que participava, o

celebrante apresentou-nos em poucas palavras a figura deste santo sacerdote, entregando em seguida, para aqueles que desejassem, um santinho dele, contendo os seus dados biográficos, alguns de seus pensamentos e uma oração para ser rezada, a fim de se obter graças mediante a sua intercessão. Tomei este santinho e o levei para casa. O celebrante tinha incentivado a rezar pedindo a graça de sua beatificação.

Certo dia, sentindo uma dor muito forte no abdome, lembrei-me de Pe. Calvi, tomei a oração contida em seu santinho e rezei pedindo a Deus, mediante a intercessão de Pe. José Calvi, a graça de livrar-me desta dor e recebi a graça imediatamente, de tal sorte que no mesmo instante a dor desapareceu. Graças e louvores lhe rendo pela minha fé. Espero poder ver um dia este santo sacerdote receber da minha igreja o reconhecimento de sua santidade tornando publicamente a sua beatificação”.

Maria Olinda Henning
Apucarana, 19 de abril de 2004.

VIII

Testemunhas (de visu)

1- Benedito Soares de Campos

Nasceu na Lapa, 21 de janeiro de 1929

Aposentado, Rua Cel. Eduardo Correia 742, Lapa PR

Meu nome é Benedito, tenho 73 anos. Trabalhei por 38 anos como mecânico de manutenção no Sanatório São Sebastião. Meu Pai trabalhava lá também. Morávamos neste lugar quando eu tinha 10 para 12 anos. Foi ai que conheci o Pe. Jose Calvi. Recordo que ele reunia os meninos, filhos dos funcionários moradores do Sanatório. Ele nos ensinava a rezar, dava catecismo, rezava o terço conosco, respondia nossas perguntas e orientava em nossas dúvidas. Ele combinava conosco o dia e o horário e nos reuníamos debaixo de uma árvore perto da caixa d'água. Sei que na igreja do Sanatório ele rezava, rezava a missa e batizava as crianças... Fui coroinha dele nessas ocasiões. Ele rezava missa umas duas vezes por semana porque estava muito enfraquecido.

Era um santo, porque pregava o bem e aconselhava muito a gente. Hoje recorro a ele, como a um santo. Já tive uma graça atendida por ele quando tive problema de enfarte. Acho que era a vontade de viver que o mantinha de pé. Quando ele estava para morrer, disse que não queria ser levado embora do Sanatório, pois queria ficar com os outros doentes terminais. Mas quando ele morreu quiseram levá-lo embora. Lembro que a ambulância quebrou e não pode sair. Chamaram outra ambulância de Curitiba, e também essa se quebrou no caminho. O povo entendeu isso como sendo um sinal de que ele não queria ser enterrado fora do Sanatório, queira estar ali mesmo depois de morto, enterrado com os doentes mais simples (indigentes). Sua morte foi muito sentida, principalmente pelos doentes que eram atendidos por ele. Espero que ele seja declarado santo.

2- Antonio del Ponte

Nasceu na Lapa (PR- Brasil), 12 de junho de 1919

Aposentado, morador na Colônia São Carlos – Lapa - PR

Conheci pessoalmente o Pe. Calvi. Como eu levava-lhe a correspondência, muitas vezes ele me deu selos da Itália. Eu trabalhava no Hospital, aliás, trabalhei ali quase toda a minha vida. Ali encontrei várias vezes o Pe. Calvi, que para mim ele já era um santo, pois ele era extraordinário: fez pelos doentes tudo o que pôde e enquanto pode. Lembro que o Pe. Calvi, morava num quartinho separado, classe intermediária. Havia naquele tempo uma capela dentro do hospital, agora desativada. Ali o Pe. José Calvi enquanto pôde levantar-se, rezou e celebrou a missa. A vida dele era rezar, também no seu quartinho, atencioso, calmo com qualquer um que chegasse. Atendia os doentes para confissão e a unção dos enfermos, mesmo quando já estava muito enfraquecido. Naquele tempo o hospital abrigava uns 400 doentes, muitos abandonados pela família. Todos os dias morria gente. Fiquei impressionado o dia em que morreu uma pessoa e o Pe. Calvi estava muito fraco, não conseguia andar. Então, mesmo extremamente debilitado, pediu ao enfermeiro que o levasse nas costas até junto do corpo para fazer a encomendação. Mais ou menos uns 500 metros.

Meu pai também o conheceu. Eu comecei a trabalhar no hospital oficialmente em 1940. Antes disso fui interno dos Irmãos Maristas por 4 anos.

3-Elmira Nascimento Barroso

Nasceu em Curitiba, mas registrada em Morretes (PR - Brasil), – 13 de agosto de 1922.

Professora normalista aposentada.

Rua Marechal Deodoro, 341 (Centro Histórico), Paranaguá- PR

Meu nome é Elmira Nascimento Barroso, tenho 80 anos. Conheci o Pe. José Calvi quando eu era bem menina e ia à Igreja para pedir santinhos. Contudo se eu

falei algum dia com Pe. Calvi, não me lembro. Lembro, sim, que as pessoas diziam do Pe. Calvi que era um santo, porque era muito calmo, de palavras doces, que confortavam quem as ouvia.

4 - Paulo Gomes do Couto

Nasceu em Paranaguá, 11 de agosto de 1919 (83 anos)

Foi motorista, hoje aposentado

Av. Cel. Elísio Pereira 350, Bairro Estradinha, Paranaguá- PR

Meu nome é Paulo Gomes de Couto, tenho hoje 83 anos. Conheci o Pe. José Calvi por volta de 1932. Fui coroinha dele. Lembro-me que ele fazia expediente na Igreja (das 6 a meia-noite) para atender o povo. Os padres iam para as colônias de carro e a cavalo. O Pe. Calvi também ia, quando não pode ir mais, por causa da doença, os outros iam e ele ficava rezando na Igreja. Tinha sempre o breviário na mão, rezava a missa com muito amor e chorava na hora da consagração. Ainda hoje eu me emociono quando me lembro. Ele falava baixinho. Enquanto ele rezava o breviário, ninguém o interrompia. Eu só falava com ele depois da missa, mas ele falava pouco. Quando ele saiu daqui estava muito doente, foi para Água Verde (Curitiba), e depois ao Sanatório para morrer. João Cissi, que também estava doente e conheceu o Pe. Calvi no Sanatório, conta que o padre cortava um mamão e os passarinhos vinham comer na sua janela. Quando ele saiu daqui eu disse: “esse homem é um santo”. Agora se eu contar isso vocês não acreditam, mas eu vi um anjo ao lado do Pe. Calvi na hora da consagração. Eu via muitas vezes o Pe. Calvi porque eu era escalado como sacristão para trocar velas, e arrumar alguma coisa na Igreja e ele estava lá sempre rezando.

5- Maria Celestina Kaczka

Nasceu em Paulo Freitas (PR Brasil), 5 de junho de 1920.

Religiosa de São José de Chambéry.

Av. São José 199, Cristo Rei, 80050-350 – Curitiba - PR.

Sou a Irmã Maria Celestina, das Irmãs de São José de Chambéry, tenho 83 anos. Trabalhei no Sanatório da Lapa nos anos 1959-2002. Conheci Dona Alice Leoni, esposa do Dr. Pedrito Leoni, médico, residente no Sanatório naquele tempo. Dona Alice me contava que, segundo ela, Pe. Calvi era um santo. Dizia que no seu tempo eram mais de 1000 doentes, faltava comida e o Pe. Calvi deixava de comer para dar aos outros.

Depois disso, já fora do Sanatório, eu levava a comunhão para Dona Alice e não se passava uma semana sem que ela recordasse o Pe. Calvi. Dizia que ele fazia milagres em vida, por isso lhe confiava os seus netos. Dizia que o Pe. José era de muita oração, jejum penitência e vivia em função do irmão. Contava que seu esposo, médico, por vezes repreendia o Pe. José por deixar de comer e dizia-lhe: “o senhor deve comer, padre, sua vida é preciosa”. Mas, ele respondia: “A vida de meu irmão é mais preciosa”.

D. Alice fazia reproduzir a fotografia do Pe. Calvi e recomendava aos outros que rezassem pedindo graças. Eu mesma vi um desses santinhos na matriz da Lapa.

Testemunhas (de auditu)

1- Irmã Bernadete Bertoli (nome civil Alvira Bertoli)

Nasceu em Curupá (SC, Brasil) 12 de novembro de 1917 (85 anos)

Religiosa (Franciscana de São José, Fraternidade Madre Casemira)

Av. Brasília s/n, bairro São Roque, Hospital São Roque, 83302-120

Piraquara - PR.

Sou a Irmã Bernadete das Franciscanas de São José, trabalhei no Sanatório da Lapa nos anos 1965-1991. Ali conheci a Dona Alice, esposa do Dr. Pedrito. Ela contava várias coisas sobre o Pe. Calvi, paciente do seu marido no Sanatório. Dizia que quando estava internado ali, às vezes, o médico lhe receitava uma canja de galinha, mas o Pe. Calvi, dizia: “não, leve para os outros doentes, os mais pobres,

eles precisam mais do que eu”. Ela dizia que o Pe. Calvi era um santo. Ele era tuberculoso e ia visitar os outros doentes, dia e noite, não se recusava a atendê-los e estar com eles na cabeceira da cama dos doentes terminais. Sei que a D. Alice alcançou muitas graças através dele, por isso mandou fazer santinhos do Pe. José e distribuía para as pessoas recomendando que recorressem a ele. Ainda tenho um desses santinhos que darei a vocês. Segundo ela, ele queria ser sepultado na Lapa. Quando estava sendo transportado, já morto, para Curitiba, o carro quebrou e disseram que era porque ele não queria ir.

Conheci também a Irmã Teresinha, minha co-irmã, ela trabalhou no Sanatório no tempo que o Pe Calvi estava internado lá. Ela dizia que ele era um santo. Irmã Teresinha faleceu no ano passado e até o fim afirmou que o Pe. Calvi era um santo. Sei que ela deu aos seminaristas josefinos um banquinho que o Pe. Calvi usava para alcançar o Tabernáculo. Eu mesma ouvi dos funcionários mais antigos dizerem que ele era um santo.

2- Hilda Ferreira de Campos

Nascida na Lapa aos 12 de junho de 1929

Residente à Rua Cel. Eduardo Correia, 742 – Lapa- PR

Meu nome é Hilda, tenho 73 anos. Fui cozinheira do Diretor do Sanatório por 30 anos. Ali ouvi os funcionários mais antigos e os doentes falarem do Pe. José Calvi. Quando cheguei ao Sanatório fazia uns três anos que ele tinha morrido. Ouvi dizer que era um santo por tudo o que sofreu e fez pelos doentes. Sei que ele recomendava a oração recolhida, debaixo de uma árvore, mais do que no meio das pessoas. Como eu ouvia as mesmas coisas sobre as suas virtudes, ditas por muitas pessoas diferentes, sempre aceitei como verdade. Casei-me com Benedito Soares. Meu marido conheceu pessoalmente o Pe. Calvi e sempre confirmou tudo, como verdadeiro. Sei que meu marido o considera um santo. Eu também o considero, pois sei que meu marido lhe pediu uma graça e foi atendido.

Confirmo tudo o que acima foi afirmado.

3- Padre Vicente Visca

Nasceu em Montà d'Alba (Itália), 4 de março de 1929.

Pároco de S. Michele de Cortemila - Alba

Cheguei a Cortemilia em setembro de 1960. Tinha sido pároco em S. Michele, o meu predecessor, Pe. Giuseppe Castella, o qual assumira a função de pároco nesta paróquia no final do ano de 1943, quase que imediatamente depois da morte de padre José Calvi.

Lembro-me que quando era ainda vigário paroquial, Pe. Castella me contava com entusiasmo e com profunda veneração sobre o Pe. José, do qual tinha sobre a sua escrivaninha uma sua pequena biografia, a qual devo tê-la em algum lugar.

Eu mesmo falei sobre ele durante as palestras que fazia aos rapazes e moças e o apresentava como exemplo de amor a Deus e aos irmãos. O Pe. Castella colocava a pessoa de Pe. José Calvi ao lado dos grandes santos personagens do Oitocentos no Piemonte. Ele me dizia em particular que todos aqueles que em Cortemilia o conheceram ou tinham tido contato com ele, ou jovem seminarista ou como o padre, tinham dele um altíssimo conceito.

In fide do que afirmo, assino e confirmo que Pe. Castella era pessoa que conheci pessoalmente e era plenamente de confiança.

IX

1- Aparecendo em sonho, estava vestido de banco e resplandecente

Eu também posso dizer algo sobre o padre José Calvi: Assisti-o desde o seu nascimento e também um pouco o amamentei. Para a sua vestição clerical presenteie-lhe a “Imitação de Cristo” e ficou muito contente e agradecido. Por intermédio de sua família sempre enviava-me saudações.

No asilo dos pobres velhos, encontra-se um doente que há seis anos foi acometido por uma artrite crônica. Quando fui visitá-lo, um dia me confiou de ter visto em sonho Padre José: estava vestido de branco com o rosto resplandecente.

“Oh como você está bem José! - Exclamou o doente”.

“Estou mesmo muito bem, respondeu o padre, mas também você virá para estar bem”.

“Mas eu não sou digno de ver com você”.

“Esteja tranquilo que você virá certamente”.

A visão desapareceu deixando o doente bem consolado, tanto que apenas me encontrou quis-me relatar o sonho. Fiquei extremamente emocionado.

O doente e um seu irmão eram colegas de classe do Padre José.

Do céu onde goza do prêmio das suas virtudes não deixará de proteger quem o invoca e reza a ele com carinho.

Astiente Secondina – Cortemilia

2- Enviamos-vos um São Luiz

De Padre José Calvi recordo-me que se tratando de enviá-lo à cidade de Salò por razões de saúde, os superiores, escrevendo aos padres daquela casa, tiveram esta feliz expressão: “Vos enviamos um São Luiz”.

Nos poucos e breves contatos que tive com ele posso atestar que pela sua modéstia, animada pelo espírito de fé, e pela sua compostura em todo ato, e pela sua constante e serena pontualidade até nas coisas mais ordinárias, pensava comigo

mesmo: “nós temos um Irmão santo, digno de ser tomado como modelo de perfeição”.

Os superiores não tinham absolutamente dúvida em defini-lo “um São Luiz”.

Pe. Paolo Ferrero, OSJ

3 - Guardo ciosamente os seus escritos

Sou entusiasta da biografia do Padre José Calvi, do qual o meu saudoso marido, M. Ferdinando Serra, o considerava algo de sobrenatural e o privilegiava entre todos os seus alunos. Guardo ciosamente os seus escritos como uma relíquia, e nos meus sofrimentos dirijo-me fervorosamente a ele, invocando-o, não como uma pessoa falecida, mas como um santo.

**Vincenza Reina ved. Serra
Cortemilia**

4- Noviço exemplar

A sua vida de noviciado parece-me um sonho: vejo-o para cá e para lá, sem saber onde. Recordo somente que, muitas vezes, publicamente e em particular apresentei-o como modelo de obediência, de piedade e de exemplo na vida comum sempre contente e sereno.

Nunca aceitei a sugestão daqueles que me exortavam a licencia-lo como inútil à Congregação por ser de saúde precária, porque estava convencido que teria trazido à Congregação mais vantagem ele que outros, e que teria salvo muitas almas com a sua santidade, como o demonstrou a experiência.

Alba, 19 de fevereiro de 1951

Pe. Lorenzo Franco, OSJ

Ex-Mestre dos Noviços

5- Relatórios trimestrais

Nos relatórios trimestrais que Pe. Lorenzo enviava a respeito do Pe José noviço, escreveu as seguintes notas:

Fevereiro de 1918 – De natureza tranquila e tímida; é caridoso e serviçal.

Maior 1918 – Bem. É delicado de consciência.

Agosto 1918 – Continua os seus deveres com delicadeza de consciência.

Novembro 1918 – Continua muito bem.

Fevereiro 1919 – Está aperfeiçoando-se com verdadeira delicadeza de consciência. Sente-se muito atormentado pela preocupação daquilo que será bom e melhor.

Maior 1919 – Exercita-se muito bem na uniformidade à santa vontade de Deus. Preocupado pelo busca do bom e do melhor, não sabendo o que fazer antes: segue perfeitamente os conselhos do Mestre.

Agosto 1919 – Bem. É verdadeiramente exemplar em tudo. Muito ocupado no espírito de união com Deus.

Outubro 1919 – Ótimo.

6- Sempre foi o “bônus odor Christi” (O bom odor de Cristo)

Como frágil e graciosa flor, que expande ao redor de si delicado perfume, o padre José Calvi, mística flor orvalhada pela Graça de Deus, no ministério sacerdotal foi sempre o “bônus odor Christi” (bom odor de Cristo), difundindo o perfume das suas virtudes.

De caráter manso e humilde, santificado pela prática das virtudes cristãs e pelo zelo ardente pelo bem das almas, tornou-se bem quisto e bem visto por todos.

E de tudo isso foi grandíssima demonstração o profundo pesar dos doentes do Sanatório pela sua morte, e a numerosa multidão que o acompanhou para a última morada, cheia de dor, mas certa de possuir nele um santo protetor no céu.

Curitiba, 02 de outubro de 1943.

Pe. Natal Brusasco, OSJ

7- A bondade era nele como um instinto natural

Desde criança e durante a infância fui íntimo amigo do Padre José Calvi. Vivíamos perto de casa e quase todas as manhãs passava para chamar-me para irmos ajudar a Santa Missa. Umás vezes me recusava porque era muito cedo e não tinha ainda ouvido tocar os sinos.

Mil episódios recordam-me a sua bondade. A bondade era nele como um instinto natural. Era alegre e tomava parte de todas as nossas brincadeiras. Quando brigávamos, procurava restabelecer a paz e se tratava de bolinhas, ele nos doava das suas para apaziguar-nos; se não conseguia, afastava-se ou ia rezar na igreja.

Estivemos juntos para a inspeção militar e participei com prazer e emoção à sua primeira missa cantada na Paróquia de São Pantaleão.

Cortemilia, 23 de fevereiro de 1951

Mazza Ottavio

8 - Uma premonição que se torna realidade

Uma vez fui com meu irmão José, ainda clérigo para visitar um seu amigo doente de tuberculose. Era um jovem muito piedoso e bondoso, e, embora tivesse 33 anos, dizia que se tivesse sarado teria seguido a vocação do padre José.

Aquele dia, contou-nos um sonho que lhe parecia ser de bom presságio.

Voltando para casa, meu irmão me deu uma explicação diferente daquele sonho que alegrava o seu amigo. Sabe o que quer dizer aquele sonho? Perguntou-me, tornando-se sério. Quer dizer: O paraíso está próximo.

Justamente um mês depois da sua visita, aquele querido jovem morria.

Velentina Calvi

Irmã de Padre José

9 - Faço votos que seja ainda mais conhecido

Conheci pessoalmente o padre Calvi e posso sinceramente afirmar que o seu sorriso e a doçura do seu olhar impressionara-me profundamente, produzindo em mim uma forte convicção de que me encontrava diante de um santo.

Desejo que seja ainda mais conhecido e invocado pelos confrades e pelo povo e faço votos que a causa de sua canonização seja introduzida quanto antes.

Ir. Tullio Chini, OSJ

10 - Nele eram extraordinárias as virtudes da caridade e da paciência

Foi meu companheiro por alguns anos quando, como filósofos e teólogos, formávamos uma única família em Santa Chiara.

Ninguém, em consciência, poderá duvidar da sua bondade. Pela sua grande humildade, nele eram extraordinárias as virtudes da caridade e da paciência.

Nunca ouvi falar mal ou criticar o próximo. Foi cerimoniário por muitos anos, edificando pelo seu comportamento durante as Sagradas Liturgias.

Clérigo e depois sacerdote de grande piedade, encontrava-o muitas vezes num daqueles coretos (camarotes) daquela velha igreja de Santa Chiara absorvido em oração, quase sempre de joelhos, não obstante as suas doenças.

Sempre soube suportar os seus sofrimentos físicos com grande resignação, sem nunca falar disso aos colegas, dos quais era considerado como um São Luiz.

Quero complementar confirmando tudo quanto os outros falaram sobre suas virtudes, porque corresponde à verdade.

Ceglie de Campo, 23 de julho de 1951.

Pe. Besozzi Stefano, OSJ

11- Parecia me encontrar diante de um anjinho

Conheci e me aproximei, muitas vezes, do querido padre José Calvi, mas não recordo mais muitos particulares. Posso então dizer a impressão que sempre levei dele e que permanece em mim depois de quase trinta anos.

Direi, portanto, que todas as vezes que me encontrava diante dele, era movido por sentimentos de admiração e de santo afeto, quase de devoção e

veneração, porque parecia me encontrar diante, não somente de um jovem bom, dócil, inocente e respeitoso, mas diante de um anjinho, de um santo.

Teggiano, 27 de junho de 1951

Pe. Giuseppe Barbano, OSJ

12- Publicamos a respeito das virtudes e da fama da santidade do padre José Calvi,

um preciosíssimo testemunho do padre Luigi Garberoglio, que foi o seu confessor e diretor espiritual nos anos de noviciado e de estudante. Destas poucas, mas densas linhas, a figura do Padre José sobressai nítida em toda sua beleza sobrenatural; podia-se, talvez, para satisfazer a nossa curiosidade, dizer até mais, mas sem dúvida não poderia dizer-se melhor.

Somos agradecidos ao padre Garberoglio que cedeu às nossas repetidas insistências, deixando-nos um documento de valor indiscutível. E permita-nos evidenciar outro seu grande mérito: com devota e ciosa preocupação ele guardou e conservou abundante correspondência do padre José, que depois colocou à nossa disposição. O fato está para a veracidade da sua afirmação: “por quanto pude conhecer o padre José, considerei-o e ainda mais hoje como um santo”.

Estava e estou convencido de que conservou a inocência batismal por quanto procuro refletir, dele teria pouco a dizer, depois daquilo que foi publicado na revista “Joseph” e depois daquilo que declararam os seus discípulos. Sobretudo não teria fatos para citar, como pelo contrário, podem ter e recordar os seus colegas. Direi, portanto, as minhas impressões. Eis: sempre admirei nele uma piedade profunda, uma humildade sincera, uma modéstia angélica, uma caridade indulgente para com seus colegas, uma confiança filial para com seus superiores, para com os quais não conhecia segredos. Confiança que ele continuou também como sacerdote e como missionário, como resulta das frequentes correspondências epistolares conservadas.

Vivia de fé, e para ele os superiores eram verdadeiramente os representantes de Deus, e por isso mesmo, os seus pais e diretores espirituais.

Recordo que, quando clérigo e sacerdote, quase todos os dias, espontaneamente vinha em meu quarto para confiar-me todo pensamento que passara em sua mente. Era de uma delicadeza de consciência admirável: eu estava então e ainda estou, hoje, convencido de que ele tinha conservado, até a morte, a inocência batismal.

De saúde muito frágil, surpreendeu-me quando manifestou a ideia e o desejo de partir para as missões. Mas era nosso Senhor que o inspirava e o convidava: foi missionário exemplar e zeloso, em todo lugar, deixou a marca de santo sacerdote, na paróquia de Paranaguá, de Água Verde, no Abrigo de Curitiba e no Sanatório da Lapa.

Era caríssimo ao arcebispo D. Braga, que amava entreter-se familiarmente com ele.

A sua morte, porquanto infelizmente prevista, deixou um vazio muito profundo no coração dos confrades e dos fiéis que costumavam chamá-lo o padre santo. E, como com prazer recorriam a ele para confissão sacramental e para direção, assim me dizem que nos seu túmulo hoje se encontram ajoelhados devotos que rezam para obter sua proteção e seus favores.

Eu também o invoco todos os dias, convencido de que já está gozando da visão beatífica e pode muito diante de Deus.

Porquanto o pude conhecer, eu sempre o tive, e muito mais agora, como um santo; sinto prazer em saber que nos lugares do seu apostolado missionário esse conceito seja comumente dividido por todos aqueles que o conheceram e tiveram contato com ele.

Trata-se de coisas mais ou menos relatadas por outros, das quais, porém eu não poderia entrar nos particulares mais interessantes.

Preferiria que o quanto escrevi não se publicasse com o meu nome, embora eu não tenha absolutamente exagerado, mas tenha falado a pura verdade.

Asti, 28 de junho de 1951.

Pe. Luigi Garberoglio, OSJ

13 - A missão foi seu rápido caminho para o céu

Com muito interesse e com verdadeira satisfação li na estimada revista “Joseph” os vários capítulos concernentes à vida do nosso venerado concidadão padre José Calvi. Conheci-o quando ainda criança e era colega de turma no primário de um dos meus filhos e do meu sobrinho Carlos Roca, com o qual foi também colega de brincadeiras depois das aulas, porque moravam ambos no Borgo S. Pantaleão, enquanto nós vivíamos em S. Michele.

Padre Calvi era um menino sério, bom, diligente e estudioso; parecia frágil de saúde porque muito magro e pouco colorido; sofria, às vezes, de dor de dentes e dor de ouvido, mas não para deixar as aulas; em tal caso ia com o rosto e as orelhas vendados.

No final do quinto ano do primário, o professor, apresentando os pedidos dos alunos que desejavam continuar os estudos para os exames de admissão ao ensino médio, que então se chamava exame de “maturidade”, se dispôs em apresentar também Calvi, que tinha conseguido ótimo resultado no exame e por isso dirigiu-se a algumas pessoas de boa vontade para que contribuíssem nas despesas. Estávamos em 1914; a taxa do exame era de 25 liras e havia também a despesa para dirigir-se à sede dos exames que teria sido, sem dúvida, na mesma proporção.

De boa vontade também eu aderi a proposta do professor, contribuindo com uma pequena cota, se bem recordo, de cinco liras. Teria me calado sobre este fato, aparentemente esquecido e sem importância se para mim, pelo contrário, não tivesse uma grandíssima importância.

Por esta pequena coisa e por ter-me talvez interessado junto do Patronato Escolástico em seu favor, Calvi não somente me conservou uma gratidão duradoura e profunda infinitamente superior ao pouco que fiz por ele, mas agora faz sentir do céu a sua proteção e a sua ajuda.

Quando padre Calvi partiu para o Brasil veio saudar-me. Infelizmente eu não me encontrava em casa; estava meu marido. Quando soube da sua partida, conhecendo o seu estado delicado de saúde, pensei comigo: se seus superiores lhe

deram a permissão de ir para a missão como é seu desejo, quer dizer que está em boa saúde e isso me deixou contente. E a Missão foi seu rápido caminho para o Céu.

Tendo eu perdido meu caríssimo filho, morto na idade de 19 anos, no dia 29 de novembro de 1926, padre Calvi, informado pela sua família, tomou parte vivíssima da nossa dor e nos enviou, do Brasil, sentidas palavras de pêsames e de conforto.

Cortemilia - Festa de Maria Santíssima Assunta, 1951

Irene Molinari Bistri

14 - Era de uma modéstia reservadíssima

Devo confessar de nunca ter tido familiaridade com nosso confrade padre Calvi pela razão que o estimava e o olhava como alguém superior, porque a sua bondade impunha-se. Esse tratamento que eu lhe reservava ou que a sua virtude me impunha, foi constatado que não era meu simples jeito, mas o praticavam também outros confrades e o mesmo superiores.

Quando, durante as aulas, ele fazia alguma objeção ou pedia algum esclarecimento, então os professores não lhe respondiam com a mesma tonalidade exaltada e um pouco autoritária, como a nós todos, mas desarmavam-se e suavizavam o tom da voz quase com respeito. O padre Cortona mesmo não era isento disso.

E tudo isso porque ele fazia bem todas as coisas. E este fazer bem todas as coisas conseguira-lhe uma marcante nota de distinção, isto é, cada um nos uniformes e monótonos ritmos do noviciado e do “estudentado” reconhecia-lhe, eu diria quase que sem ninguém o saber, mas todos estavam de acordo, que o frei Calvi vivia seriamente a sua vocação religiosa, ou seja, praticava a máxima do nosso e de todos os outros institutos religiosos: ter vindo para torna-se santos.

Quem pode afirmar ter encontrado nele alguma falta? A sua virtude era um tecido ininterrupto e não algo feito com seus altos e baixos e com as suas naturais inconstâncias. Bastava vê-lo sorrir para ter o primeiro contato com a sua bondade.

Rezava com as mãos juntas, palma a palma, e com seriedade. Era observante das normas litúrgicas. Recordo-o, numa manhã distante e anônima que, exercendo a tarefa de subdiácono, mantinha devotamente um pouco caído para frente, quase numa oferenda, a patena coberta do véu umeral. Ficava bem nele.

No dormitório era de uma modéstia reservadíssima e não descuidava uma justa sobriedade na roupa. Irmão Calvi e depois padre Calvi, soube tornar, de verdade, virtuosamente aristocrático os seus atos comuns. Tudo ordinário, mas tudo marcado pela aristocracia da virtude. E se se é santo em fazer o bem como melhor se pode ou aquilo que se deve fazer, então padre Calvi é um Santo.

Quando, durante o noviciado, nos encontrávamos no Vallone, eu, numa noite, tive uma crise de estômago, enquanto os outros ficavam observando-me das suas camas, curiosos e imóveis, ele, em silêncio e rapidamente levantou-se e foi esquentar um pouco de café para trazer-me. Oh santas e caras pequenas coisas que nos tornam santos!

Pe. Giuseppe Binello, OSJ

X

1- O bom padre José Calvi era humilde, caridoso, zeloso e homem de oração

Para todos os efeitos declaro que tive a felicidade de conhecer o bom padre José Calvi, dos Oblatos de São José. Fazia pouco tempo que tinha tido alta, clinicamente curado, do Sanatório São Sebastião da Lapa. (isso foi no dia 18 de maio de 1935) e o referido sacerdote voltava naquele mesmo estabelecimento sanitário por causa de uma recaída na perigosa doença (tuberculose), depois de ter ele também saído clinicamente curado.

Acerca desta recaída soube o seguinte por pessoa bem informada: Tendo falecido uma senhora que morava perto da igreja do Sagrado Coração de Água

Verde, bairro da Capital (Curitiba), muito estimada pelo padre, porque boa e devota, ele quis acompanhá-la até o cemitério municipal, distante 3 km. Naquele dia fazia muito frio, estávamos em pleno inverno e caía uma chuvinha fina e impertinente, daquela que parece penetrar nos ossos. Ele estava ainda muito fraco e acabou pegando naquele dia aquela umidade fria e penetrante que o fez recair, como acabei de falar, e obrigou-o a voltar ao Sanatório.

Devotíssimo do Sagrado Coração

Possuindo um temperamento alegre e uniformando-se a todos as evidências da vida, padre José nunca foi visto desanimado ou dando sinal de tristeza.

Um acontecimento que quero contar demonstra o seu grande amor ao Sagrado Coração de Jesus: Escreveu um folheto intitulado “Guia da Salvação”, falando das nove comunhões das primeiras sextas-feiras do mês, que fez publicar e que se difundiu quase que por todo Brasil.

Esta bela iniciativa de divulgação de tão grande devoção demonstra o seu elevado amor ao Sacratíssimo Coração de Jesus, do qual era devoto fervorosíssimo. Nunca conheci uma pessoa mais devota do que ele ao Divino Coração.

2- Humilde, caridoso e zeloso

Ele possuía uma humildade tão profunda que dificilmente poderia recordar todas as suas manifestações. Na ocasião em que ele me pediu para publicar o dito folheto, estando ele internado e, portanto, impossibilitado para cuidar disso pessoalmente, suplicou-me confidencialmente de nunca falar a ninguém que o autor desse folheto era ele mesmo, a não ser depois da sua morte.

Todos os doentes nutriam uma grande admiração pelo padre José e muitos declaravam que ele era um santo. Durante o tempo em que ele ficou internado, inumeráveis foram as conversões, seja de espíritas, protestante, batistas e até ateus. Os mais descrentes e rebeldes, quando se falava de padre José, paravam

imediatamente as conversas fúteis e as discussões e ficavam como quando voltam à calma no mar agitado.

O médico diretor do Sanatório, naquela época, Dr. Pedro Chavier Gonçalves afirmou, muitas vezes, que padre José não sarava porque durante as altas horas da noite se levantava para assistir os doentes graves e afirmou também que o padre preocupava-se mais com outros do que consigo.

Quando lhe ofereciam algum presente, como por exemplo, santinhos, quadrinhos, etc, voltando alguns dias depois, encontrava esses objetos já na posse de outros doentes. Nunca, porém, fiz observação por tudo isso.

Geralmente os doentes de tuberculose gostam muito de frutas. Sempre as levava para ele, mas antes que eu abrisse o pacote, pedia-me licença para distribuí-la, e diante de toda a minha insistência para que ele se servisse, com pesar, conservava para si uma pera ou uma maçã, e não sei se a mantinha porque sentia mais satisfação em dá-la aos outros. Gastou todas as suas forças até o último, para o bem das almas dos pobres doentes.

Fui visitá-lo durante uma Sexta-feira Santa, e almoçando com ele no refeitório, observei que todos os doentes estavam desgostosos pela sopa e pelo segundo prato, porque embora sendo Sexta-feira Santa, havia somente carne sem peixe ou merluza. Eu mesmo, naquele momento, embora visitante, tornei-me solidário com todos na justa censura contra a administração que deveria ter providenciado diferentemente. Mantendo sempre os olhos sobre o padre, pude observar que somente ele foi o único a não proferir sequer uma palavra de crítica. Contendo-se naquela onda de revolta, demonstrava de possuir algo de extraordinário.

Quando sentia alguém falar mal do próximo, embora se tratasse de coisas verdadeiras que ele já conhecia por outras fontes, nunca pronunciava uma única palavra ofensiva, mas palavras de caridade, de conselho, de perdão e de amor.

Sacerdote de oração

Uma vez o visitei enquanto estava muito grave. Devido ao seu estado pude conversar bem pouco, mas do movimento dos seus lábios, compreendi que queria

dizer-me algo. Perguntei-lhe o que desejava. Convidou-me a rezar um pouco. Rezei um Pai Nosso e Ave Maria e perguntei-lhe se estava satisfeito. Não me respondeu. Deseja que reze mais, perguntei-lhe? Respondeu alegremente que sim. Rezei novamente e mais uma vez perguntei-lhe se isso era o bastante. Então me respondeu: “Januário, eu gosto tanto quando você reza a Ave Maria”.

Com esta saída compreendi que pedia outras orações e comecei a rezar ainda mais longamente. Padre José demonstrava assim de ser um sacerdote de oração e nunca era satisfeito por quanto longamente rezasse sozinho ou acompanhasse a oração dos outros com seu coração fervoroso.

Previa as coisas

Agora desejo narrar um fato importante que se repetiu três ou quatro vezes por ocasião das visitas que lhe fazia.

Aproximando-me da porta do seu quarto, batia na porta para ter a permissão de entrar. À primeira batida respondia logo dizendo: “pode entrar Januário”.

Logo depois da saudação, pedia-me para sentar e sem nada pedir-me dizia-me: “Segunda-feira você teve uma discussão com um seu amigo por razão fútil. Terça-feira desejava fazer uma viagem, mas depois decidiu de não realizá-la. Quarta-feira você tinha um projeto para executar, mas acertou em não realizá-lo. Quinta-feira você queria escrever-me, mas depois você decidiu de vir aqui hoje visitar-me”. E continuava dizendo tudo aquilo que exatamente tinha me acontecido durante os dias da semana.

Em antecedência já sabia o dia no qual eu teria ido visitá-lo e aquilo que me sucedia. Muitas vezes, até preparara alguma lembrança e, durante a entrega, dizia-me: “eu sabia que hoje você viria”.

Morreu santamente no dia 26 de setembro de 1943, deixando saudades em todas as pessoas que tiveram felicidade de conhecê-lo. As crianças doentes do Sanatório foram as primeiras e exclamar: morreu o santo padre José.

Curitiba, 23 de julho de 1951.

Januário Alves de Souza.

3- Possuía muitas virtudes em grau muito elevado

Com imenso prazer escrevo algo a respeito do padre Calvi porque sempre o considerei um santo. Nos dois últimos anos do padre José, estive no Sanatório e pude observar muitas vezes que padre José possuía muitas virtudes em grau muito elevado.

Aquilo que, sobretudo transparecia nele eram as virtudes do amor a Deus e a do zelo pela santificação e salvação das almas; a inalterável paciência, a profunda humildade, a simplicidade e, sobretudo a caridade para com o próximo, particularmente pelos doentes internados no mesmo Sanatório. O zelo pelas almas era tão grande que a despeito da sua fraqueza nunca deixou de assistir os doentes na agonia, embora fosse nas horas mais adiantadas na noite. E isso é provado pelo seguinte fato:

Dois meses antes da sua morte faleceu um doente na enfermaria que se encontrava na frente da janela do quarto do padre José. A irmã enfermeira não lhe comunicara nada porque ele se encontrava verdadeiramente no estado de extrema fraqueza e próximo da morte. Acordando-se pelo barulho ao levar o defunto para o cemitério, padre José indagou qual fosse a causa e tendo sabido que minutos antes morrera um dos internados, mandou chamar um enfermeiro rogando-lhe que o acompanhasse ao cemitério. O enfermeiro, homem forte e robusto, carregou nos braços o padre envolvido num cobertor, e levou-o até o cemitério, e lá o zeloso padre José administrou para o defunto o sacramento da unção dos enfermos. Nunca o padre José queixou-se a respeito do tratamento: com inalterável paciência, suportou tudo sem nunca queixar-se.

Diante do menor serviço que se lhe era oferecido, respondia na sua forma singular: “agradeço de coração”; ou: “Deus lhe pague”.

Sempre pedia com extrema delicadeza aquilo de que ele precisava, e quando não conseguia ser servido prontamente não reclamava, mas esperava com grande paciência.

Em todo seu proceder era correto e caridoso. Diante da dúvida de ter causado desprazer para alguém, não hesitava em pedir logo perdão para qualquer

que fosse a pessoa em questão, deixando, às vezes, embaraçadas as irmãs e os enfermeiros, porque ele nunca ofendia a ninguém.

Procurava encorajar os tímidos e corrigir os defeitos com caridade; mas quando era necessário, sabia corrigir com sabedoria e firmeza, sempre deixando transparecer o seu zelo e o seu amor pelas almas.

Durante os últimos quinze dias de sua vida, tive a felicidade de poder servi-lo pessoalmente, e para mim foram dias de grande graça porque tinha convicção que estava servindo um santo. Podia, portanto, observar bem de perto as suas virtudes, sobretudo o amor a Deus, a paciência, a simplicidade e a gratidão. Naqueles últimos dias, pedia perdão para mim e para o Padre Natal que o assistia, pelo mal exemplo que talvez teria dado entrando em agonia com a mudança de fisionomia, tão grande era a sua humildade.

No dia em que morreu, 26 de setembro de 1946, às 20 horas e 30 minutos pediu que o colocassem sobre a cadeira, para que fosse arrumada a cama. O Padre Natal e um enfermeiro o levantaram da cama e o colocaram na cadeira. Compreendia-se bem que estava no final. Padre José já tinha cor cadavérica. (Chamaram-me logo e estavam esperando no corredor pronto para ajudar); padre José beijou pela última vez o seu crucifixo, reclinou a cabeça e entregou a sua bela alma a Deus que ele amara com todo ardor do seu coração sacerdotal.

Eis o meu parecer: padre José Calvi foi um daqueles santos que praticam no escondimento as suas virtudes semelhantes à violeta que expandem o seu perfume às margens da estrada.

Angelina – Santa Catarina, 13 de Setembro de 1951.

Maria Petra – Superiora Colégio Nossa Senhora

4 - Nunca encontrei quem o superasse

Tive a felicidade de conhecê-lo bem e de conviver com ele em Asti, embora, por falta de memória, não possa citar datas precisas. Estou feliz, porém que se me apresente a oportunidade de falar dele. Talvez aquilo que eu digo, não é nada novo,

mas pelo menos servirá a acrescentar o número daqueles que o recordam com prazer e admiração.

Antes de tudo desejo expressar a minha íntima convicção que ele era um santo: não simplesmente um daqueles santos que enchem o mundo com a fama das suas obras portentosas, mas um humilde religioso que conduz a sua vida tão originariamente humilde em tudo que poderia passar despercebido, não fosse pelo perfume das suas virtudes, que faz notar a sua presença. Pessoalmente experimentei a compará-lo às virtudes praticadas por outros santos religiosos dos quais costumamos ler a vida, e confesso que, se excetuarmos os fatos religiosos, nunca encontrei quem o superasse no seu espírito de piedade, de simplicidade evangélica, de humildade, de modéstia virginal e de submissão caridosa.

Um incidente que eu relato, penso que tenha sido já apresentado pelo Senhor Superior Geral, que foi testemunha. Serve a evidenciar que também os externos (os de fora) admiravam as suas virtudes.

Fora convidado um pregador não conhecido para pregar por ocasião da festa de São José e o padre Luigi Rosso, então prefeito dos clérigos, colocou-lhe à disposição o nosso bom Calvi por tudo aquilo de que precisasse, incluindo a arrumação do quarto. Aquele pregador foi edificado pela conduta do Frei Calvi que estando presente o padre Rosso, começou a fazer o elogio dele. Então o Frei Calvi, um pouco confuso por ser louvado na presença do Superior, com aquele seu jeito gentil que lhe era natural, argutamente disse àquele pregador: “recorde-se, padre, que o senhor foi chamado a fazer o panegírico de São José, não o meu”.

Desejo ainda tornar pública uma conversa pessoal que aconteceu entre nós dois sozinhos. Quando Frei Calvi voltou para Santa Chiara, depois da consulta médica na qual fora declarado idôneo para o serviço militar, ele se encontrou na encruzilhada ou de ir para o exército ou de obter a isenção, indo para as Missões. Na discussão do pró e do contra, sabendo que ele era frágil de saúde, permiti-me dizer-lhe: “você não consegue suportar os incômodos da vida missionária. Se eu estivesse em seu lugar eu iria para o exército: tenho certeza que me dispensariam no prazo de um mês”.

Percebi logo que tinha tocado uma tecla errada, porque ele começou a bendizer a Divina Providência que naquela forma lhe permitira conhecer que Deus o queria nas missões.

Pittston, Pennsylvania, 12 de Dezembro de 1951.

Pe. Enrico Giovetto, OSJ

5 - Tenríssima devoção à Virgem

Conheci padre José Calvi e com ele transcorri alguns anos durante o curso filosófico e teológico em Asti. Era uma alma primorosamente delicada, que deixava transparecer também exteriormente: modesto e caridoso.

De forma particular notei nele uma tenríssima devoção para com Nossa Senhora: dela falava com grande afeição nas horas do passeio e dele que aprendi a devoção dos quinze sábados.

Com primorosa delicadeza corrigia-me dos meus defeitos. Uma única vez lembro-me que o encontrei ligeiramente alterado; mas ficou tão pesaroso e confuso que deixou em mim uma profunda edificação e a persuasão de que coisa semelhante nunca mais lhe teria sucedido.

Roma, 16 de dezembro de 1951

Pe. Giovanni Ponzio, OSJ

6 - É difícil falar do Padre José

Recordar e falar do nosso padre José Calvi é algo lindo e suave, mas também difícil. Posso declarar que nos 14 meses que convivi com ele na família dos clérigos, tive a impressão de uma alma das mais lindas: pela constante serenidade de alma, pela exemplar jovialidade, pela prontidão a qualquer humilde serviço da comunidade, pela sua conversa sempre sincera e interessante. Na Igreja edificava pela piedade e pela perfeição nas Sagradas Cerimônias.

Riccia, 20 de Dezembro de 1951

Pe. Pietro Gerard, OSJ

7 - Sorriso seráfico, comportamento de um santo

O quanto vou expor a respeito do Padre Calvi, não deve ser considerado sujeito à parcialidade ou a qualquer influência, pelo fato que depois de três anos que vivi com ele, deixei a comunidade josefina e nunca mais me lembrei da sua santa memória.

Depois de tanto anos, quando não pensava mais no Instituto no qual fora educado moral, intelectual e fisicamente, recebi a revista Joseph. Olhei a revista com tanta avidéz que ninguém pode imaginar, mas logo os meus olhos fixaram-se sobre uma figura por mim muito conhecida: Padre Calvi; a manchete em negrito: “É canonizável?” Isso produziu em mim uma agitação nunca experimentada... Teria morrido?... As linhas que acabei de ler me deram a certeza, e fiquei conhecendo o seu sacrifício, o seu martírio.

Caro Padre Calvi, tu que agora estás na beatitude eterna, tu que me vês, estou certo que me assistes, tu que olhas com teus olhos celestiais, deixa que eu manifeste os teus louvores.

Tu gostavas entreter-te comigo com a tua voz meiga e serena, sufocada por uma leve afonia, falavas não de coisas extraordinárias, mas de coisas atuais... de estudo... de acontecimentos religiosos... das tuas aspirações. E quando tu me vias inquieto anelando para a bola, dispensavas-me sorrindo-me e desculpando-te.

Tu me querias porque éramos dois caracteres opostos. Compreendi depois que tu invejavas a minha exuberância para poder singrar os oceanos, onde levaria a voz de Deus, que em ti cantava incessantemente.

Era exato e preciso, sem ostentação, mas com uma facilidade invejável. O teu sorriso era seráfico, o teu comportamento modesto como aquele de um santo.

E na Igreja? Eu te vejo no teu lugar costumeiro, absorvido e estranho a tudo aquilo que te circundava e quando, como menino travesso, procurava distrair-te, voltavas a mim, sorrindo-me.

Caro Padre Calvi, quanto a tua morte me emocionou!

Tu cantaste sempre na tua alma os louvores de Deus, tu sempre desejaste a união, mas com o sacrifício. E o sacrifício desejado chegou. O Brasil te fechou os olhos levando-te para aquele em que desejaste mergulhar na vida e na morte.

Lembra-te muito de mim.

Varallo Sesia, 1951

Tonetti Giuseppe (Ex-seminarista)

XI

1 - Desde criança era muito religioso

Já relatei sobre o meu irmão José, que desde a mais tenra idade demonstrou-se muito religioso e gostava muito das Celebrações Litúrgicas, tanto que fazia delas a sua brincadeira preferida. Sobre este ponto não era tímido e não tinha respeito humano.

Prestava muita atenção às conversas sobre as verdades da fé, e, às vezes, nos colocava em dificuldade com as suas perguntas inesperadas.

Um dia falávamos da presença de Deus em todo lugar e estava presente José que, não sei por qual razão, segurava nas mãos uns fósforos. Parecia distraído e que não prestava atenção às nossas palavras; pelo contrário, de repente, colocando seu dedinho sobre a cabeça do fósforo nos perguntou: “mas Jesus está também aqui?” Compreendemos o que ele queria dizer: se o colocássemos sobre um fósforo, se queimaria!

Entretinha-se preferentemente com a irmã que faleceu em 1918; bondosa e de temperamento igual ao dele, que vivia de trabalho e oração e não conhecia senão a casa e a Igreja. “O que você está procurando sempre perto de mim?” – perguntava-lhe a irmã. “Desejo ouvir-te cantar”.

Minha irmã tomava parte a todas as celebrações, às procissões, aos funerais, mas era difícil ouvir sua voz porque sabia que era desafinada.

Duas vezes José esteve em perigo de se afogar. Tinha poucos meses quando caiu num grande balde. Um dia minha irmã atravessava o rio Uzzone sobre uma passarela com o irmãozinho. O que aconteceu não se soube, mas o fato é que o menino escorregou dos braços e foi cair na água. Por sorte, lá perto, minha mãe e umas mulheres estavam lavando roupa e logo acorreram conseguindo salvá-lo.

Na idade de cinco anos, durante a solene procissão do Corpus Domine, representou são Lourenço. Foi ele mesmo que me recordou, quando fui visitá-lo em Roma, onde exercia a função de sacristão na Igreja de São Lourenço in Fonte, da Via Urbana, confiada aos Padres Josefinos.

Cortemilia, junho de 1952.

Valentina Calvi

2 - Deixou-me uma bela impressão

Do padre José Calvi ouvi falar como se fosse um pequeno santo. Não me lembro de alguma vez ter me relacionado com ele, porque ele era Clérigo e eu Caríssimo (seminarista menor) e entre clérigos e “Caríssimos” havia uma verdadeira separação. Todavia muitas vezes via-o passar debaixo dos pórticos, no pátio e, sobretudo na Igreja, onde a sua atitude calma, pia e devota me deixava muita boa impressão.

Nuoro, 1952.

Pe. Antonio Benzi, OSJ

3 - Passa um São Luiz

Tendo lido algumas passagens da edificante vida do padre José Calvi, recordo-me as lindas palavras pronunciadas em minha casa a seu respeito pelos meus queridos saudosos pais, que vendo-o passar diversas vezes ao dia, para dirigir-se à Igreja em visita ao Santíssimo Sacramento, dizia: “passa mesmo um

São Luiz”. Admiravam a sua modesta atitude e desde então previam nele algo de sobrenatural.

Minha cara mamãe se comprazia em ter tomado parte com ele junto a um seu filhinho, num passeio, no Santuário de Todocco, nos primeiros dias do mês de Setembro de 1926, isso é, nos últimos dias da permanência em Cortemilia, sendo enfim já próxima a sua saída para a missão no Brasil.

Eu, como também todos os meus familiares, estou feliz por tê-lo conhecido e faço votos que logo seja elevado às honras dos altares pela Superior autoridade eclesiástica e exposto à pública veneração.

Cortemilia, 26 de Fevereiro de 1952.

Pellerino Teresa

3 -Transmitia fé e piedade em todos

Reverendíssimo Pe. Fidelis Rota, dos Oblatos de São José, Curitiba.

Tenho muito prazer em escrever-lhe para notificar que enquanto era funcionário do Sanatório São Sebastião na Lapa, depois dos anos 1928, tive a felicidade de conhecer ali um humilde e sacrificado sacerdote: o reverendo Pe. José Calvi. Pude conhecê-lo bem de perto e acabei por estimá-lo como um verdadeiro santo.

É impossível descrever todo o bem que ele fazia aos pobres doentes do Sanatório. Interessava-se de todos, às vezes, com palavras doces e boas, outras vezes, distribuindo quanto lhe enviavam os seus admiradores, às vezes, com o conforto espiritual sincero, que saía do seu coração magnânimo e predestinado do bom Deus para aliviar o sofrimento dos pobres doentes e infundir fé e bondade em todos nós que vivíamos com ele. Todos recebiam um grande encorajamento e força de alma para enfrentar serenamente as lutas de todo dia.

E depois de ter realizado tanto bem, ele deixou nosso convívio naquele distante 26 de Setembro de 1943, que eu recordo como se fosse hoje, deixando em nossos corações a amargura da sua perda irreparável, mas também o conforto que provem da certeza que logo mais poderemos vê-lo no céu numa nova luz: a luz

daquele que, tendo se tornado pequeno e humilde aqui sobre a terra, foi colocado no céu para iluminar, como estrela brilhante, o caminho dos seus devotos.

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo!

Curitiba, 24 de Outubro de 1951

José de Paula Xavier

Ex-Diretor do Sanatório São Sebastião

4 - Relato do Padre Luigi (Patrizio) Garberoglio, Superior Geral dos Oblatos de São José

Convidado para escrever alguma memória sobre o saudoso Confrade Missionário Pe. Jose Calvi, de Cortemilia, direi que foi sempre minha convicção que ele tinha levado até a morte a inocência batismal; esta convicção eu a tenho justamente porque eu o conheci intimamente, recorrendo ele, muitas vezes, a mim para a direção espiritual. Piíssimo e humilde, era extremamente delicado de consciência, até chegar quase ao escrúpulo: mas confiava inteiramente a quanto lhe dizia o superior, com o qual era abertíssimo de consciência e sincero, e depois de ter exposto o seu caso ou dúvida, aceitava com gratidão a resposta e voltava tranquilo.

Aqui era, sem dúvida, o modelo para os confrades, dos quais sabia na eventualidade suportar os defeitos com santa dissimulação, caro a todos. Pediu, depois de ter alcançado o sacerdócio, para partir como missionário para o Paraná, e assim, seja em Paranaguá quanto em Água Verde, era designado pelo povo com o nome de “Padre Santo” e era muito procurado para o ministério das confissões.

Para quem o procurava era o bastante ir à Igreja onde ele passava grande parte do seu dia em oração ou leituras espirituais para si e para o seu sagrado ministério. Tendo adoecido, precisou ser internado no Sanatório da Lapa, e também, no Sanatório, com a sua atitude humilde e reservada, edificou as irmãs, os médicos e os doentes, tanto que, embora enfermo, era escolhido de preferência pelos doentes para receber dele os Santos Sacramentos, e pelas solicitações das Irmãs enfermeiras dos doentes, o médico Diretor do Sanatório propôs-lhe de ser o

capelão, como pudesse, dispensando-o do pagamento pela sua permanência no hospital e pela, despesas da cura.

Livre, assim, para exercitar o seu ministério sacerdotal, como pude conhecer pela sua correspondência bastante frequente, promoveu, entre os enfermos a frequência aos Sacramentos, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora, obtendo copiosos e consoladores frutos; mas de vez em quando recaia, e embora os médicos e as irmãs tivessem os cuidados mais atenciosos e primorosos por ele, finalmente sucumbiu, não sabemos ainda de preciso quando, mas parece nesse ano de 1944. Numa última carta, pedia-me de eu mesmo agradecer o padre Natal que, sabendo que tinha recaído, fora visitá-lo e lhe se demonstrara muito primoroso e afetuoso. Agora ele deixou a terra para o Céu; eu espero que, como foi entre nós, exemplar aqui na terra, assim se torne nosso intercessor perto de Deus, do qual foi servo afeiçoado e apóstolo infatigável, sem todavia, fazer barulho e, de forma alguma, colocar-se em evidência. Atento e preocupado em fazer o bem pelo bem, para a maior glória de Deus.

**(Transcrição da relação autográfica original
deixada pelo Pe. Luigi (Patrizio)
Garberoglio, Superior Geral dos Oblatos de São José)**

5- Relato de Pe. Savino Vivaldi

- 1-** Na casa lhe apareceu o seminarista Murcia e lhe disse que estava morto, enquanto se pensava que ele fosse sarar, pois ele tinha mandado engraxar os sapatos para quando ele se levantasse no dia seguinte. Ao voltar ao instituto, antes que ele tivesse falado a alguém sobre o seu sonho, um seu companheiro lhe disse: Sabes que o Murcia morreu? Ninguém esperava por isso, pois ele mesmo tinha mandado engraxar os sapatos para quando ele se levantasse.
- 2-** Sonhou que um raio saía do tabernáculo e ia até a boca do irmão Provera e este irmão morreu dali a pouco, depois de ter recebido o viático

sozinho, porque os confrades tinham todos se retirado, visto que não apresentava perigo de morte.

- 3- Em Casabianca ele, o Pe. Savino e outro (já teólogo) jogavam “birille”, servindo para isto dos frutos de “ghiande”. Pareceu ao Pe. Savino que os dois tinham feito um acordo em fazer uma brincadeira: Mas afinal vocês se colocaram de acordo... Calvi ficou vermelho e lhe disse: não, se quiser não jogo mais. Foi a única vez que eu o vi um pouco alterado. Ele não podia conceder que um seu colega pudesse pensar que ele o enganasse mesmo numa coisa assim tão pequena, tamanha era a sua delicadeza.
- 4- Quando estava para partir para as missões, o encontrei na recepção onde ele estava se preparando para ir a Canelli. Quis abraçá-lo e naquele momento senti uma coisa como se a virtude tivesse um perfume, não poderia ser outro que ele. Passados alguns meses podia ainda sentir a docilidade e daquele momento.
- 5- Lá longe, somente com a sua bondade, conseguiu tornar gentis jovens que eram tidos como incorrigíveis. (Perguntar ao Pe. Franchini, ao Pe. Francisco, ao Pe. Bianchi e outros sacerdotes).

Joseph setembro de 1946

Pe. Savino Vivaldi

6- Notícias sobre o Pe. José Calvi, tomadas de Pe. Savino Vivaldi, a partir de uma conversa nos anos de 1943-1947

6- Ainda em relação ao Calvi, o Pe. Savino relata que uma vez que o saudou e o abraçou por ocasião de uma sua despedida, sentiu dentro de si uma emoção e um sentido de alegria tão íntimo, que esta o acompanhou por um bom tempo, como se em Pe. Calvi existisse algo de sobrenatural. Relata ainda que depois que o padre soube que tinha sido aceito o seu pedido para ser missionário no Brasil, ao encontrá-lo, Pe. Savino deu-lhe com grande alegria a feliz notícia e lhe disse que

com a sua pouca saúde estaria morto antes de chegar na missão, ao que Pe. Calvi respondeu-lhe: “E parece-te pouca coisa morrer para ir salvar almas?” (Asti, 3/8/1956).

7- O Vigário Geral, Pe. Eugênio Gherlone, relata que quando se encontrou com o Pe. Calvi no Brasil (onde tinha ido como visitador) admirou nele uma virtude superior e uma grande delicadeza quando ele falava dos confrades, aos quais sempre os justificava e os desculpava. Admirou também a maneira precisa com a qual os coroinhas por ele educados, em Paranaguá, respondiam as respostas da missa com sentido e com as devidas pausas. O Pe. Gherlone tinha depois procurado, voltando aos Estados Unidos, conseguir o mesmo com os seus coroinhas.

8- Padre Savino acrescentava que quando (José Calvi) era seminarista menor, encontrando-se em Oleggio, ele era encarregado dos coroinhas e quando estes faziam bagunça na igreja, ficava tão sentido que chorava e isso produzia um efeito seja nos meninos que em todo o povo. (Asti, 3/8/1956)

9- Aos 26 de setembro de 1943 morreu no Sanatório da Lapa – Brasil, o padre José Calvi, com idade de 42 anos, de Cortemilia; uma auréola de santidade sempre o acompanhou onde quer que estivesse e por onde passou deixou um perfume de santidade. Ao seu caráter doce, sereno, simples e jovial se unia uma sólida virtude e uma vida interior profunda. Os jovens o veneravam. De saúde um tanto quanto delicada, partiu para as missões do Brasil em 1926, indo trabalhar na Água Verde, onde se dedicou, sem descanso... Na Congregação e na Delegação sempre se fala dele como um padre santo...

Pe. Mário Pasetti
(18-05-2003)

7- Padre José Calvi, OSJ - Um modelo “sofredor”

Foi à missão do Brasil para trabalhar naquele vasto campo, onde havia uma escassez muito grande de operários. Mas Deus queria dele outro apostolado, mais difícil, mas mais frutuoso: aquele do sofrimento.

Parece-me que foi o grande missionário; Dom Verjus escreveu, que se a oração é a mais eficaz das ações para salvar as almas, o sofrimento vai muito além da oração. Padre José sabia desta verdade e a sentia e quando a doença o obrigou a deixar o próprio trabalho para ir ao Sanatório, aceitou com serenidade a cruz, repetindo a velha frase, mas sempre nova toda vez que sai sinceramente de uma alma sofredora: "Seja feita a vontade de Deus"!

Permaneceu no Sanatório o tempo exigido pela obediência; deixou-o quando a obediência ordenou-lhe de sair; novamente voltou para ele quando o médico e o superior lhe ordenaram; sempre sereno e sempre calmo; sempre com um sorriso nos lábios; também este, aliás, sobretudo este, era a apostolado.

Nele jamais uma palavra, jamais um sinal, jamais um indício de rebeldia ou também de um só contraste à vontade de Deus. Pesava-lhe muito não tanto a doença em si, quanto a distância dos confrades e o abandono do campo (apostólico), onde os seu zelo já tinha recolhido abundantes frutos e se esperavam muitos outros para o futuro. A cruz era cruz também para ele; ele sentia todo o seu peso, como Jesus no Horto, quando exclamava: "Pai, se é possível, retire de mim este cálice". Contudo sempre vinham acompanhadas outras palavras: "Seja feita a vossa vontade e não a minha!".

Sabemos muito pouco dos últimos meses da sua vida, visto que a Guerra tornava impossível qualquer comunicação, e também depois, muito pouco os confrades escreveram sobre ele. Sabemos, todavia, que quando compreendeu ser a vontade de Deus que consumasse o seu sacrifício, disse o seu "Fiat" generoso, e nós acreditamos que Deus o fez compreender que a sua vida não tinha sido inútil.

Padre José sofreu por toda a sua Congregação, mas de modo especial pela sua missão; apenas terminada a Guerra, pode-se constatar que os seus frutos: Um belo número de jovens missionários foi substituir os idosos já cansados e incapazes para o trabalho; outros se prepararam e esperaram com ansiedade a hora de partir e assim se realiza o sonho que tinha sido dos primeiros, mas que jamais tinha sido possível realizar: o sonho de uma Escola Apostólica que dará à Congregação novos

filhos também naquela distante terra. Todos estes frutos, nós acreditamos, foram do sacrifício de padre José Calvi.

É a realização das palavras do mestre: “Se o grão de trigo não morre, permanece sozinho, mas se morre, produz muito fruto”.

Sejam multiplicados em todos os olhares e valorizados estes apóstolos do sofrimento!

**(Sofrer com Cristo – Correspondências do Círculo Missionário
“Dom José Marelló” – Dezembro de 1947)**

8 - Padre José Calvi - Missionário de Maria

Cena 1- (Oitavo filho de João Calvi, o carroceiro).

Cena 2- O que fazes aqui nesta hora? Eu pensava que já fosse de dia e vim participar da Santa missa (Na noite encontrou sacristão e voltou para a casa depois de participar de uma vigília).

Cena 3 - ...per omnia saecula saeculorum (Enquanto pastoreava construía, com umas pedras, um altar e depois tirava a sua blusa, colocava-a nos ombros e imitava o padre).

Cena 4- Aos 12 anos é recebido na Congregação de São José. Partindo de Cortemilia, de viagem para Asti, parou no Santuário de Nossa Senhora de Alba, o qual era dirigido pelos padres Josefinos.

Cena 5 - Desta vez não lhes darei o santinho porque vocês não se comportaram bem. (Aos 14 anos, explicando o catecismo aos meninos no oratório; começou a chorar e estes pediram-lhe perdão e prometeram de ser bons).

Cena 6 - Lembre-se reverendo, que o senhor foi chamado para tecer um panegírico a São José e não para mim... (A um cônego, ao ser convidado para pregar por ocasião da festa de São José e que ficando impressionado dele, louva-o publicamente).

Cena 7 - Ó Jesus, preserva-me durante toda a minha vida do pecado mortal e do pecado venial deliberado; senão leva-me consigo. (Néo-sacerdote na catedral de

Asti. Muitos estavam convencidos de que conservou a inocência durante toda a sua vida).

Cena 8 - Quero chamar-me missionário de Maria, porque foi Nossa Senhora que deu-me a graça de poder chegar no Brasil. (Parte de Gênova, como missionário para o Brasil).

Cena 9 - O que fazes aqui? – Meu filho, eu trago-lhe a paz por parte de Deus e quero apertar a tua mão. (Quando visitava um manicômio, consegue acalmar um louco).

Cena 10 - Depois de anos de atividades missionárias, adoece e transcorrem vários meses no Sanatório de Lapa, fazendo bem entre os doentes; todos o tinham como um santo.

Cena 11- Como está o Padre José? Ele está aqui fora. (Pe. Natal, assistiu a sua morte e transportou o seu corpo para a Água Verde, onde o padre Calvi tinha sido pároco).

Cena 12 - Estou bem, mas também tu estarás bem. (visão de um sonho aparecendo o Pe. José). Estás bem, José! (No asilo, em Cortemilia, um seu antigo companheiro de infância, vê em sonho o padre José Calvi).

9-Pe. José Calvi

Morreu aos 26 de setembro de 1943. Nasceu em Cortemilia (Cuneo), no dia 1 de maio de 1901. Vinte e quatro anos de vida religiosa e 17 de sacerdócio. Morreu no Sanatório da Lapa (Brasil). Sepultado no túmulo da Congregação, em Curitiba.

Entrou na Congregação em 1914, como seminarista menor. No ano seguinte recebia o hábito religioso e estudava, como era costume naquele tempo, uma parte em Oleggio e outra parte em Trecate.

Ainda durante o noviciado, o mestre o propunha como "modelo de obediência, de piedade e de simplicidade na vida comum, sempre sereno e contente" e pediu que fosse admitido à profissão religiosa, não obstante a sua pouca saúde. Foi admitido e enviado para um pouco de repouso em Roma, onde trabalhou como sacristão na igreja de San Lorenzo in Fonte. Depois de um ano, em 1920, retomou os estudos, e dele temos um testemunho de padre Cortona, que

dizia aos clérigos: "Olhem José Calvi, o confrade de vocês; não tem saúde, é frágil, entretanto com a sua diligência consegue fazer tudo, edifica tudo e todos o olham como um santo".

Certa vez em que os superiores o enviaram a Saló para um pouco de férias o apresentaram à comunidade dessa maneira: “Estamos enviando para vocês um São Luiz”. Seu confessor e diretor espiritual naquele tempo era o padre Luiz Garberoglio.

Foi ordenado sacerdote em Asti no dia 29 de maio de 1926, e no mês de setembro partia para o Brasil, onde chegou nos primeiros dias de outubro, desembarcando em Paranaguá. Em seguida foi para Curitiba e começou seu apostolado entre os meninos no "Abrigo dos Menores", uma instituição para menores abandonados.

Frequentou o último ano do curso teológico junto aos padres Franciscanos de Curitiba. Em janeiro de 1928, foi obrigado a retirar-se no Sanatório da Lapa, distante aproximadamente 80 km de Curitiba, por causa da tuberculose. A administração do hospital era leiga e as irmãs que nele trabalhavam tiveram que retirar-se e assim o padre José, para não ser envolvido também ele como sacerdote, retirou-se e voltou a trabalhar na pastoral.

No início do mês de maio de 1929 estava em Paranaguá e ali permaneceu por três anos, ajudando no trabalho pastoral daquela grande paróquia. Em janeiro de 1936 foi obrigado a retirar-se no Sanatório da Lapa e ali permaneceu por sete anos, até sua morte. Não permaneceu, contudo, sem fazer nada; trabalhou como capelão, também se não tivesse o título; instituiu uma Associação do Apostolado da Oração e outra para o Apostolado do Sofrimento (nos mesmos anos, em Asti, era instituída uma organização para a ajuda espiritual às nossas vocações, mas esta era uma simples coincidência, sendo as duas coisas desconhecidas entre si).

Padre José fundou também um jornalzinho mensal para manter unidos os doentes e também os que estavam fora do hospital. Ele assinava humildemente como: um sacerdote tuberculoso.

Morreu santamente no mesmo hospital, assistido pelo padre Natal Brusasco, o qual, em seguida, transportou seu corpo para Curitiba. Foi sepultado no cemitério de Água Verde, em Curitiba.

Os testemunhos sobre a sua santidade são muitos e por mais de dez anos, desde 1946 o nosso Joseph os relatou em quase cada um dos seus números, referindo também as numerosas graças obtidas através de sua intercessão.

Em 1960, muito deste material foi agrupado em um volume de 113 páginas. Permanecem, todavia inéditas muitas cartas que ele escreveu, sobretudo quando se encontrava doente na Lapa.

10 - Necrológio publicado no Brasil - 25/9/1943 - José Calvi

Faleceu no Sanatório da Lapa com 42 anos, natural de Cortemilia (Cuneo).

Foi um excelente Josefino, o qual, juntamente com um caráter amável, sereno, jovial e simples se o uniu uma virtude sólida e uma vida interior profunda.

Ainda seminarista do ginásio em Oleggio, os jovens do oratório tinham por ele grande admiração. Terminado o noviciado e professado a profissão religiosa teve que suspender os estudos por motivos de saúde. Nesse período trabalhou como sacristão em Roma, onde pelas suas boas maneiras e virtudes era muito estimado pelos paroquianos, os quais o recordavam muitos anos depois.

Enquanto estudava a filosofia e a teologia em Asti, os seminaristas menores, que o viam somente de longe, o denominavam entre eles de "São Luiz". Foi ordenado sacerdote em maio de 1926 e quatro meses depois, após tantos pedidos, partia para as missões no Brasil. Foi sempre de pouca saúde e pelo intenso trabalho, do qual não se poupava, tanto entre as crianças do Abrigo dos Menores, como no ministério direto com o povo, adoeceu e foi internado no sanatório da Lapa que fica a uns 60 km de Curitiba. Trabalhou como vigário cooperador em Paranaguá, e depois em na Água Verde, edificando os confrades.

XII

Maratona sobre o Pe. José Calvi

(Fontes de Pesquisa: Um Apóstolo entre os Tuberculosos/ Pe. José Antonio Bertolin e P. Giuseppe Calvi/ Ermano Capettini

1- Onde encontramos a seguinte afirmação sobre o Servo de Deus Pe. Calvi e de quem é ela?

“Era píssimo e humilde assim como tinha uma consciência delicada a ponto de chegar ao escrúpulo, mas se dispunha humildemente a tudo quanto lhe diziam os superiores, com os quais tinha uma consciência totalmente aberta e sincera, e depois de ter dado a conhecer os seus problemas ou dúvidas, aceitava com reconhecimento as orientações e saía tranquilo”.

(Pg.4 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

2- Fale do testemunho de Pe. Vacchetto (então pároco de Pe. Calvi quando adolescente) e indique a frase em dialeto cortemiliense que Calvi disse ao responder que não tinha estudado a matéria do catecismo sobre o matrimônio.

Quando Pe. Vacchetto foi solicitado para testemunhar sobre Pe. José escreveu: “Conheci-o na idade de 11 anos. Dele, não recordo nenhum defeito. Era sempre dócil, calmo e sorridente. No catecismo muito assíduo, atento e estudioso. Só uma vez não estudou o catecismo. O arcipreste Coraglia, de santa memória, tinha pedido que fosse estudado o sacramento do matrimônio. Interrogado, por sua vez, José respondeu que não o tinha estudado. Por quê? Perguntou o arcipreste. E ele, despertando a hilaridade da classe, timidamente respondeu em bom dialeto cortemiliense: Parchè mi veuj nent marieme (porque não quero me casar).

(Pg 7 - Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

3- Padre Calvi enfatiza que deveu muito aos seus pais, especialmente à sua mãe; indique um acontecimento que o marcou pela bondade de sua mãe quando tinha os seus 3-4 anos. (Descreva-o com as palavras de Calvi).

Todo esse seu comportamento e modo de se apresentar aos olhos das pessoas, era naturalmente consequência de seu caráter, mas também da boa educação que recebia em sua família, particularmente do exemplo de sua mãe. De fato, ele sempre teve gravado em sua memória a presença edificante de sua mãe, a qual lhe ensinou tantas e belas coisas, como esta que ele relata: “Eu era pequenino, mas para compreender o bom exemplo de minha mãe fui esperto como se agora mesmo estivesse contemplando a realidade que então me aconteceu. Talvez eu tivesse 3 ou 4 anos quando a minha mãe me levou consigo para acompanhar minha tia um bom pedaço de caminho. Minha mãe gostava e ainda gosta muito das flores dos campos e passando pertinho de árvores de Acácia, as quais produzem flores muito cheirosas, ela colheu uma porção delas.

Quando depois, no meio do caminho, nós nos despedimos da minha tia e voltamos, encontramos, debaixo de uma árvore, uma pobre mulher assustada, sentada no chão, com uma criancinha no colo a qual nos pediu uma esmola. Minha mãe deu-lhe uma moeda, pois nós éramos pobres também, como a viúva do evangelho, mas a deu com tão boa maneira, que a mulher ficou tocada, não apenas pela sua pobreza material, mas especialmente pelo conforto à sua alma. A criancinha que parecia tomar parte da alegria daquela mãe, e que parecia ficar, ela também, com a esmola da minha mãe, estendia as suas mãozinhas e minha mãe com afeto amoroso lhe deu parte do ramalhete de flores que tinha colhido. Afastando-se, depois deles, não tirava o seu olhar, mas com uma doçura cheia de amor e de compaixão, continuava caminhando e respondendo aos agradecimentos da pobre mulher e de sua filhinha. A cena era toda de amor, de caridade e de compaixão... Eu, na minha pequena cabeça, daquele passeio não lembro, nem do começo dele e nem do fim, apenas ficou impresso na minha memória aquele pedaço de estrada onde aconteceu este fato que me faz muito feliz lembrá-lo.

(Pg 9-10 Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

4- Com quantos anos Calvi entrou no seminário, em que mês e ano. Quem o recebeu no seminário e qual foi a impressão quando o acolheu na entrada do seminário?

José, um adolescente de 13 anos de idade, com aquele sentimento de dor no coração por deixar sua família, como devia ser comum a qualquer outro de sua idade que nunca tinha estado longe do ambiente familiar, apresenta-se no seminário numa manhã de agosto de 1914. Sua bagagem a trazia embaixo do braço, apenas um pacote, motivo para impressionar o irmão Pedro Cuffini que o recebeu, tanto é verdade que ele julgava que se tratava de alguém que estava à porta pedindo esmola e não de um seminarista.

(Pg 12 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

5- O mestre de noviço de Calvi enviou ao superior geral um relatório sobre a sua performance de noviço nos anos de 1918 e 1919. Indique o conteúdo deste relatório.

No último relatório enviado aos superiores sobre a sua performance de noviço, no ano de 1918, o seu Mestre escreveu as seguintes considerações:

“Fevereiro de 1918 – De natureza tranquila e tímida; é caridoso e serviçal.

Maior 1918 – Bem. É delicado de consciência.

Agosto 1918 – Continua os seus deveres com delicadeza de consciência.

Novembro 1918 – Continua muito bem.

Fevereiro 1919 – Está aperfeiçoando-se com verdadeira delicadeza de consciência.

Sente-se muito atormentado pela preocupação daquilo que será bom e melhor.

Maior 1919 – Exercita-se muito bem na uniformidade à santa vontade de Deus.

Preocupado pela prática do bom e do melhor. Segue perfeitamente os conselhos do Mestre.

Agosto 1919 – Bem. É verdadeiramente exemplar em tudo. Muito ocupado no espírito de união com Deus.

Outubro 1919 – Ótimo”.

(Pg 17 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

6- Diga com suas palavras os propósitos de cunho devocional mariano com os quais Calvi (seminarista) se empenhava em viver uma vida exemplar e quais outros propósitos com os quais se empenhava para viver o dia a dia.

Sendo a Virgem Maria o seu exemplo e protetora, se dirigirá a ela, com frequência, através de seus propósitos; assim dirá: “Rezarei à bem-aventurada Virgem de interceder por mim junto ao seu filho, a fim de obter-me a graça de poder conhecer e detestar os meus pecados. Farei o exame de consciência e esforçar-me-ei de ser puro.

Antes de ir deitar-me rezarei uma Ave-Maria a Nossa Senhora della Moretta, para que eu seja livre dos sonhos maus; uma segunda ave-maria à Virgem de Todocco, para que eu possa dormir logo e acordar-me no horário. Por fim, ao acordar-me, rezarei mais uma Ave-Maria à Bem-aventurada Virgem del Portone, para que me abra a mente para Deus. Como sou seu escravo, deixo que Maria disponha como melhor lhe aprazer.

Acordado e feita a alvorada, direi em meu pensamento : ‘Senhor, que quereis que eu faça? Estou todo em vossas mãos’. Rezarei em seguida a oração ‘Alma de Cristo’ por três vezes e bem devagar, pensando em Jesus Cristo. Ao vestir-me, agradecerei com o ‘Agimus’ e em seguida farei um agradecimento à Virgem Maria. Oferecer-me-ei em agradecimento para que todo o dia transcorra na sua santa e bendita graça e para a sua maior glória.

Antes da meditação rezarei para ao Senhor abrir os meus ouvidos e amolecer o meu coração e depois para que o Senhor confirme o que operou em mim a fim de que eu tenha proveito, sabendo que será esta a sua divina vontade.

Ao dirigir-me para a missa, rezarei: ‘Creio Senhor, mas ajudai-me na minha incredulidade...’ Pensarei que irei oferecer a Deus Pai o seu único Filho e pedirei de participar bem dela em preparação à santa comunhão”.

Uma das grandes virtudes deste jovem seminarista foi sempre o cultivo da humildade, fruto do seu constante empenho, mas também de muita oração. Isto fica comprovado através das inúmeras orações que encontramos em seus escritos, tais como esta: “Dai-me, ó Jesus cheio de amor, um coração doce e humilde como o

Vosso. Dai-me o abandono à vossa santa vontade, meu Deus e meu tudo. Ó Jesus, cheio de amor, fazei que eu vos ame de todo o meu coração; fazei-me todo vosso, vós que me amais. Maria, minha mãe e minha esperança, sou todo vosso. Dai-me perseverança no santo serviço de Deus. Sustentai-me, confortai-me e fortificai as minhas súplicas e acolhei-me porque sou miserável.

Maria sejais vós o meu amparo; São José, o meu protetor, São João Berchmans e São Luiz Gonzaga, os meus advogados; protejam-me neste novo ano e em toda a minha vida. Jesus doce e humilde de coração fazei o meu coração semelhante ao vosso. Escolho a grande padroeira desta virtude, a beatíssima Virgem, e dirijo a ela todas as minhas orações, desejos e ações para conseguir a santa humildade”.

(Pg 19 e 20 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

7- Calvi sempre foi de frágil saúde; certa vez, enquanto estudante de filosofia foi enviado para fora a fim de passar um tempo de recuperação da saúde. seus superiores o enviaram à referida casa apresentando-o como que santo?

Confirma este seu comportamento o fato de que os superiores, quando tiveram que enviá-lo fora de Asti por causa de sua saúde, escreveram aos padres daquela casa onde ele iria ficar, dizendo-lhes; “Vos mandamos um São Luís”.

(Pg 23 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

8- O que Dom Henrique Golland Trindade disse sobre Pe. Calvi?

“Conservo ainda algumas das suas cartas. Que santinho aquele padre”.

(Pg 25- Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

9- Reproduza ao menos três pensamentos da longa oração que Calvi preparou para o dia de sua ordenação sacerdotal.

- Ó Jesus, preservai-me por toda a vida do pecado mortal, do pecado venial deliberado e da tibieza, senão levai-me contigo.

Dai-me a graça de ter grande consideração pelas almas amáveis a ti e fazei com que eu ame cada uma a mim confiada.

Fazei-me operoso no silêncio, amantíssimo do escondimento, sedento de humilhações e ardente de justiça como o meu Fundador.

- Ó Jesus, não te peço consolações e sucessos que possam fazer-me crer que sou importante, mas que eu me alegre por ver-me pobre; um nada, para recorrer continuamente a ti e tudo atribuir a ti. Tratai-me como um trapo, e serei desta maneira, pequeno, esquecendo-me de mim e alegrarei o teu Coração.

Libertai-me de todo interesse no meu ministério e que eu busque somente a ti, meu único e eterno bem.

Dai-me simplicidade e discernimento para não espantar, não enganar ou perder as almas conquistadas pelo preço do teu sangue.

Concedei-me atrativos para lidar com as crianças e para conduzi-las unicamente ao teu amor.

- De agora em diante nem mais um minuto que não seja para ti.

Como sinal de teu Amor dai-me uma afetuosíssima devoção a Nossa Senhora.

Dai-me a graça para que eu possa repetir de verdade: "Meu viver é Cristo".

Fazei-me santo, e grande santo; em mim está a matéria-prima, mesmo sendo tantas as minhas misérias.

(Pg 29 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

10- Indique o dia, o mês, o ano, o Porto, o navio e os companheiros Oblatos de Pe. José Calvi que viajaram com ele como missionários para o Brasil.

No dia 16 de setembro de 1926, juntamente com o seus confrades, Pe. Emílio Martinetto, o qual já era missionário no Brasil, na cidade de Curitiba, desde 1919, o Pe. Alfonso Rivellino, o Pe. Carlos Ferrero e o irmão Teodoro Boiochi, embarcaram no Porto de Gênova com o transatlântico Júlio César. O padre José tinha apenas 25 anos e era o mais jovem do grupo, distinguindo-se pelo seu rosto quase imberbe, magro e com seus grandes olhos límpidos, aparentando mais um adolescente.

(Pg 35 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

11- Indique quais as devoções que Pe. Calvi incutia nos meninos do Abrigo dos Menores.

De fato, procurava desenvolver entre eles um sentimento religioso, proporcionando-lhes os mecanismos mais adequados para as suas idades, não deixando de incutir-lhes algumas devoções, particularmente à Eucaristia, a Nossa Senhora e a São José, realidades estas que os meninos apreciavam, como ele mesmo nos relata: “Um dia tirei para fora do nicho a estátua de São José e antes de recolocá-la no seu lugar, chamei os meninos para que viessem dar um beijo no santo. Todos acorreram e aquele beijo que deram na mão de São José foi como uma oração a fim de que cuidasse os seus corações inocentes”. Como um bom filho do Marelo, ele jamais se esquecerá do culto especial ao seu patrono, São José; por isso mesmo, dentro do Abrigo dos Menores, idealizou uma espécie de Irmandade de São José, para poder incutir naqueles jovens a devoção ao Santo Patriarca e para animá-los no caminho do bem.

(Pg 41- Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

12- Onde estava trabalhando o Pe. Calvi quando teve que ser internado pela primeira vez no Sanatório da Lapa e em que mês e ano foi internado? Ao ser internado ele escreveu ao Superior Geral e aos seus familiares; relate em poucas palavras o teor destas duas cartas.

Do Sanatório escreverá ao Superior Geral minimizando a gravidade de seu estado, dizendo-lhe: “Por favor, não diga nada a ninguém e não pense que é pior do que parece... e depois o médico me declarou clinicamente curado. Por isso rendamos graças a São José, a Nossa Senhora e ao Venerável Fundador, cuja relíquia, um fio de cabelo, trago sempre comigo. Esta mesma impressão ele a quis transmiti-la para os seus familiares, escrevendo-lhes que estava tirando um pouco de férias: “Agora me encontro provisoriamente fora de Curitiba, no interior, descansando um pouco. Os meus bons superiores me mandaram para cá e imaginem vocês o que devo fazer por obediência: ficar à toa, estar alegre, comer e dormir muito e engordar bastante. Talvez fique aqui um mês”.

(Pg 52 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

13- O Pe. Calvi tinha um estilo peculiar de fazer suas pregações; relate com suas palavras o exemplo que ele deu numa de suas pregações para indicar a necessidade de se comungar em estado de graça.

Para ensinar que todos deviam aproximar-se da eucaristia com o coração limpo, inclusive o celebrante, narrou numa de suas homilias este fato: “No ano de 1590 na cidade de Haete, bispado de Cuenca, na Espanha, um sacerdote de vida desonesta celebrava a missa, quando o sacristão ao servi-lo, ficou horrorizado ao vê-lo nu e com um demônio que se fazia de acólito nos degraus do altar. Ficando muito conturbado, recolheu-se na sacristia, mas dali não viu mais que o sacerdote estivesse nu e ficou com dúvidas sobre o que tinha visto no altar. Todavia confiou a alguns amigos o fato, os quais foram testemunhas no dia seguinte durante a missa do referido padre, de que este estava nu, tendo o diabo de acólito. Divulgou-se o fato pela cidade e no dia seguinte a Igreja estava repleta e todos viram aquela triste cena, somente o padre não percebia nada.

Um padre Jesuíta que esteve com o povo durante a missa do referido sacerdote, avisou em seguida ao infeliz padre, sobre a causa daquele concurso de gente, visto que antes eram duas ou três pessoas que costumavam ir à missa e a sua missa não tinha nenhuma concorrência. O referido padre aceitou a comunicação, confessou-se com lágrimas e fez penitência e a partir de então todo aquele povo podia ver aquele mesmo padre rezar a missa com ricos paramentos, tendo dois anjos de coroinhas, recuperando, desta maneira, a honra perdida”.

(Pg 64 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

14- Na última vez em que esteve no Sanatório, no ano de 1936, numa das últimas cartas suas ao Superior Geral, descreveu um pouco os resultados de seus exames médicos. Qual era o órgão comprometido e qual era o seu maior desejo expresso ao superior Geral?

Logo que reiniciou o tratamento recebeu dos médicos o resultado do seu exame radiológico e ele mesmo se encarregou de escrever ao Superior Geral comunicando-lhe a sua condição. Nesta sua comunicação assim se expressava: “O pulmão direito está um pouco comprometido, e o esquerdo, na parte de cima não

está totalmente livre. Peço ao Senhor a graça de não morrer sufocado, tendo a tosse, que às vezes me impede de respirar”. Conclui a sua carta acrescentando: “O Senhor faz sempre o bem como lhe parece; Ele permitiu-me tudo para o meu bem e aquilo que Ele quer e aquilo que ele quererá eu aceito de coração. O meu maior desejo é que tudo me sirva de penitência”.

(pg 71- Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

15 – Qual a devoção que Pe. Calvi levou entre os doentes do Sanatório?

A sua volta ao Sanatório não fez desaparecer o seu temperamento alegre e sereno, pois nunca era encontrado desanimado ou com sinal de tristeza. Além desta sua característica, um sinal de sua inabalável fé, mesmo nos sofrimentos, era o seu grande amor ao Sagrado Coração de Jesus. De fato, procurará inculcar esta devoção entre os doentes do Sanatório, escrevendo um folheto intitulado “Guia da Salvação”, onde explicava sobre as nove comunhões das primeiras sextas-feiras do mês que ele o fez publicar e se difundiu rapidamente. Esta bela iniciativa de divulgação desta devoção demonstrava, portanto, o seu elevado amor ao Sacratíssimo Coração de Jesus, do qual era devoto fervorosíssimo.

(Pg 71 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

16- Indique o mês e ano do início do internamento de Pe. Calvi no Sanatório de Lapa e o último dia de sua vida em que ele ficou neste Sanatório.

Desde seu internamento, ou seja, de abril de 1936 até 26 de setembro de 1943, data de sua morte...

(Pg 75 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

17- Qual foi a alegação do médico diretor do Sanatório para dizer por que o Pe. Calvi não se curava de sua doença?

O médico diretor do Sanatório, naquela época, Dr. Pedro Chavier Gonçalves, afirmou muitas vezes, que o Pe. José não sarava porque durante as altas

horas da noite se levantava para assistir os doentes graves asseverando que ele preocupava-se mais com outros do que consigo mesmo.

(Pg 72 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

18- O Pe. Calvi comia as frutas que recebia das visitas? Por quê?

Geralmente os doentes de tuberculose gostam muito de frutas. Sempre as levava para ele, mas antes que eu abrisse o pacote, pedia-me licença para distribuí-las, e diante de toda a minha insistência para que ele as comesse, com pesar, conservava para si uma pera ou uma maçã, e não sei se a mantinha, porque sentia mais satisfação depois em doá-la aos outros. Gastou todas as suas forças até o último para o bem das almas dos pobres doentes.

(Pg 72 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

19- Padre Calvi possuía certo tipo de premonição? Indique-a.

Durante as minhas visitas a ele, eu me aproximava da porta do seu quarto e batia para ter a permissão de entrar. Logo à primeira batida ele respondia, dizendo: “Pode entrar Januário”. Logo que nos saudávamos, pedia-me para se sentar e depois dizia-me: “Segunda-feira você teve uma discussão com um seu amigo por razão fútil. Terça-feira desejava fazer uma viagem, mas depois decidiu de não realizá-la. Quarta-feira você tinha um projeto para executar, mas acertou em não realizá-lo. Quinta-feira você queria escrever-me, mas depois você decidiu de vir hoje visitar-me”. E continuava dizendo tudo aquilo que exatamente tinha me acontecido durante os dias da semana. Com antecedência já sabia o dia no qual eu teria ido visitá-lo e aquilo que se sucedia exatamente. Muitas vezes, até preparava para mim alguma lembrança e, quando a entregava a mim dizia-me: ‘Eu sabia que hoje você viria’.

(Pg 74 – Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

20- Dentre os vários exemplos de sua pobreza, indique aquele que ele achava que as roupas que recebera eram de muito luxo.

Demonstrava um verdadeiro espírito de pobreza para viver o verdadeiro espírito de consagração e para não pesar a ninguém. Certa vez recebeu de seus confrades um pacote de roupas novas e ele, com muita gentileza, mandou entregá-las, pedindo que fossem trocadas por usadas. “A roupa era bonita, mas de luxo. As que me mandar sejam simples e mais compridas... esta é uma roupa luxuosa demais”.

(Pg 75- Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

21- Qual foi a sua razão quando, por ocasião de um retiro aos doentes do Sanatório, pediu ao pregador de não abordar a reflexão sobre os Novíssimos?

Preocupava-se em não ofender ninguém e também de que os outros não fossem ofendidos ou passassem por situações que pudessem ofender o ânimo. O exemplo disso foi a sua preocupação de conversar com um jovem sacerdote que por ocasião da páscoa de 1943 vinha pregar um retiro espiritual aos doentes do Sanatório. Este iria abordar uma reflexão sobre os Novíssimos (Morte, Juízo, Inferno, Paraíso). Sendo que naqueles dias havia acontecido vários falecimentos de doentes dentro do Sanatório e isso tinha abalado o ânimo de todos, ele pediu ao pregador de não abordar a referida reflexão pois iria assustar ainda mais aos doentes, que, ao invés, expusesse temas consoladores do cristianismo.

(Pg 76- Um Apóstolo entre os Tuberculosos)

22- O que o Irmão Lino dal Castagnè pensava de Calvi?

Irmão Lino dal Castagnè (21) se recorda quando ele ia, durante as férias, passar um pouco de tempo na fazenda de sua família em Casabianca: "Posso atestar que gostávamos muito da sua companhia e que seu aspecto juvenil e sereno e seu sorriso angelical suscitavam pensamentos santos, tanto que dizia-nos: 'Que pessoa boa é o Ir. José Calvi! Parece um São Luís!' Em mim nasceu até o pensamento que ele fosse isento do pecado original, tanto era a compostura em cada ato seu e a modéstia que transparecia da sua pessoa".

(Pg 26 – P. Giuseppe Calvi)

23- Padre Luiz Garberoglio, que foi o diretor espiritual de Calvi, como o testemunhou?

Padre Luís Garberoglio, seu confessor e diretor espiritual nos anos do Noviciado e do Estudantado, é uma testemunha de particular importância que precisa ser conhecida para deixar menos incompleta a figura do Pe. José Calvi.

"Sempre admirei nele - diz Pe. Garberoglio - uma piedade profunda, uma humildade sincera, uma modéstia angelical, uma caridade indulgente, uma confiança filial em seus superiores, aos quais não tinha segredos.

Vivia de fé, e para ele os superiores eram verdadeiramente os representantes de Deus, e por isso mesmo como que os seus pais.

Recordo que quando ele era clérigo e também depois, quando já era sacerdote, quase todos os dias vinha espontaneamente ao meu escritório para confidenciar-me cada pensamento que lhe passava pela mente. Era de uma delicadeza de consciência admirável naquele tempo, e ainda agora estou convencido de que ele conservou até à morte a inocência batismal".

(Pg 27- P. Giuseppe Calvi)

25- Quantos anos o Pe. Calvi trabalhou em Paranaguá?

Padre José Calvi permaneceu três anos em Paranaguá, que foram suficientes para fazê-lo conhecer e estimar toda a população. Dirigia a Congregação Mariana, que era bastante numerosa, organizava o catecismo das crianças, tinha três ou quatro reuniões semanais com várias associações religiosas.

(Pg 45- P. Giuseppe Calvi)

26- Em que dia e ano morreram os pais de Pe. Calvi?

Ao encontro marcado pelo Pe. José com seus familiares chegaram primeiro os pais, quase ao mesmo tempo: a mãe em 28 de fevereiro e o pai em 13 de março de 1942.

(Pg 93 – P. Giuseppe Calvi)

27 – Em qual mês e ano Pe. Calvi foi transferido de Paranaguá para Água Verde?

No mês de abril de 1933, Pe. José foi transferido para Água Verde, então periferia de Curitiba, capital do Paraná.

(Pg 49 – P. Giuseppe Calvi)

28 – No dia 24 de janeiro de 1936, Pe. Calvi foi internado no Sanatório; quando chegou lá, quantos quilos ele pesava e qual era a causa do cansaço de seus pulmões?

Em 24 de janeiro de 1936, Pe. José devia ser transportado ao Sanatório da Lapa. O padre João Siccardi, ao dar notícias sobre ele, anotava que "quando chegou lá, pesava 44 kg; por enquanto deve evitar qualquer esforço em falar porque justamente esta foi a causa do cansaço de seus pulmões: a excessiva vontade de pregar foi o seu mal".

(Pg 52 – P. Giuseppe Calvi)

29 – Quais foram os testemunhos de Irmã Maria Pedra e de Pe. João Bagozzi sobre o desapareço e a bondade de Pe. Calvi?

"Estando mais ou menos há dois anos de serviço no mesmo sanatório - testemunha Irmã Maria Pedra - tive ocasião de observar as suas raras virtudes. Muitas e muitas vezes notei que se privava dos alimentos melhores para distribuí-los aos enfermos mais pobres".

Também das pequenas coisas, às quais eram ligadas doces recordações ou santos afetos, era desapegado, e não hesitava em desfazer-se delas se com aquilo podia alegrar o próximo.

Desse desprendimento teve uma prova tocante o confrade Pe. João Bagozzi. Encontrava-se ele no quarto de Pe. José e o seu olhar se pôs a admirar uma bela estatueta de São José.

- Gostou? – perguntou-lhe Pe. José.
- É muito expressiva! - respondeu Pe. João.
- Se quiser, pode levá-la!
- Obrigado, mas não quero que o senhor se prive dela!

No dia da ida para o Sanatório, entrando no quarto para pegar a mala, junto a esta Pe. Bagozzi vê a estatueta que Pe. José lhe havia presenteado.

(Pg 83-84 P. Giuseppe Calvi)

30- Em que dia, mês e ano, em que cidade, em que Igreja e com quantos colegas Calvi foi ordenado?

No dia 29 de maio de 1926, com outros seis confrades e um clérigo do seminário diocesano, na vigília do encerramento do Congresso Eucarístico Diocesano, na majestosa Catedral de Asti, José Calvi foi ordenado sacerdote.

(Pg 28 – P. Giuseppe Calvi)

Material foi tirado da documentação recolhida acerca da fama de santidade do Servo de Deus Pe. José Calvi e faz parte do seu Processo Diocesano de Beatificação.

